

EXCLUSIVO 12 PÁGINAS



veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2432 - ano 48 - nº 26
1º de julho de 2015

À SOMBRA DO DELATOR

VEJA teve acesso aos espantosos
relatos que levaram o STF a
aceitar a delação premiada
do empreiteiro Ricardo Pessoa

EXEMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA



Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022

SAC - Alô Bradesco: 0800 704 8383

SAC - Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099

Ouvidoria: 0800 727 9933

bradesco.com.br @Bradesco facebook.com/Bradesco



Determinação é BRA.

Leve o
espírito
olímpico
para a
sua vida.



PATROCINADOR
OFICIAL

TM Rio 2016 | Todos os direitos reservados.



Bradesco

Tudo de BRA para você.

CHEGOU O DISCOVERY SPORT.

O CARRO QUE FALTAVA PARA QUEM NASCEU COM O DNA DA AVENTURA.

WUNDERMAN



Serra da Capivara - PI

O Brasil está cheio de lugares inacreditáveis. E agora tem o carro perfeito para você descobrir cada um deles com todo o conforto, a elegância e a capacidade que só um Land Rover pode proporcionar. São até 7 lugares¹, Sistema Terrain Response, teto panorâmico², novo sistema de entretenimento Meridian³ e o exclusivo Serviço Premium, que garante 5 anos de revisão por apenas R\$ 990,00⁴.

Novo Discovery Sport. A aventura está em nosso DNA.

1. Sete lugares é um item opcional em todas as versões do Discovery Sport. 2. Teto panorâmico opcional na versão Discovery Sport SE. Consulte o seu concessionário para verificar a disponibilidade do item na versão preferida. 3. Básica, conforme o plano de manutenção padrão da Jaguar Land Rover. O programa é válido para o período de 5 anos ou 70.000 km, o que ocorrer primeiro. Está incluso no pacote: óleo de motor, filtro do óleo do motor, de para-brisa. O Serviço Premium Land Rover é válido em todo o território nacional. O cliente pode aderir ao programa do momento da compra do carro novo até a primeira revisão. O Serviço Premium Land Rover não



ABOVE & BEYOND



Não cidade: somos todos pedestres.



Vá até a concessionária mais próxima e faça um test drive.

landrover.com.br



3. Sistema de som Meridian opcional na versão Discovery Sport HSE e item de série na opção Discovery Sport HSE Luxury. 4. Com o Serviço Premium Land Rover, o cliente estará adquirindo 5 anos (5 revisões) de manutenção filtro de ar, filtro do ar-condicionado, fluido de freio e a mão de obra para a troca destes componentes. Não estão incluídas peças de desgaste como, por exemplo, pastilhas de freio, discos de freio ou palhetas do limpador altera a cobertura de Garantia contratual da Land Rover que é de 3 anos ou 100.000 km, o que ocorrer primeiro. Para mais informações, entre em contato com um concessionário Land Rover. Condição válida até 31/08/2015.

- 10 | **Carta ao Leitor**
- 15 | **Entrevista** Umberto Eco
- 22 | **Claudio de Moura Castro**
- 24 | **Mailson da Nóbrega**
- 27 | **Leitor**
- 29 | **Blogosfera**

Eco: "Na internet, o imbecil pode opinar sobre tudo o que não entende" **PÁG. 15**



GETTY IMAGES

Panorama

- 30 | **Imagem da Semana**
- 31 | **Datas**
- 32 | **Conversa com Robson** Trindade
- 32 | **Números**
- 33 | **SobeDesce**
- 34 | **Radar**
- 36 | **Veja Essa**

Brasil

- 38 | **Operação Lava-Jato**
Exclusivo: a bombástica delação premiada do empreiteiro Ricardo Pessoa

- 50 | **Mistério:** acusado telefona para o Instituto Lula no momento de sua prisão
- 52 | **Eleições** O PT no volume morto

Economia

- 56 | **Conjuntura** Especialistas analisam quando a economia vai parar de afundar
- 62 | **Justiça** O processo dos investidores estrangeiros contra a Petrobras

Internacional

- 66 | **Estados Unidos** A disputa republicana mais concorrida da história
- 67 | **Terrorismo** Os novos atentados islâmicos na França e na Tunísia

Geral

- 68 | **Gente**
- 70 | **Vida digital** A chegada da chinesa Xiaomi ao Brasil
- 72 | **Saúde** A eterna obesidade dos americanos
- 76 | **Gustavo Ioschpe**

As revelações explosivas de Ricardo Pessoa que chegaram ao STF
PÁG. 38

Livros de colorir: atraindo gente grande e dinheiro
PÁG. 86

PAULO VITALE



PAULO LESBOA/BRAZIL PHOTO PRESS



veja.com

IMAGENS

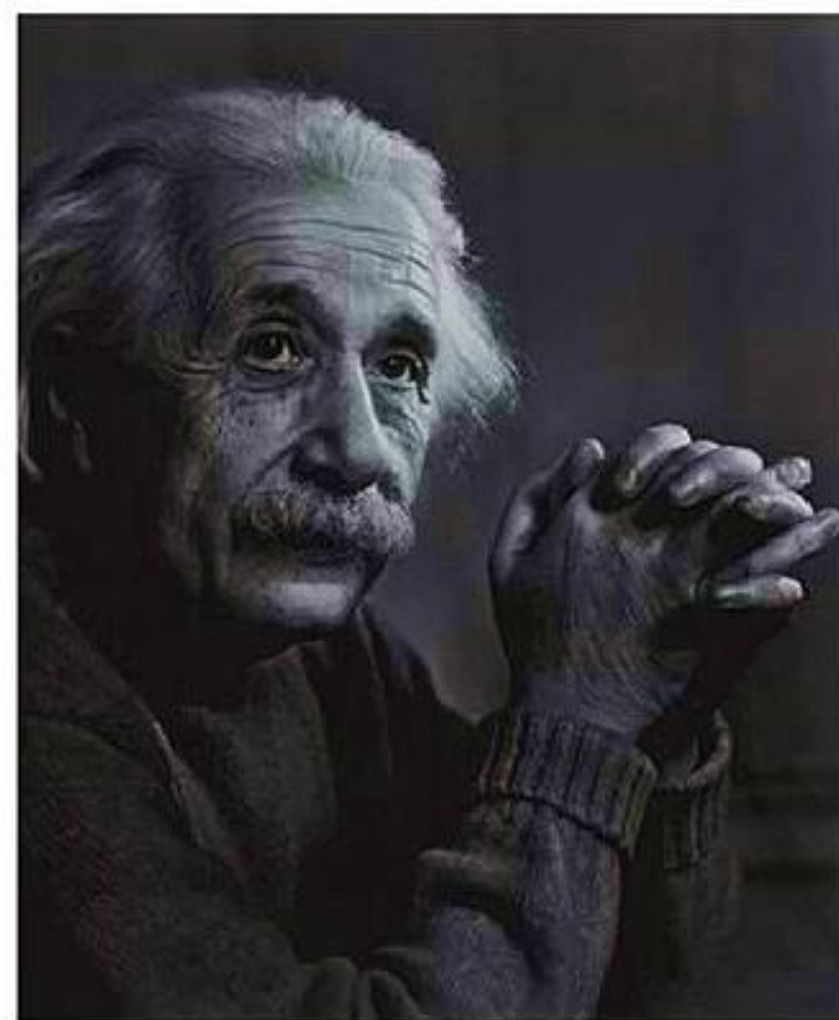
O Vulcão Monte Sinabung, o mais ativo da Indonésia, entra em erupção



FOTOS BEA WIRTHA/REUTERS

CIÊNCIA DE QUALIDADE (NÃO QUANTIDADE)

Em 1905, um único artigo de três páginas revolucionou a ciência. Nele, o alemão **Albert Einstein**, então mero atendente em um escritório de patentes, enunciou a equivalência de massa e energia ao esboçar a fórmula $E = mc^2$, pilar da teoria da relatividade e de toda a física moderna. Se vivesse hoje, Einstein provavelmente seria fechado em um laboratório e obrigado a publicar não um, mas dezenas de longos (e irrelevantes) artigos anuais para obter financiamento para seus estudos. A revista *Science* dedicou-se em edição recente a debater o atual estágio das pesquisas acadêmicas. Hoje, pesquisadores vivem um cenário em que a quantidade de trabalhos divulgados vale mais que sua qualidade. Reportagem do site de VEJA discute esse dilema e mostra como ele promove falhas, fraudes e plágios em pesquisas científicas.



CAMERA PRESS



Jeb Bush: um dos pré-candidatos republicanos à Casa Branca **PÁG. 66**



Monica Baumgarten de Bolle: recuperação lenta da economia do Brasil **PÁG. 56**

80 | **Sociedade** A nova nobreza brasileira

Artes & Espetáculos

86 | **Livros** Os exemplares de colorir para adultos salvam o mercado editorial da crise

90 | **O Clíque de 1 Bilhão de Dólares**, de Filipe Vilicic

92 | **Música** O relançamento da edição especial de *Sticky Fingers*, disco histórico dos Rolling Stones

94 | O maestro Iván Fischer apresenta-se no Brasil

95 | **Cinema** *Rainha & Pais*, de John Boorman

95 | *Minions*, o filme dos personagens amarelinhos

96 | **Veja Recomenda**

97 | **Os livros mais vendidos**

98 | **J.R. Guzzo**

MÚSICA EM NÚMEROS

Informações sobre músicos, difundidas em serviços de streaming, redes sociais e sites como YouTube e Wikipédia, hoje são reunidas por empresas especializadas em análise de big data. Companhias como The Echo Nest, Next Big Sound e Musicmetric são capazes de fazer recomendações a usuários de serviços de streaming, descobrir quais artistas — como já fizeram com **Sam Smith** — serão os novos queridinhos do público e fornecer dados valiosos para o planejamento de campanhas de marketing e turnês. Reportagem do site de VEJA mostra como essas empresas planejam revolucionar o meio musical.



PROPOSTA RADICAL

O lançamento do livro *O Capital no Século XXI*, do francês Thomas Piketty, direcionou holofotes a um tema que até pouco tempo atrás não estava no centro da pesquisa econômica: a desigualdade. Mas o sucesso de Piketty ofuscou estudiosos que há cinquenta anos analisam o abismo entre pobres e ricos, como o britânico **Anthony Atkinson**, que acaba de lançar *Inequality: What Can Be Done?*, ainda sem previsão de tradução para o português. Se confrontado com Atkinson, Piketty pode ser chamado de conservador. O britânico propõe que os Estados garantam emprego e salário à população. Em entrevista ao site de VEJA, ele explica suas propostas.



DIVULGAÇÃO



SÃO 100 PRÊMIOS DE 1 MILHÃO DE MILHAS.

Quanto mais você viajar, mais chances tem de ganhar.

Para participar, basta comprar sua passagem no site da GOL e se cadastrar em www.100milhoesdemilhas.com.br

Passagens a partir de 5x

R\$ **17,18**,

R\$ **85,90** à vista por trecho

GOL

Linhas aéreas inteligentes

www.voegol.com.br

Termos e Condições: Tarifa Família Programada. Antecedência de compra: mínimo de 20 dias da data do voo. Não é válido para compras em lojas de aeroportos. Tarifas sujeitas à disponibilidade de assentos na aeronave e sujeitas a alterações sem prévio aviso. Quantidade mínima por trecho: 10 assentos. Para mais informações, consulte o site www.voegol.com.br. Certificado de Autorização Caixa nº 4-1177/2015. Promoção válida aos passageiros cadastrados no Smiles, que adquirirem e utilizarem as passagens de ida e volta da GOL no período de 18/6/2015 a 31/7/2015. Para concorrer, os passageiros deverão acessar o website www.100milhoesdemilhas.com.br, realizar o seu cadastro, fornecendo os dados pessoais e informando o código localizador de sua reserva. Não serão válidos para participar da promoção os bilhetes emitidos por meio de milhas resgatadas do programa Smiles GOL. Para mais informações, acessar www.100milhoesdemilhas.com.br.



Lucker

Mitrac

Vigor Frutas Vermelhas.



VIGOR GREGO
O PREFERIDO DO BRASIL



remosso

Experimente.



VIGOR
GREGO

Bem feito como deve ser.

A serviço dos governados

O jornalismo de VEJA esteve na vanguarda da apuração de todos os grandes estremecimentos políticos do Brasil contemporâneo. Os repórteres da revista foram responsáveis pelas mais decisivas revelações, da queda de Collor, em 1992, ao petrolão, passando pelo estouro das quadrilhas que se locupletavam de dinheiro público nos escândalos conhecidos como Anões do Orçamento, Sanguessugas — e, com ainda mais preponderância, no mensalão.

Desde que os procuradores, os policiais federais e o juiz Sergio Moro começaram a iluminar os labirintos escuros do esquema de corrupção na Petrobras, os leitores da revista foram os primeiros a saber das grandes revelações do que viria a celebrar-se como a Operação Lava-Jato. Isso se deve ao talento, dedicação e coragem da equipe liderada por Policarpo Junior, redator-chefe de VEJA e chefe da sucursal de Brasília. Policarpo, Rodrigo Rangel, Robson Bonin, Daniel Pereira, Adriano Ceolin e Hugo Marques são epítomes do jornalismo investigativo, atividade que o juiz Moro reconheceu recentemente como um dos mais valiosos instrumentos “de controle dos governantes pelos governados”.

Em pouco mais de um ano, a apuração do petrolão resultou em 24 capas e dezenas de reportagens sobre o caso, num total



Policarpo (no centro) e, da esquerda para a direita, sua equipe: Rodrigo, Robson, Daniel, Adriano e Hugo Marques

de 278 páginas, das quais brotaram notícias de primeira mão, os “furos”, no jargão jornalístico, antecipando valiosas informações com as quais os leitores de VEJA puderam situar-se em relação a questões complexas e graves.

Entre tantas descobertas, VEJA noticiou com exclusividade o conteúdo das delações premiadas de Paulo Roberto Costa, ex-diretor de Abastecimento da Petrobras, e do doleiro Alberto Youssef. Uma reportagem especial desta edição dá sequência a esses feitos, com a revelação dos espantosos relatos que compõem a delação do empreiteiro Ricardo Pessoa, da UTC, homologada na semana passada pelo ministro Teori Zavascki, do Supremo Tribunal Federal. Os governantes nem sempre apreciam, mas os governados podem sempre contar com a imprensa livre e suas investigações.

► **Se a capacidade
de inovar
é importante
para as pessoas,
imagine
para um país?**

**A inovação traz o futuro.
E o futuro passa pela
química e pelo plástico.**

Para a Braskem, inovar é a sua maneira de atuar em um mundo que precisa, cada vez mais, de boas ideias para sobreviver e se perpetuar. Com um investimento de 230 milhões de reais em pesquisa e desenvolvimento, 23 laboratórios e 2 grandes centros de pesquisa, a Braskem foi eleita em 2014 uma das 50 empresas mais inovadoras do mundo pela Fast Company. O Plástico Verde, Desafio de Design Odebrecht Braskem, Braskem Labs são exemplos de produtos e projetos da Braskem que, através da química e do plástico, ajudam a melhorar a vida das pessoas.

Braskem

CUIDAR
DO QUE É SEU
VALE MUITO.

CUIDAR
DO QUE É
DE TODOS
VALE MAIS.



MAIS DO QUE OLHAR, ENXERGAR COM INTERESSE O MUNDO E AS
PESSOAS A NOSSA VOLTA. PRESTAR ATENÇÃO A SÉRIO, DE VERDADE,
EM TUDO O QUE FAZEMOS. E COMO FAZEMOS. PENSAR NO RESULTADO
DAS NOSSAS DECISÕES E AÇÕES NO MEIO AMBIENTE E NA VIDA DAS
PESSOAS. PREOCUPAR-SE EM PRODUZIR BENEFÍCIOS, NÃO IMPACTOS.
DESENVOLVER PRODUTOS DE CUIDADOS COM O LAR E A FAMÍLIA, QUE
ENTREGUEM MAIS BENEFÍCIOS DO QUE CUSTOS. BENEFÍCIOS PARA NÓS,
PARA VOCÊ, PARA O LUGAR ONDE VIVEMOS. ESSE CUIDADO ESTÁ
EM CADA EMBALAGEM DA YPÊ QUE MILHÕES DE BRASILEIROS LEVAM
PARA CASA TODO DIA. QUEM USA, CUIDA.



VALE MAIS CUIDAR



vivo

**Na gaveta,
seu aparelho
antigo
se perde.**

SAMSUNG

**Na Vivo,
ele se
renova.**

Samsung Galaxy S6 edge

12x de R\$ 213

no SmartVivo 8 GB

Samsung Galaxy S6

12x de R\$ 140

no SmartVivo 6 GB



VivoRenova

Ganhe desconto
de até R\$ 1.800
na compra do Samsung
Galaxy S6 e S6 edge.



Powered by
4G>>>

Telefônica

vivo Conectados vivemos melhor.



Os valores informados referem-se às parcelas dos aparelhos Samsung Galaxy S6 - 12X de R\$ 139,92 (à vista: R\$ 1.679,00) se habilitado no plano SmartVivo 6 GB com desembolso mensal de R\$ 349,99/mês, e Samsung Galaxy S6 edge - 12X de R\$ 212,42 (à vista: R\$ 2.549,00) se habilitado no plano SmartVivo 8 GB com desembolso mensal de R\$ 439,99/mês. Válido para clientes de outras operadoras que realizarem a portabilidade e para clientes Vivo, não fidelizados, que contratarem, ou estejam ativos em um dos planos participantes. Aparelhos parcelados em 12X, sem juros, válido para pagamento com cartão de crédito, sujeito a análise de crédito e permanência mínima de 12 meses. Oferta válida até 11/7/2015. Oferta de aparelhos e planos válidos para o Estado de SP (DDD 11). Aparelhos limitados ao estoque. Para navegar na rede 4G, é necessário ter o plano 4G, o chip USIM, um aparelho LTE com frequência de 2,5 GHz e estar em uma área com cobertura 4G. Após atingir o limite de dados do pacote contratado a internet é bloqueada. Valores sujeitos a alterações seguindo a legislação vigente. O desconto adquirido deve ser utilizado imediatamente e será proporcional ao modelo e ao estado de conservação do aparelho usado. O desconto não poderá ser revertido em dinheiro (espécie) para os clientes, em desconto na fatura ou na aquisição de qualquer outro produto que não seja smartphone, modem ou tablet. Cliente que comprar até 31/7/2015 os aparelhos Samsung Galaxy S6 e Samsung Galaxy S6 edge através do Vivo Renova receberá um desconto adicional no valor final do aparelho adquirido, conforme tabela definida pela Vivo. Para saber os aparelhos e as lojas participantes consulte nas Lojas Vivo ou no site www.vivo.com.br/vivorenova. Serviço disponível em todo o Brasil, com exceção do ES. Mais informações em vivo.com.br. Imagens meramente ilustrativas.

A conspiração dos imbecis

O escritor italiano diz que a internet dá voz a todo tipo de opinião desqualificada — e que o jornalismo, tema de seu novo romance, deve atuar como um filtro para o que se lê na rede

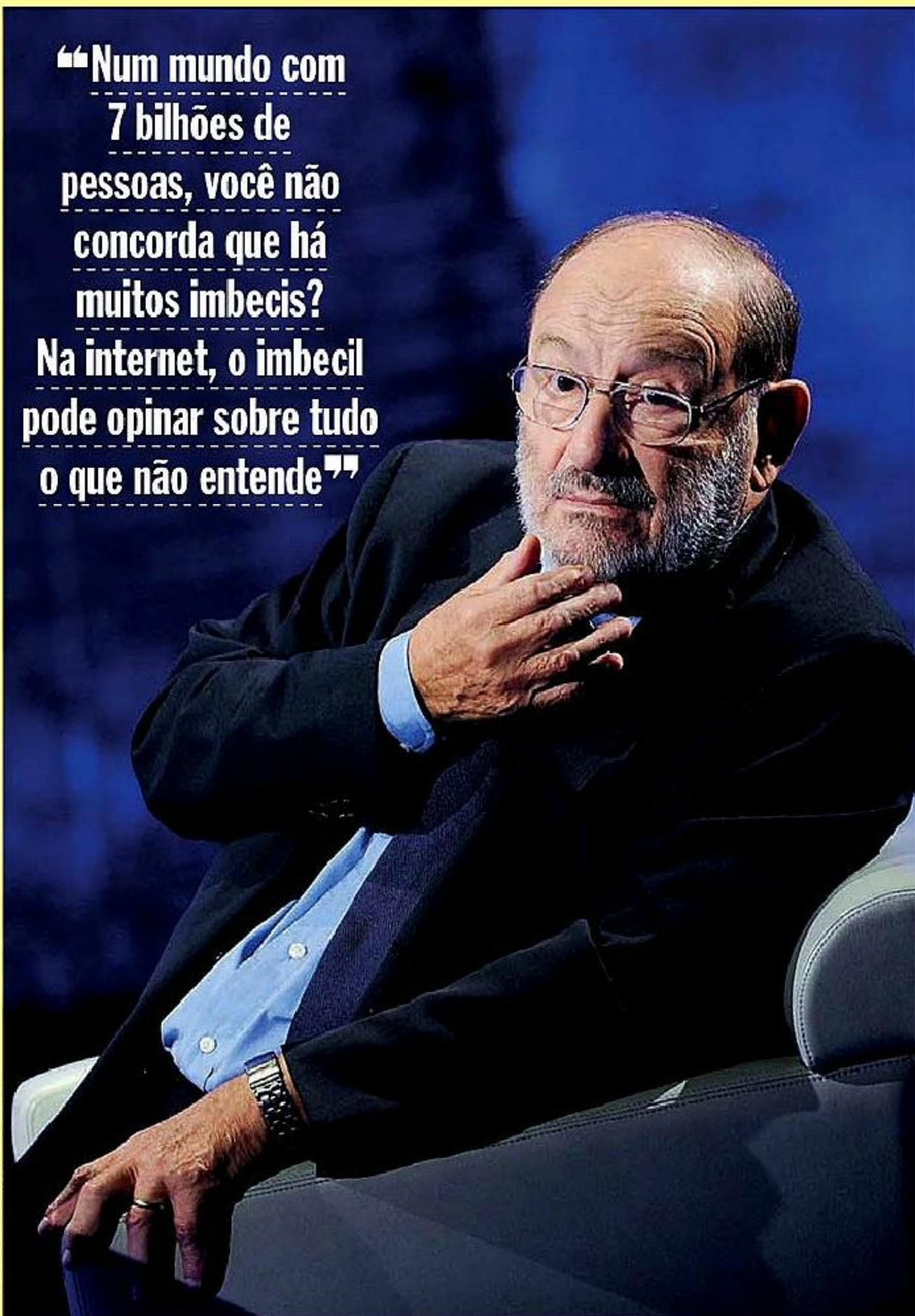
O Castelo Sforzesco, em Milão, preserva tesouros da arte italiana, como a *Pietà Rondanini*, de Michelangelo. Um dos sóbrios edifícios residenciais em frente ao castelo abriga outro tesouro italiano: Umberto Eco, filósofo, crítico literário e romancista traduzido em mais de quarenta idiomas. O autor de *O Nome da Rosa*, romance ambientado na Idade Média que vendeu mais de 30 milhões de exemplares, lançou neste ano *Número Zero* — que chega ao Brasil nesta semana, pela Record —, um retrato crítico do jornalismo subordinado a interesses políticos. Na casa milanesa, onde conserva uma biblioteca de 30 000 livros (há outros 20 000 em sua residência em Urbino), Eco, 83 anos, recebeu VEJA para falar de jornalismo, internet, conspirações e, claro, literatura.

Foi um estrondo a sua declaração, em uma cerimônia na Universidade de Torino, de que a internet dá voz a uma multidão de imbecis. O que o senhor achou da dimensão que o assunto tomou? As pessoas fizeram um grande estardalhaço por eu ter dito que multidões de imbecis têm agora como divulgar suas opiniões. Ora, veja bem, num mundo com mais de 7 bilhões de pessoas, você não concordaria que há muitos imbecis? Não estou falando ofensivamente quanto ao caráter das pessoas. O sujeito pode ser um excelente funcionário ou pai de família, mas ser um completo imbecil em diversos assuntos. Com a internet e as redes sociais, o imbecil passa a opinar a respeito de temas que não entende.

Mas a internet tem seu valor, não? A internet é como Funes, o memorioso, o personagem de Jorge Luis Borges: lembra tudo, não esquece nada. É preciso filtrar, distinguir. Sempre digo que a primeira disciplina a ser ministrada nas escolas deveria ser sobre como

“Num mundo com
7 bilhões de
pessoas, você não
concorda que há
muitos imbecis?
Na internet, o imbecil
pode opinar sobre tudo
o que não entende”

STEFANIA DALESSANDRO/GETTY IMAGES



SAIA DO AUTOMÁTICO.
EXPERIMENTE A LINGUIÇA
CALABRESA SEARA.
A QUALIDADE VAI TE

SURPREENDER.





WAGGANN | SEARA



Defumada
Naturalmente



Imagens Ilustrativas.

usar a internet: como analisar informações. O problema é que nem mesmo os professores estão preparados para isso. Foi nesse sentido que defendi recentemente que os jornais, em vez de se tornar vítimas da internet, repetindo o que circula na rede, deveriam dedicar espaço para a análise das informações que circulam nos sites, mostrando aos leitores o que é sério, o que é fraude. Será que os jornais estão prontos para isso? A crítica da internet exige um novo tipo de expertise, mesmo para os jornais. E isso é muito importante para os jovens, pois eles não têm, aos 15, 16 anos, os conhecimentos necessários para filtrar as informações a que têm acesso na rede. Ora, assim como quem lê diversos jornais acaba aprendendo a distinguir as abordagens distintas de cada um deles, os jovens hoje precisam aprender a buscar essa variedade de abordagens nos sites que frequentam.

O jornalismo — que é tema de seu novo romance, *Número Zero* — consegue desempenhar melhor essa tarefa crítica antes da internet? A crise do jornalismo começa nos anos 50, com a televisão. Antes disso, os jornais diziam, pela manhã, o que havia acontecido no dia anterior, ou até mesmo na noite anterior. Os próprios nomes indicavam um pouco isso: o italiano *Corriere della Sera*, o francês *Le Soir*, o inglês *Evening Post*. Depois da televisão, os jornais passaram a dizer, pela manhã, o que as pessoas já sabiam. Eles deveriam ter mudado — e não mudaram. Mudar, naquele contexto, significaria reduzir o número de páginas, mas, em vez disso, os jornais ampliaram o tamanho, sobretudo por razões de publicidade. Ora, como preencher esse espaço? Três possibilidades. Primeira: aprofundar a informação através de análises e comentários. Alguns jornais foram por esse caminho, com maior ou menor êxito, como o *New York Times*. Segunda possibilidade: a pura fofoca, que foi o caminho de certos jornais britânicos. Terceira: a repetição das mesmas notícias. Há dois dias, um garoto sul-americano atacou um controlador de trem aqui em Milão

“Os jornais, em vez de se tornar vítimas da internet, repetindo o que circula na rede, deveriam dedicar espaço para a análise das informações. Mas a crítica da internet exige uma nova expertise, mesmo para os jornais”

com um machado. É uma informação que pode ser dada em uma pequena coluna. No entanto, você olha os jornais e lá estão páginas inteiras sobre o assunto. Pode até ser divertido, enquanto tomo o café, ler mais detalhadamente uma matéria mais longa. Acredito que Hegel estava certo: a leitura dos jornais de manhã é a oração do homem moderno.

Em alguns de seus romances anteriores, como *O Pêndulo de Foucault*, as teorias da conspiração estavam no centro da trama. Em *Número Zero*, no entanto, o senhor faz um uso diverso das conspirações. Por quê? Há um personagem paranoico, Braggadocio, que constrói a sua própria conspiração, com um elemento inventado: Mussolini não teria sido executado. Fora isso, todos os fatos que relato em *Número Zero* pertencem à categoria das conspirações reais. A característica de uma conspiração verdadeira é que ela é invariavelmente descoberta. Houve uma conspiração para matar Júlio César, e todos sabemos. O perigo está nas conspirações falsas, pois você não consegue desmentir-las — mas elas se prestam à manipulação: quem quiser tirar proveito delas poderá montar

contraconspirações muito reais. Foi o que Hitler fez, propagando a falsa conspiração dos judeus, dos Protocolos dos Sábios de Sião.

As conspirações de *Número Zero*, então, são fatos históricos? Todos perfeitamente descobertos. Ainda é difícil saber quem era culpado, mas ninguém nega hoje, por exemplo, o plano do Golpe Borghese (*golpe de direita desbaratado na Itália nos anos 70*). O que me surpreende nos fatos todos que eu relato no livro não é que eles tenham realmente acontecido, mas sim o modo como o país inteiro aceitou tudo passivamente. Essas informações entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Ficamos sabendo de todas essas coisas e ninguém se desesperou.

“Somos um povo de punhais e venenos, estamos vacinados”, diz uma das personagens a certa altura. O problema está nessa resignação, então? Sim, essa é a tragédia. No meu livro, falo da tragédia da história recente da Itália, mas acho que consigo sugerir que é um problema que diz respeito a outros países também. É, de certa forma, a memória da mídia e o modo como ela funciona: o que é publicado com escândalo hoje dissolve-se nos próximos dias. Pegue um exemplo célebre: durante algum tempo, os jornais exploram continuamente escândalos que envolvem pedofilia. Depois de certo tempo, o assunto começa a desaparecer, até que nenhum veículo tem mais nada a noticiar sobre o assunto. Os pedófilos deixaram de existir? Certamente não, mas nenhum jornal pode insistir nas mesmas notícias por muito tempo. Então, os jornais são obrigados a produzir a perda da memória, criando, assim, um presente eterno em que o passado é constantemente esquecido.

O personagem do comendador Vimercate, o dono do jornal usado para escusos fins políticos em *Número Zero*, é baseado no ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi? Essa é uma pergunta que me foi feita em todas as entrevistas. Veja bem, o mundo está repleto de ti-

pos como o comendador Vimercate. Rupert Murdoch, por exemplo? Obviamente, é possível encontrar certas analogias com Berlusconi, ainda que ele seja muito mais importante e mais esperto que o comendador Vimercate. O problema é que, sempre que se têm, como é o caso na Itália, jornais que não pertencem a um grupo exclusivamente dedicado à área de comunicação — a exemplo da família Ochs Sulzberger, do *New York Times* —, o jornalismo e a informação saem prejudicados. Tomemos um episódio recente: acabaram de revelar que na direção do *Corriere della Sera* há industriais da Fiat. É quando percebemos que o mundo está cheio de comendadores.

A internet é um meio propício à divulgação de teorias conspiratórias. Isso muda algo na consideração do tema em suas obras de ficção? Sempre tive a convicção de que escrever um livro — um romance, em particular, mas qualquer livro, na verdade — é construir seu próprio leitor, é dizer “você deve se tornar isto”. Mesmo que isso seja, como é de fato, impossível. Depois de ter escrito *O Pêndulo de Foucault*, que era uma representação grotesca desses planos conspiratórios e de supostas sociedades secretas, recebi inúmeras cartas de pessoas apresentando-se como “Grão-Mestre Templário”. Ou seja, você terá sempre alguns leitores malucos. Não há como evitar: você pode escrever sobre conspirações falsas de um modo paródico ou grotesco, e mesmo assim certos leitores pensarão que elas de fato existem, e dizem: “É exatamente assim, eu sempre soube”. A internet não alterou isso substancialmente. No fundo, o que o escritor pode fazer é preparar bem seu livro, oferecer sua crítica, e o resto está nas mãos de Alá.

Número Zero tem pouco mais de 200 páginas. O Nome da Rosa e O Pêndulo de Foucault ficam ao redor de 600. Um romance curto o obriga a mudar seu estilo e sua estratégia narrativa? Gosto de dizer que todos os meus romances anteriores poderiam ser comparados a

“O fascismo clássico, de Mussolini, desapareceu. Mas a atitude política fascista pode ser encontrada em outros contextos históricos. Veja o Estado Islâmico, que eu chamo de novo nazismo. Nunca nos livramos dessa atitude”

uma sinfonia de Mahler, ao passo que este agora é uma composição de jazz de Charlie Parker. Tento criar um estilo adequado ao tema e à ambientação histórica de cada romance. Por exemplo, em *A Ilha do Dia Anterior*, ambientado no século XVII, tentei criar uma linguagem barroca, elaborada. Já em *Número Zero*, eu estava tentando assimilar o ritmo rápido e sincopado do jornalismo. Fui como que instado pelo próprio tema do romance a adaptar o estilo a suas exigências: diálogos curtos, sem descrições. Repare que até as referências à linguagem, no romance, são referências ao estilo jornalístico, às frases feitas, ao modo de induzir ou enganar sutilmente o leitor. A virtude de um romance é que é ele que decide quando chegou o momento de parar. Chega um instante em que, apesar de você querer continuar a contar a história, desenvolvê-la ou desdobrá-la, o romance faz o serviço de se impor e dizer: “Chega, pare por aqui”. *Número Zero* me disse para parar onde parei.

No livro, o fascismo de Mussolini é uma sombra sobre a história italiana do pós-guerra. Qual é a cara atual do fascismo? O fascismo clássico, representado por Mussolini, desapareceu.

Mas *Número Zero* é dominado pelo sentimento do retorno do que eu chamei de “fascismo eterno”. E isso está associado a diversos aspectos da política contemporânea. A atitude política da Liga Norte, discriminatória e racista, é uma nova forma de fascismo. Trata-se de uma questão de atitude política mais ampla do que a experiência histórica de Mussolini, e podemos encontrá-la em diferentes contextos históricos. Veja o Estado Islâmico, que eu chamo de o novo nazismo: querem aniquilar outras etnias, impor um credo, conquistar o mundo. Nunca nos livramos permanentemente dessa atitude.

Pela natureza dos temas que o motivam, o volume perdido da Poética de Aristóteles em O Nome da Rosa, ou a discussão sobre a doutrina filosófica conhecida por nominalismo, o senhor teria tudo para ser considerado um “escritor para escritores”. No entanto, mesmo excessivamente intelectualizado, seu primeiro romance passou dos 30 milhões de cópias vendidas. Como o senhor explica esse fato? Quando terminei *O Nome da Rosa*, eu pensei em fazer uma pequena edição caprichada de 3000 ou 4000 exemplares. Aí meu editor leu o romance e percebeu que o livro poderia ter outro alcance — e o resto é história. Bem, há, de fato, escritores que escrevem para outros escritores. Digamos, *Finnegans Wake*, de James Joyce, é claramente um livro para escritores ou fanáticos por literatura. Hoje, Julian Barnes, entre outros, é um escritor para escritores. Mas há escritores que escrevem para todas as pessoas. Dante Alighieri escreveu para ser lido por todos. Há essa famosa história, relatada por Giovanni Boccaccio, segundo a qual Dante teria ouvido um ferreiro que, enquanto trabalhava, recitava seus versos. Esse ferreiro era certamente iletrado. No entanto, a *Divina Comédia* o alcançou. Balzac escrevia para todo tipo de leitor. Tolstói, a mesma coisa. Encontrei-me, então, em muito boa companhia quando descobri que eu também estava escrevendo para todas as pessoas. ■

Pedestre, use sua faixa.

LANCER HLE 2016.

QUEM GOSTA DE CONFORTO E DESIGN
NÃO VAI QUERER SAIR DELE POR NADA.



NOVO CONJUNTO
DE SUSPENSÃO
COMFORT ORIENTED.
NOVA RODA ARO 16".



MULTIMÍDIA COM
GPS, DVD⁽¹⁾, MP3,
BLUETOOTH® E ENTRADA
PARA SMARTPHONES.



MOTOR 2.0 L COM 160 CV
E TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA CVT
COM SPORT MODE
DE 6 VELOCIDADES.



SISTEMA FULL AIRBAGS:
AIRBAGS FRONTAIS,
LATERAIS, DE CORTINA
E PARA O JOELHO DO
MOTORISTA.



⁽¹⁾Funcionamento apenas com o freio de mão acionado.

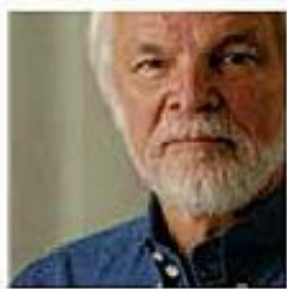
NOVOLANCER.COM.BR

AFRICA



DRIVEYOURWORLD





“Where is Aracaju?”

Faz um bom tempo, diante de mais uma crise no Nordeste, a família paupérrima migrou para São Paulo. Mas não todos. Ficou um jovem que, após batalhar muito, acabou conseguindo um emprego de vigia noturno em uma escolinha no centro velho de Aracaju — dormia em uma rede, na cozinha da escola.

Fruto de muita dedicação, virou professor e, depois, diretor. Mais adiante, abriu a sua escola, ali mesmo no centro.

Formando-se em direito, o passo seguinte foi abrir uma faculdade. Aos poucos, o professor Uchôa foi acumulando a munição de que precisava para transformá-la em universidade. O grande salto foi a construção de um câmpus formoso, próximo às melhores praias da cidade.

A Universidade Tiradentes é hoje a segunda melhor do Estado de Sergipe, pelos critérios do MEC. Aprendido o ofício de abrir faculdades, abriu uma em Maceió que virou Centro Universitário e já superou a Federal. O novo câmpus do Recife avança, ajudando a somar os 50 000 alunos da instituição.

“A Universidade Tiradentes, de Sergipe, viu a força da internacionalização. Daí, reforça os estudos de inglês, a língua da ciência”



Pela teoria, universidade deve ter pesquisa. Só na teoria! Não é o caso da Tiradentes, cuja pesquisa já ocupa dois prédios substanciais e mobiliza um orçamento de 12 milhões de reais. Nada mau.

O próximo passo? A Tiradentes viu a força da internacionalização. Daí, reforça os estudos de inglês, a língua da ciência. Aproveitando o Ciência sem Fronteiras, já foram para o exterior mais de 250 alunos.

Sessenta instituições fazem de Boston e suas vizinhanças a maior concentração mundial de ensino superior de primeira linha. Sendo assim, para lá se despacha o professor Matheus Batalha, com a missão de explorar os cenários que permitiriam à Universidade Tiradentes respirar os bons ares acadêmicos da região.

Começa então a busca por uma fórmula e um local. Entra em cena o Cambridge Institute for Bra-

zilian Studies, um instituto recém-formado por dois ex-Harvard. Os professores James Ito-Adler e Biorn Maybury-Lewis são veteranos da cooperação internacional. Ainda com uma agenda incipiente, deu-se um casamento natural com a Tiradentes. Nesse matrimônio, teve uma modesta contribuição, apresentando os dois lados.

Como se sabe, o mercado imobiliário da região de Boston é cronicamente inflacionado pela presença de universidades ricas e empresas de base tecnológica. Quase três anos foram consumidos na busca de um local.

Nesse ínterim, ocorrem dois eventos paralelos. A Universidade de Massachusetts, com sua tradicional sede em Amherst, decide expandir seu câmpus em Boston. Sendo uma instituição pública, ganha um terreno enorme, à beira da Baía de Boston. Os prédios estão subindo, e já há vários em operação, de resto, com uma estrutura interdisciplinar muito inovadora. Fica também no câmpus um museu em homenagem a J.F. Kennedy, com um esplêndido edifício, assinado pelo arquiteto Pei (o da pirâmide do Louvre). O segundo evento foi a contratação de um pró-reitor de assuntos internacionais, com currículo sólido e muitas ideias — o professor Schuyler Korban. Logo abre um centro de estudos chineses. E depois?

Quando Matheus estava quase alugando um espaço, aparece a oportunidade de transformar a iniciativa no Tiradentes Institute, associado à Universidade de Massachusetts, dentro do câmpus de Boston. Foi nos últimos dias de maio a assinatura oficial do convênio que criou o instituto. Quando ficar pronto o espaço, poderão começar as atividades de intercâmbio e tudo o mais que oferece uma presença estratégica em Boston — talvez um desafio ainda maior.

Não por acaso, a cerimônia coincidiu com o congresso da NAFSA, uma organização voltada para atividades de intercâmbio entre países e universidades do mundo inteiro. Estima-se que havia cerca de 15 000 participantes, de muitas dezenas de países — e mais as universidades americanas. Sendo assim, compareceram à festa brasileiros, brasilianistas, embaixador e um diretor da Capes (a nota dissonante foi a péssima qualidade da caipirinha local).

O MEC estava presente na NAFSA, representado por mais de vinte universidades brasileiras. Contudo, além da Faap, só a Tiradentes tinha estande próprio — bem instalado e mostrando um vídeo da universidade.

Dado o inusitado da situação, a pergunta inevitável dos que nele paravam não poderia deixar de ser: “Where is Aracaju?”.

CLAUDIO DE
MOURA CASTRO
é economista

BTG Pactual: eleito o melhor gestor de Renda Fixa e Renda Variável do Brasil.

Standard & Poor's e Valor Econômico - 2015



Fundos 5 Estrelas

- BTG Pactual Crédito Corporativo I FIQ de FI Multimercado CP
- BTG Pactual Absoluto FIQ de FI Ações
- BTG Pactual Absoluto Institucional FIQ de FI Ações
- BTG Pactual Dividendos FIQ de FI Ações
- BTG Pactual Global FIQ de FI Multimercado CP IE
- BTG Pactual Yield DI FI Referenciado CP



A presente instituição aderiu ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para os Fundos de Investimento.

btgpactual.com

Fundos de Investimento: fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos atuam e, consequentemente, possíveis variações no patrimônio investido. BTG Pactual Absoluto FIQ de FI: em consonância com o disposto na Instrução 465/08 emitida pela Comissão de Valores Mobiliários - CVM, a avaliação dos ativos de renda variável passou a ser feita utilizando-se a última cotação diária de fechamento do mercado em que o ativo apresentou maior liquidez, desde que tenha sido negociado pelo menos uma vez nos últimos 90 (noventa) dias. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus quotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado, implicando na ocorrência de patrimônio líquido do fundo e a consequente obrigação do quotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo. Este fundo está autorizado a realizar aplicações em ativos financeiros no exterior. Este fundo pode estar exposto a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Absoluto Institucional FIQ FIA: no fechamento 30/01/2013 a denominação do fundo mudou de BTG Pactual Absoluto Institucional Fundo de Investimento de Ações para BTG Pactual Absoluto Institucional Fundo de Investimento em Quotas de Fundos de Investimento de Ações. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus quotistas. Este fundo pode estar exposto a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Dividendos FIQ FIA: em consonância com o disposto na Instrução 465/08 emitida pela Comissão de Valores Mobiliários - CVM, a avaliação dos ativos de renda variável passou a ser feita utilizando-se a última cotação diária de fechamento do mercado em que o ativo apresentou maior liquidez, desde que tenha sido negociado pelo menos uma vez nos últimos 90 (noventa) dias. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus quotistas. A Taxa de Administração foi alterada de 1,5% para 2,5% no fechamento de 22/08/2011. No fechamento 11/12/2013 a denominação do fundo mudou de BTG Pactual Dividendos Fundo de Investimento em Ações para BTG Pactual Dividendos Fundo de Investimento em Quotas de Fundos de Investimento de Ações. Crid Corp FIQ FIM: este fundo está sujeito a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial ou extrajudicial dos emissores responsáveis pelos ativos do fundo. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus quotistas. Global FIQ FIM: no fechamento 29/11/2012 a denominação do fundo mudou de BTG Pactual Global FI Multimercado Crédito Privado - Investimento no Exterior para BTG Pactual Global FIQ de FI Multimercado Crédito Privado - Investimento no Exterior. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus quotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado, implicando na ocorrência de patrimônio líquido do fundo e a consequente obrigação do quotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo. Este fundo está autorizado a realizar aplicações em ativos financeiros no exterior. Este fundo poderá adquirir títulos de responsabilidade de emissores privados, em montante superior a 50% (cinquenta por cento) de seu patrimônio líquido e, portanto, está sujeito a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial ou extrajudicial dos emissores responsáveis pelos ativos do fundo.



Riscos para o PT em 2018

O PT certamente deseja ganhar de novo as eleições presidenciais com a provável candidatura de Lula em 2018. Na estratégia, estaria uma guinada à esquerda. É prova da dificuldade de evoluir na linha de partidos socialistas que aderiram à democracia e à economia de mercado. O PT valoriza a democracia, mas defende, paradoxalmente, o “controle social da mídia”, que violaria o princípio da liberdade de expressão. Várias correntes professam um anticapitalismo pueril e retrógrado, como se viu no recente congresso em Salvador.

No século XX, partidos europeus de esquerda abandonaram o socialismo radical e migraram para o centro do espectro político e econômico. O destaque nas décadas de 80 e 90 coube, respectivamente, ao Partido Socialista Operário Espanhol e ao Partido Trabalhista britânico. Sob a liderança de Felipe González e Tony Blair, essas duas siglas abandonaram o dirigismo econômico e cláusulas que negavam o direito de propriedade. Ambas adotaram políticas econômicas responsáveis e a privatização de empresas estatais.

A Carta ao Povo Brasileiro foi uma cortina pragmática para encobrir antigas e resistentes visões. A caminhada ao centro visava apenas a evitar uma quarta derrota eleitoral

O PT sinalizou que seguiria a mesma trilha. Em 2002, a Carta ao Povo Brasileiro rifou teses econômicas trespasseadas do partido. Lula sugeria que, caso eleito, manteria a política econômica de FHC, o que se confirmou. Com Palocci no Ministério da Fazenda e Meirelles no Banco Central, foram adotadas sensatas e bem-sucedidas políticas fiscal e monetária. Visava-se a preservar o Plano Real, que o PT combatera.

Lula passou a ser visto como a encarnação brasileira de González e Blair. Viabilizadas por aumento do potencial de crescimento e da arrecadação, políticas que reduziram a pobreza e as desigualdades contribuíram para forjar essa imagem. Era o efeito da gestão econômica, mas também dos ganhos de produtividade gestados

em governos anteriores e da emergência da China como o maior importador de commodities, o que permitiu impulsionar exportações e acumular reservas internacionais.

O PT não era, contudo, uma réplica da esquerda espanhola e britânica. A Carta ao Povo Brasileiro foi uma cortina pragmática para encobrir antigas e resistentes visões. A caminhada ao centro visava apenas a evitar uma quarta derrota eleitoral. Com a saída de Palocci em 2006, o passado ressurgiu. A intervenção na economia em 2009, durante a crise internacional — justificada e coroada de êxito —, foi a senha para restabelecer o velho ideário, cuja síntese era a malfadada Nova Matriz Macroeconômica. Dilma aprofundou os novos rumos. Deu no que deu.

O ajuste atualmente em curso objetiva evitar o colapso da economia, mas a volta de um nível razoável de crescimento depende da restauração da confiança e, sobretudo, de ganhos de produtividade decorrentes de reformas estruturais, pouco prováveis. A mudança pode nos salvar de uma catástrofe, mas infelizmente contribui para tirar da sombra obsoletos ideais. A condenação ao trabalho do ministro da Fazenda contém críticas ácidas ao ajuste fiscal, como se este fosse a causa da recessão, e não o remédio para combatê-la.

O congresso de Salvador foi o palco para revelar ideias do além. Não fosse a intervenção de Lula, a declaração final teria sido um amontoado de sandices. Poderia incluir a condenação da po-

lítica econômica e a defesa da volta da CPMF. Provavelmente também mencionaria a tributação de grandes fortunas, um imposto ruim, de baixo potencial de arrecadação e que não deu certo em canto algum. Uma das teses,

intitulada “Abaixo a política de austeridade”, tirou do túmulo propostas de anulação das privatizações e de calote na dívida externa.

O congresso foi permeado por velhas visões e pela defesa de uma nova aliança para 2018, composta de partidos de esquerda, ou seja, sem o PMDB e outras agremiações tidas como conservadoras. Seria a saída para a vitória de Lula nas próximas eleições presidenciais. Como lembrou Dora Kramer, o PT tentaria retornar aos tempos em que sofria seguidas derrotas eleitorais. Ademais, a estratégia ocorreria em ambiente de declínio de filiações ao partido, da corrosão de sua imagem por corrupção e má gestão, e da queda da aura de líder imbatível que Lula conquistou por certo tempo. A história mostra que pode não funcionar.

MAÍLSON DA
NÓBREGA
é economista



Nestlé
Faz Bem



Cada vez que você prepara
Nutren®, você se prepara
pra viver tudo o que a vida tem.

Chegou Nutren® Senior, o suplemento da Nestlé com ACT-3,
uma combinação única de **Cálcio, Proteína e Vitamina D.**

Peça sua amostra grátis:
nutren.com.br

A melhor fase
da vida é agora.



NÃO CONTÉM GLÚTEN

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Eurípedes Alcântara, Giancarlo Civita e José Roberto Guzzo

Presidente Abril Mídia: Giancarlo Civita

Presidente Editora Abril: Alexandre Caldini

Diretor Comercial: Rogério Gabriel Comprido

Diretora de Vendas de Publicidade: Virginia Any

Diretor de Vendas para Audiência: Dimas Mietto

Diretor de Marketing: Tiago Afonso

Diretora Digital e Mobile: Sandra Carvalho

Diretor de Apoio Editorial: Edward Pimenta

Diretor Editorial: Eurípedes Alcântara

veja

Diretor de Redação: Eurípedes Alcântara

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Lauro Jardim, Policarpo Junior e Thais Oyama

Editor Executivo: Diogo Xavier Schelp **Editor Especial:** André Petry **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Eduardo Gracioli Teixeira, Filipe Vilicic, Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe, Okky de Souza, Pedro Dias Leite, Rinaldo Gama **Repórteres:** Bruno Meier, Bianca Leite Alvarenga, Carolina Melo, Fernanda Allegretti, Jennifer Ann Thomas, Kalleo Coura, Marcelo Sakate, Mariana Barros, Natalia Cuminale, Natália Luz, Nathalia Watkins Freire, Raquel Beer, Renata Lucchesi, Sérgio Martins, Thais Botelho **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** **Brasília - Chefe:** Policarpo Junior **Editores:** Daniel Pereira, Rodrigo Rangel **Repórteres:** Adriano Ceolin, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin **Recife Pieter Attema:** Zalis **Rio de Janeiro - Chefe:** Monica Weinberg **Repórteres:** Cecilia Ritto, Leslie Leitão **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Beatriz Semprini, Bruna Marin Assunção Ferreira, Felipe Machado de Souza, Gabriel Gama, Mariana Santos Silva **Fotografia - Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenador:** Ismael Carmino Canosa **Pesquisa:** Ana Paula Galisteu **Editor Visual:** Reinaldo Antunes de Moura **Designers:** André Luis Chagas, Daniel Marucci, Douglas Bressar, Geraldo de Moura Filho, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Marcos Vinicius Rodrigues, Mario José Carvalho, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat **Leite Infografistas:** Alexandre Akermann, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial:** Supervisores de Edição/Revisão: Clara Baldrati, Jô de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Fabiana Pino, Júlio Yamamoto, Maurício Bevilacqua, Patrícia Villas Boas Cueva, Vera Fedschenko **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luis Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Denise Rocha Costa, Eduardo Perácio, Elvira Gago, Heloisa Arraes, Jenifer Ianof, Lygia Roncel Ferreira, Otacilio Nunes, Rosana Tanus, Sérgio Campanella, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo de Moraes Motta, Lincoln Franz Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Albuquerque, Roberta de Donno **Atendimento ao Leitor: Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Geraldo Samor, Lya Luft, Mailson da Nóbrega, Reinaldo Azevedo, Ricardo Setti e Roberto Pompeu de Toledo **VEJA.COM - Diretor de Redação:** Carlos Graieb **Editores:** Katia Perin (chefe), Ana Clara Costa, Carolina da Gama Farina, Daniel Jelin, Ivan Marcelo Pacheco, Jadyr Magalhães Pavão Jr., Marcos Rogério Lopes, Maria Carolina Maia, Silvio Nascimento, Silvio Navarro **Editores Assistentes:** Alexandre Lopes de Oliveira, Bruna Fasano, Diego Braga Norte, Rita de Cassia de Lóiola, Vitor Pamplona **Repórteres:** Daniela Macedo dos Santos, Eduardo Gonçalves, Felipe Frazão de Queiroz, Guilherme Amado, Heitor Feitosa dos Santos, Isabella Infantini, Luis Felipe Silveira Lima, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Meire Akemi Kusumoto, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Rodrigo Antonio, Virginia Alzueta Falanghe **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Analista SEO:** Adriano Ramos de Oliveira **Webmasters:** Bruno Xavier Bezerra, Carlos Eduardo Jorge **Webdesigners:** Andre Fuentes, Sidlei Sobral **Infografista:** Adriano Pádua **Pidone Sucursais:** **Brasília Repórteres:** Gabriel Castro, Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Rio de Janeiro - Repórter:** Thiago Prado **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

VENDAS DE PUBLICIDADE - Andrea Veiga (RJ), Alex Stevens (Internacional), Ana Moreno (Moda, Decoração e Construção), Cristiano Pessoa (Financeiro), Jacques Ricardo (Regional), Raquel Ienaga (Saúde, Esporte e Educação), Selma Souto (Bens de Consumo), William Hagopian (Transporte e Mobilidade) **VENDAS PARA AUDIÊNCIA** - Adailton Granado (Processos), Cinthia Obrecht (Circulação Exame/Femininas), Daniela Vada (SAC), Icaro Freitas (Circulação Veja/Lifestyle), Luci Silva (Vendas Marketing Direto), Marco Tulio Arabe (Estúdio de Criação), Mary Veras (Vendas Corporativas), Rodrigo Clunaglia (e-business), Wilson Júnior (Vendas Pessoais) **MARKETING** - Andrea Abelleira (Veja), Andrea Costa (Pesquisa de Mercado), César Almeida (Exame), Carolina Bertelli (Femininas), Keila Arciprete (Lifestyle), Márcia Asano (Abril Big Data), Ricardo Packness (Marketing e Eventos) **DIGITAL E MOBILE** - Adriana Bortolotto (Métricas), Alirton Lopes (Tendências), Marcos Franceschini (Implementação de Tendências), Rodrigo Martins (Redes Sociais)

APOIO - ABRIL BRANDED CONTENT - Dagmar Serpa, Kátia Militello, Matthew Shirts, Patricia Hargreaves, Thiago Araújo **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** - Edilson Soares (Receitas), José Paulo Rando (Marketing e Conteúdo) **DEDOC ABRIL PRESS** - Elenice Ferrari **RECURSOS HUMANOS** - Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios), Marizete Ambram, Michelle Costa, Regina Cordeiro (Consultoria Interna), Ana Kohl (Saúde e Serviços)

REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA 2432 (ISSN 0100-7122), ano 48/nº 26. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. Edições anteriores: Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não admite publicidade redacional.

"VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL. A yearly subscription abroad costs US\$ 454,59, except for Europe, where the subscription costs US\$ 334,34. To subscribe, visit our website: www.assineabril.com.br and click on "Assinatura Internacional".

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC

FIPP

ANER

SIP



Abril MÍDIA S.A.

Presidente: Giancarlo Civita

Diretor-Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa

Diretor de Finanças: Fábio Petrossi Gallo

Diretora Jurídica: Mariana Macia

Diretora de Recursos Humanos: Cláudia Ribeiro

Diretor de TI e Serviços Compartilhados: Cláudio Prado

www.abril.com.br

veja

Às Suas Ordens

■ ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

● Ligue grátis: 0800-7752828

● Grande São Paulo:

(11) 3347-2121

De segunda a sexta, das 8h às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote

assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) (Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com

● Ligue grátis: 0800-7752112

● Grande São Paulo:

(11) 5087-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital, acesse www.assineabril.com.br/passoaopassodigital

■ EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

■ LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse:

www.abrilconteudo.com.br

ou ligue para: (11) 3990-1381.

■ PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-5748/4610

e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

■ NA INTERNET

<http://www.veja.com>



■ TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

Leitor

Assuntos mais comentados

Operação Lava-Jato (capa) ▶

Artigo de Lya Luft

Educação na Finlândia

Maioridade penal no Brasil

Nova encíclica do papa Francisco



Operação Lava-Jato

Perfeito o título da reportagem de VEJA ("O penúltimo degrau", 24 de junho). A escada realmente é íngreme, com muitos degraus que foram ultrapassados pela força, coragem e persistência de alguns que parecem ser movidos por uma quase esquecida e por vezes tão desvalorizada necessidade — fazer a coisa certa.

MYRIAM FERREIRA PINTO E SILVA

Espírito Santo do Pinhal (SP), via tablet

É estarrecedor o esquema de roubalheira no Brasil. Temo pela integridade física do juiz Sergio Moro, pois esse homem vem sendo a esperança de um país melhor. Aos 60 anos, finalmente vislumbro a possibilidade de um país melhor, mais justo, com corruptos e corruptores presos, pagando pelo que se tornou a quase falência da Petrobras e do próprio Brasil. Espero também que boa parte do que foi roubado seja devolvida aos verdadeiros donos: o povo brasileiro. Tenho orgu-

lho de ser leitor de VEJA, e o Brasil deve ser grato à Editora Abril por contribuir para a decência e moralidade de todo o país.

ALEXANDRE DA COSTA CARVALHO

Recife, PE

Espera-se que o degrau seguinte da Operação Lava-Jato seja "*homo homini lupus*" (o homem é o lobo do homem), no momento em que as ratazanas vão pingar os pontos nos is, devorando-se mutuamente, revelando quem é quem nesse enredo de esconde-esconde. Em seguida, será atingido o último degrau da operação, denominado "O juízo final", que acontecerá no "*dies irae*" — o dia da ira do povo brasileiro.

ELIZIO NILO CALIMAN

Brasília, DF

O Judiciário brasileiro deveria prestar mais atenção ao que acontece em Curitiba: os procuradores desse caso e o juiz Sergio Moro, que já se tornou um ídolo

nacional, demonstram que, com o aparato legal existente e trabalho árduo, é possível resgatar um país decente, em que as pessoas honestas não se sintam tão idiotas ao pagar seus muitos impostos.

LUIS MAURICIO GONÇALVES E SILVA

Itaúna, MG

Lya Luft

Havia muito tempo que não lia algo tão real e útil como o tema explorado pela escritora Lya Luft em seu artigo "A vida real" (24 de junho). De fato, muitos de nossos acadêmicos neófitos em idade e para a vida pretendem, com sua graduação, uma nova etapa na vida, já sem problemas a ser enfrentados nesse mundo competitivo e muitas vezes problemático. Muitos deles, esquecendo-se da saga de seus antepassados, incluindo os mais próximos — seus pais —, são capazes de dizer que já encontraram "seu prato" feito e, por isso mesmo, a determinação na construção de sua carreira segue parâmetros menos equilibrados. Os citados "conselhos de Bill Gates" são exemplares, mas nem sempre ousaríamos repeti-los numa festa de formatura no momento atual, até mesmo pela possibilidade de sermos mal compreendidos. Agora, o décimo conselho, de autoria da colunista Lya, esse, sim, merece todo amplexo e divulgação.

EVARISTO ANANIA DE PAULA

Jataí, GO

Tenho 36 anos, sou pai de dois filhos e preocupo-me com a educação deles. Percebo

“Muita grana rolou no petrolão e gente graúda já foi presa. O maior beneficiário desse escândalo está sendo paulatinamente acuado.”

ANTÔNIO CARLOS DUPRAT BARROS

Recife, PE



MARCOS DE PAULA/ESTADÃO CONTEÚDO

Lei “para todos” O juiz Sergio Moro (foto) determinou a prisão dos presidentes de duas das maiores empreiteiras brasileiras, na fase Erga Omnes da Operação Lava-Jato, por considerar que ambos “capitaneavam” o cartel de companhias que ganhava contratos da Petrobras em troca do pagamento de propina a funcionários da estatal e a políticos



DESCUBRA A NOVA COLEÇÃO TROPICANA



que, mesmo não querendo, sou da geração da superproteção e ajo muitas vezes exageradamente. Sou aquele tipo de pai com “funções de mãe”. Com intenção de proteger, percebo atrapalhar. Quando sou duro, fico com a consciência péssima, mesmo sabendo que é para o bem deles. Agradeço a Lya por nos lembrar com seu texto que fazer o bem na educação não é sinônimo de agradar.

CLAUDIO ABREU MARTINS DE LIMA
Brasília, DF

É fato que os jovens brasileiros têm sido muito acomodados, queixosos, querendo que tudo aconteça como num passe de mágica. Eles precisam entender que nada na vida é tão fácil assim, que tudo é conquistado com muita luta, cansaço, renúncia de coisas supérfluas que só atrapalham o caminhar. O “discurso de Bill Gates” é pertinente para essa geração. Quanto ao momento enfrentado pelo povo brasileiro, Lya dá o conselho de, “na próxima vez, votar direito” — mas votar em quem, se os políticos se apresentam como “os salvadores da pátria”, são eleitos e depois só “salvam a si mesmos”? Que tal uma lei que puna para sempre tais “políticos”? É, talvez isso seja sonho numa vida tão real.

SAUL BRITO DA SILVA
Coaraci, BA

Educação na Finlândia

Ao ler a reportagem especial “Voando para o futuro” (24 de junho) descobri, aos 72 anos, um lugar chamado Finlândia, onde os meus sonhos estão concretizados. Sem dúvida, precisamos de uma escola que prepare os alunos para o mundo cada vez mais globalizado e os ensine a se adaptar ao novo, a se virar diante do inesperado, a criar e a inovar. É assim que entendo a educação. Agradeço a VEJA pela reportagem e por me trazer de volta a esperança de um mundo melhor. Resta ao Brasil acordar do berço esplêndido.

MARIA REGINA ANGEIRAS
Rio de Janeiro, RJ

Nota 10 para a inspiradora reportagem assinada pela jornalista Monica Weinberg. A premente e indispensável revolução na qua-

lidade do processo educativo deve ser a soma de fatores estimulantes, como o raciocínio, a criatividade e o desenvolvimento individualizado, com outras ações de cunho estrutural, que incluam a valorização do professor, o uso adequado das ferramentas tecnológicas e uma abordagem pedagógica que priorize um conteúdo voltado para aplicações práticas no dia a dia. O resultado será a multiplicação do rendimento escolar dos alunos e a formação de uma sociedade inclusiva, preparada para promover a tão almejada redução das desigualdades sociais.

MAURO WAINSTOCK
Rio de Janeiro, RJ

Maioridade penal

A reportagem “Pelo fim da impunidade” (24 de junho), sobre a diminuição da maioridade penal, trouxe esperança para a sociedade brasileira, que já está cansada de viver em um país guiado pela impunidade.

FELIPE ALEXANDRE ALVES UECHI
Campo Grande, MS

Nova encíclica do papa

VEJA fez um belo trabalho ao relatar que a encíclica *Laudato Si* é uma carta de intenções endereçada para além da Igreja, tratando de um impasse sobre o qual a Igreja, sem ter palavra definitiva, não deve silenciar (“O Evangelho verde de Francisco”, 24 de junho).

LICINHA DESLANDES
Belo Horizonte, MG

A despeito de a Igreja ter tido papas que influenciaram o curso dos acontecimentos, Francisco vem demonstrando sensibilidade com assuntos importantes que foram deixados de lado ou ocultados pela Santa Sé. Agindo com humildade e reconhecendo que a Igreja não detém o conhecimento de tudo, o atual papa pode entrar para a história do catolicismo.

PETUEL PREDA
São Paulo, SP

Correção: ao contrário do que foi publicado no Radar (“Ex-miss de prestígio”, 24 de junho), Cibele Mazzo, demitida do Ministério dos Esportes em maio, não está trabalhando na Autoridade Pública Olímpica.

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA: as cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação, VEJA** — Caixa Postal 11079 — CEP 05422-970 — São Paulo — SP; **Fax:** (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br**. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

COLUNA

REINALDO AZEVEDO



“Mulher sapiens”

Por Tupã! Nós, os humanos modernos, somos do gênero “Homo”, da espécie *Homo sapiens*. Dilma fez uma salada taxinômica que resultou no que só pode ser um gracejo, a “mulher sapiens”, já que “homo” de *Homo sapiens* não se refere nem a homem nem a mulher — nem ao ser humano como o conhecemos, que pertence ao gênero “homo”, mas não é o único. www.veja.com/reinaldoazevedo

CIDADES SEM FRONTEIRAS

MARIANA BARROS



Trânsito

Todo mundo acha que o trânsito de São Paulo precisa melhorar, mas pouquíssimos estão dispostos a fazer algo para que isso aconteça. Uma pesquisa revela que, para 54,3% dos entrevistados, a prefeitura não deve proibir as pessoas de estacionar o carro na rua. Outros 57,7% afirmam que não usariam bicicleta mesmo que houvesse uma ciclovias ligando sua casa aos locais aonde precisam ir. www.veja.com/cidadessemfronteiras

NOVA TEMPORADA

FERNANDA FURQUIM



Hannibal

A NBC decidiu cancelar a quarta temporada de *Hannibal*. A série, apesar dos elogios da crítica, nunca conseguiu a audiência desejável. Criada para ter sete temporadas, *Hannibal* acompanha as investigações de um agente do FBI que se alia ao médico Hannibal Lecter para caçar um assassino em série. www.veja.com/temporada

O CAÇADOR DE MITOS

ECOPRAGMÁTICOS

Muita gente acredita que uma vida sustentável exige entrar em harmonia com a natureza — viver entre as árvores, construir casas de madeira ou comer alimentos orgânicos. Um grupo de ambientalistas lançou na semana passada um manifesto com a afirmação oposta: a melhor forma de reduzir o impacto humano sobre o meio ambiente é com inovação, tecnologia, agricultura intensiva e cidades com milhões de pessoas. “Intensificar diversas atividades humanas — principalmente agricultura, extração de energia e reflorestamento — de modo que usem menos energia e interfiram menos no mundo natural é a chave para

NICK GARUTT/BARCROFT MEDIA/GETTY IMAGES



dissociar o desenvolvimento humano dos impactos ambientais”, dizem os autores do “Ecomodernist Manifesto”, que são, em boa parte, professores de universidades britânicas e americanas. www.veja.com/cacadorde mitos

MUNDO LIVRE



IVAN PACHECO/VEJA.COM

“A SÍRIA É UM PAÍS ESTUPRADO”

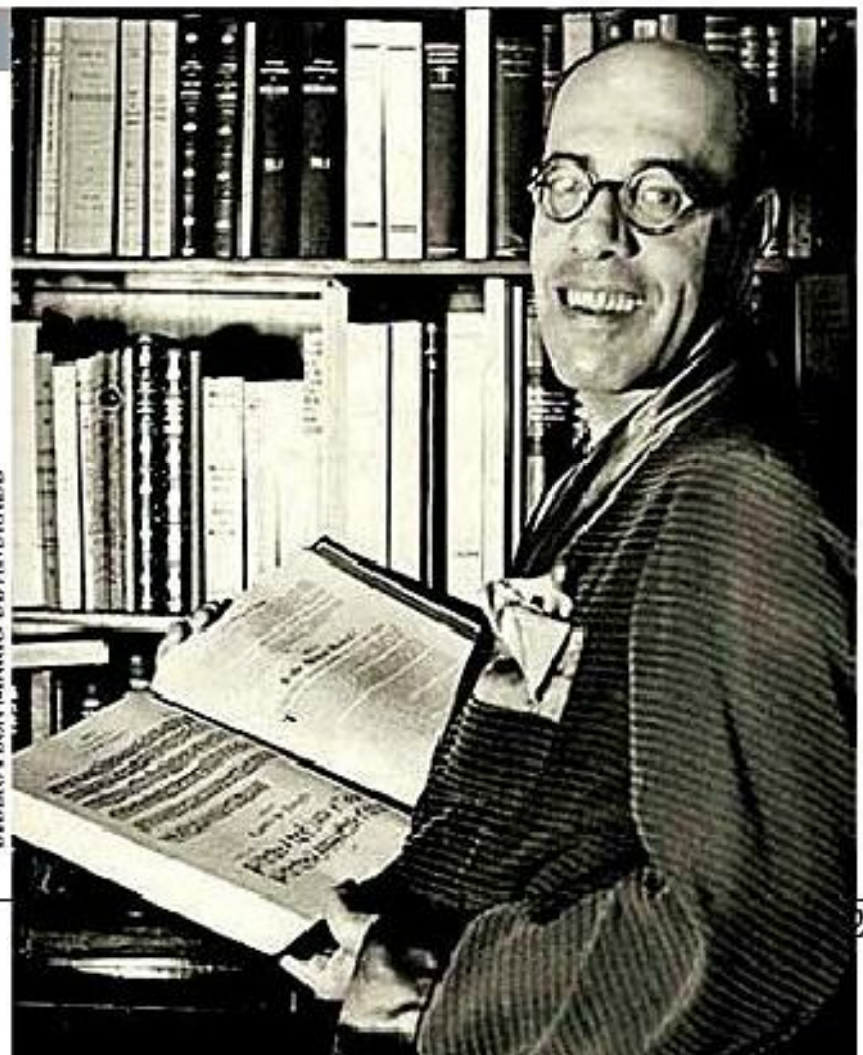
Desde 2011, 4 milhões de pessoas já fugiram da guerra civil na Síria. A cientista política Sara Ajlyakin é uma delas. Ela militou contra o regime do ditador Bashar Assad e atualmente vive no Brasil. Em conversa com os jornalistas Nathalia Watkins e Diego Braga Norte, Sara fala sobre o paradeiro dos familiares espalhados pelo mundo e do irmão, que largou os estudos de engenharia ambiental para organizar um grupo de luta armada pela liberdade do país. “O lugar onde eu nasci e cresci não existe mais”, diz. www.veja.com/mundolivre

CLUBE DO LIVRO

MÁRIO DE ANDRADE

No septuagésimo aniversário da morte do escritor Mário de Andrade, a revelação de uma carta em que ele assume sua homossexualidade e a edição de um livro inédito convidam à releitura e à reavaliação de sua obra. “Ai, que preguiça”, diria seu grande herói, Macunaíma? No programa *Clube do Livro*, os jornalistas Carlos Graieb, Rinaldo Gama e Jerônimo Teixeira conversam sobre o lugar do escritor no movimento modernista e na literatura brasileira. www.veja.com/clubedolivre

BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE



veja 1º DE JULHO DE 2015 Panorama

Imagem da Semana

Datas ■ Conversa ■ Números ■ SobeDesce ■ Radar ■ Veja Essa



VANDEN WINCKAERT/AP

E aquela do grego?

A poucos dias de um possível calote, um momento para aliviar as tensões na UE

■ Não tem graça nenhuma o motivo pelo qual os primeiros-ministros **Alexis Tsipras**, da Grécia, **Matteo Renzi**, da Itália, e **Angela Merkel**, da Alemanha, entre outros líderes da União Europeia, se reuniram em Bruxelas na quinta-feira 25, depois de meses de negociação e a apenas cinco dias do prazo de pagamento de uma dívida da Grécia com o Fundo Monetário

Internacional (FMI). Sem um novo empréstimo da UE, o governo teria de dar um calote no fundo e nos aposentados gregos. Os credores queriam mais garantias de que Tsipras aprofundaria os cortes nos gastos públicos. O grego, eleito com a promessa de não seguir com os programas de austeridade, fez concessões a conta-gotas. A reunião de quinta-feira

não deu em nada, e uma decisão foi adiada para sábado 27. Apesar da corda no pescoço de Tsipras, e da pressão sobre Renzi e Merkel para encontrar uma saída para o impasse, os três riam como bons amigos adolescentes numa festa de formatura. Estariam compartilhando piadas sobre a crise que circulam em seu país? Algumas possibilidades: Merkel: "Um alemão, um italiano e um grego entram em um bar. O alemão paga a conta". Renzi: "Schettino, o capitão do cruzeiro *Costa Concordia*, foi convocado pelas lideranças da zona do euro para

explicar como se deve evitar o naufrágio de um navio". Tsipras: "Um italiano e um grego perguntam a Deus quando seu país conseguirá pagar suas dívidas. 'Em 100 anos, no caso da Itália', responde Deus. 'Quanto à Grécia, não sei. Eu já vou estar morto.'". Fora das reuniões de cúpula, estes são os sentimentos preponderantes: os alemães estão cansados de pagar pelos erros dos outros, os europeus em geral querem a Grécia fora do euro e os gregos se sentem abandonados por Deus e todo mundo. ■

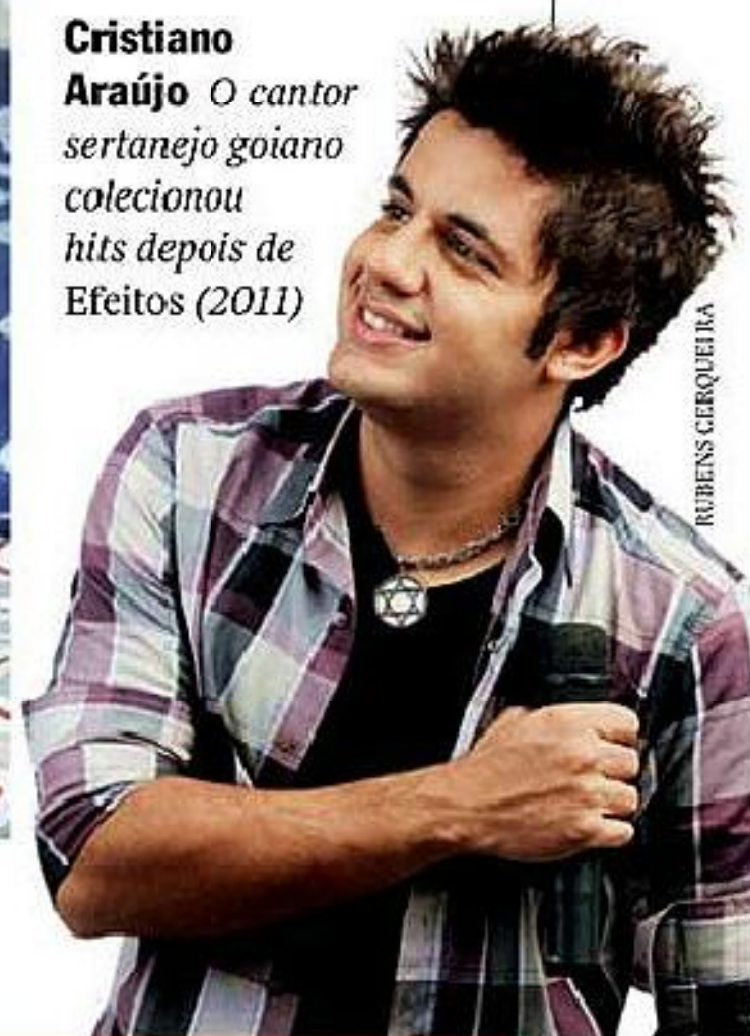
DIOGO SCHELP



James Horner
O músico americano teve dez indicações ao Oscar e ganhou dois, com *Titanic*



Laura Antonelli Ex-musa da comédia erótica, a atriz italiana vivia em reclusão



Cristiano Araújo O cantor sertanejo goiano colecionou hits depois de *Efeitos* (2011)

Morreram

James Horner, músico americano que se consagrou compondo para o cinema. Seu trabalho em *Titanic* (1997) lhe rendeu dois Oscar: um pela trilha sonora e outro pela canção *My Heart Will Go On*, sucesso feito em parceria com Will Jennings, na voz de Céline Dion. Nascido em Los Angeles, Horner começou a tocar piano aos 5 anos. Morando em Londres, estudou no Royal College of Music. De volta aos Estados Unidos, graduou-se na University of Southern California e doutorou-se pela University of California, em Los Angeles. Chegou a compor para filmes B antes de se destacar pelas músicas de *A Dama de Vermelho* (1979). Com *Aliens* (1986), recebeu a primeira das dez indicações ao Oscar que colecionaria ao longo da carreira. O músico trabalhou ainda em *Campo dos Sonhos* (1989), *Coração Valente* (1995), *Uma Mente Brilhante* (2001) e *Avatar*

(2009). Dia 22, aos 61 anos, em decorrência da queda de seu turboélice, pilotado por ele mesmo, na Califórnia.

Laura Antonelli, atriz italiana celebrizada pelas comédias eróticas que estrelou nos anos 70. Formada em educação física, Laura Antonaz — esse era o nome de batismo da menina que nasceu em Pola, hoje pertencente à Croácia — começou a fazer comerciais e logo chamou atenção por sua beleza. Convidada por um diretor, estreou no cinema, interpretando pequenos papéis. Foi com *Malícia* (1973), de Salvatore Samperi, que ganhou o status de símbolo sexual. Na sequência, vieram *O Inocente* (1976), de Luchino Visconti, e *Esposamante* (1977), de Marco Vicario. Sua atuação cinematográfica foi abreviada pela realização de plásticas malsucedidas e pela condenação, em 1991, por porte e tráfico de drogas — a sentença só seria

revertida na década seguinte. Na ocasião, deprimida, Laura pediu: “Esqueçam-me”. Foi atendida. Dia 22, aos 73 anos, de infarto, em Ladispoli, Itália.

Cristiano Araújo, cantor sertanejo goiano conhecido pelos hits *Efeitos*, *Bara Bara* e *Maus Bocados*. Nascido em Goiânia, numa família de músicos, aos 9 anos já se apresentava em público. Sua carreira deslançou em 2011, exatamente a partir de *Efeitos*. Com mais de 250 milhões de acessos em seu canal oficial no YouTube, Araújo — que gravou dois álbuns em estúdio e três ao vivo, além de três DVDs — vinha cumprindo uma agenda de 280 shows por ano. Na semana passada, regressando de uma apresentação, ele se sentou no banco traseiro de uma Range Rover que acabou saindo da pista e capotando. Sua namorada, Allana Moraes, de 19 anos, que o acompanhava, teve morte imediata. O cantor

chegou a ser socorrido, mas não resistiu. Dia 24, aos 29 anos, em Goiás.

Luiz Carlos Nunes da Silva, ex-volante e ex-técnico carioca, ídolo do Flamengo. Chamado de “Carlinhos Violino”, por sua elegância nos gramados, recebeu, no fim da carreira, um prêmio raro, o Belfort Duarte, dado a jogadores que nunca haviam sido expulsos. Como meio-campista, venceu o Torneio Rio-São Paulo (1961); na função de treinador, ganhou o Brasileiro em 1987 e 1992. Dia 22, aos 77 anos, de insuficiência cardíaca, no Rio.

Antonio Augusto Fagundes, estudioso das tradições gaúchas. Nascido em Inhanduí (RS), Nico Fagundes era conhecido sobretudo pelo programa *Galpão Crioulo*, que apresentou por mais de três décadas na RBS. Foi ainda jornalista, compositor e poeta. Dia 24, aos 80 anos, em Porto Alegre. ■

Como parecer honesto

Robson Trindade começou a carreira como cabeleireiro. Hoje, presta consultoria de estilo e comportamento a empresários e políticos. Já atendeu mais de 100 engravatados, incluindo integrantes do PT e do PSDB

O que querem os políticos que o procuram? Principalmente passar a imagem de indivíduos honestos e éticos.

Como isso é possível? Com uma engenharia de imagem. Palpito até sobre o modelo de carro e a maneira de entregar o cartão de visita — com as duas mãos, para transmitir afetividade. Uma pessoa elegante passa credibilidade, mas, para ganhar a confiança do eleito, esbanjar com relógios muito caros, por exemplo, não é bom. Outra orientação é optar por um traje mais simples em passeatas. Um muito alinhado pode distanciar o público.

Quais vícios dos políticos são mais difíceis de modificar? Eles costumam viajar prontos para o evento de que vão participar e, invariavelmente, chegam amarrotados. Não pode. Outro vício é usar roupa apertada. Eles passam a ter muitas mordomias, engordam e continuam usando as mesmas peças antigas.

Há alguns anos, houve uma febre de implantes capilares em Brasília. Foi o senhor que estimulou a prática? Eu venho pregando há anos: o cabelo é muito importante para a imagem. O careca passa a impressão de desgaste, e uma prótese não fica tão natural quanto o implante.



LUÍZ MAXIMIANO

■ Números

7 em cada dez vítimas fatais de acidente nas estradas de São Paulo que estavam no banco de trás do veículo não usavam o cinto de segurança, segundo levantamento da Artesp de 2011 a 2014

6,5 vezes cresce o risco de morte também para os ocupantes dos bancos dianteiros em uma colisão frontal se os passageiros de trás estiverem sem o acessório, segundo o periódico *Lancet*. Numa batida a 50 quilômetros por hora, o impacto de um corpo contra os bancos da frente aumenta cinquenta vezes

127 reais é a multa para passageiros que não usam cinto de segurança no banco traseiro, obrigatório no Brasil desde 1997, mas desprezado nas estradas por um em cada dois brasileiros



ISTOCK PHOTOS

GURU DE ESTILO

“Os políticos de hoje não saem do dermatologista”

Os políticos aplicam Botox? Sim. Os políticos de hoje não saem do dermatologista. Eventualmente até se encontram na sala de espera das clínicas que indico. Fazem limpeza de pele, preenchimento para suavizar o bigode chinês, corrigem o nariz...

A qual político o senhor gostaria de dar algumas sugestões? Adoraria atender o Alckmin. Gosto dele, mas não dá para usar uma calça na altura do peito ou aqueles fiapos de cabelo para tentar esconder a careca.

Alguma ressalva à aparência de Dilma ou Aécio? Aécio aparece muito sem terno, só de camisa. Transmite descontração além da conta. Não gosto do sorriso da Dilma. Teria de melhorar aquele ar de deboche e os vícios de linguagem.

S O B E

▲ América Central

Três países da região — Panamá, Costa Rica e Porto Rico — lideram o ranking do Gallup-Healthways que mede a sensação de bem-estar dos cidadãos de 145 países. O Brasil é o 15º

▲ Enem

A USP decidiu destinar 13% das vagas de seus cursos a alunos que tirarem as melhores notas no exame

▲ Guerra do Uber

Taxistas de Paris depredaram setenta carros de motoristas independentes a serviço do aplicativo

D E S C E

Europa ▼

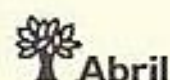
O continente não terá nenhum país entre os cinco mais ricos do mundo em 2050, aponta estudo da Economist Intelligence Unit. Hoje, Alemanha e Reino Unido ocupam a quarta e a quinta colocações

Schettino ▼

O comandante que abandonou o Costa Concordia decidiu escrever suas memórias e dedicá-las às 32 vítimas do naufrágio pelo qual foi considerado culpado

Foie gras ▼

O prefeito Fernando Haddad sancionou lei que proíbe a venda do produto em São Paulo. Restaurantes terão 45 dias para liquidar o estoque



Guia de ESTILO

QUANDO
AS ROUPAS
FUNCIONAM,
A VIDA FICA BEM
MAIS FACIL

*Os looks que combinam com
você, do fast fashion ao luxo*

JÁ NAS BANCAS E LIVRARIAS!

■ LAVA-JATO

Suspende tudo 1

No despacho em que mudou o status da prisão do diretor da Odebrecht Alexandrino Alencar de temporária para preventiva, Sergio Moro diz que só há uma maneira de os executivos da empreiteira saírem da cadeia: as empresas nas quais o grupo tem participação precisarão suspender todos os contratos com os governos federal, estadual e municipal.

Suspende tudo 2

Levada às últimas consequências, a proposta esbarra na Olimpíada. A Odebrecht está erguendo o Parque Olímpico, um dos principais centros da competição, e a Vila dos Atletas.

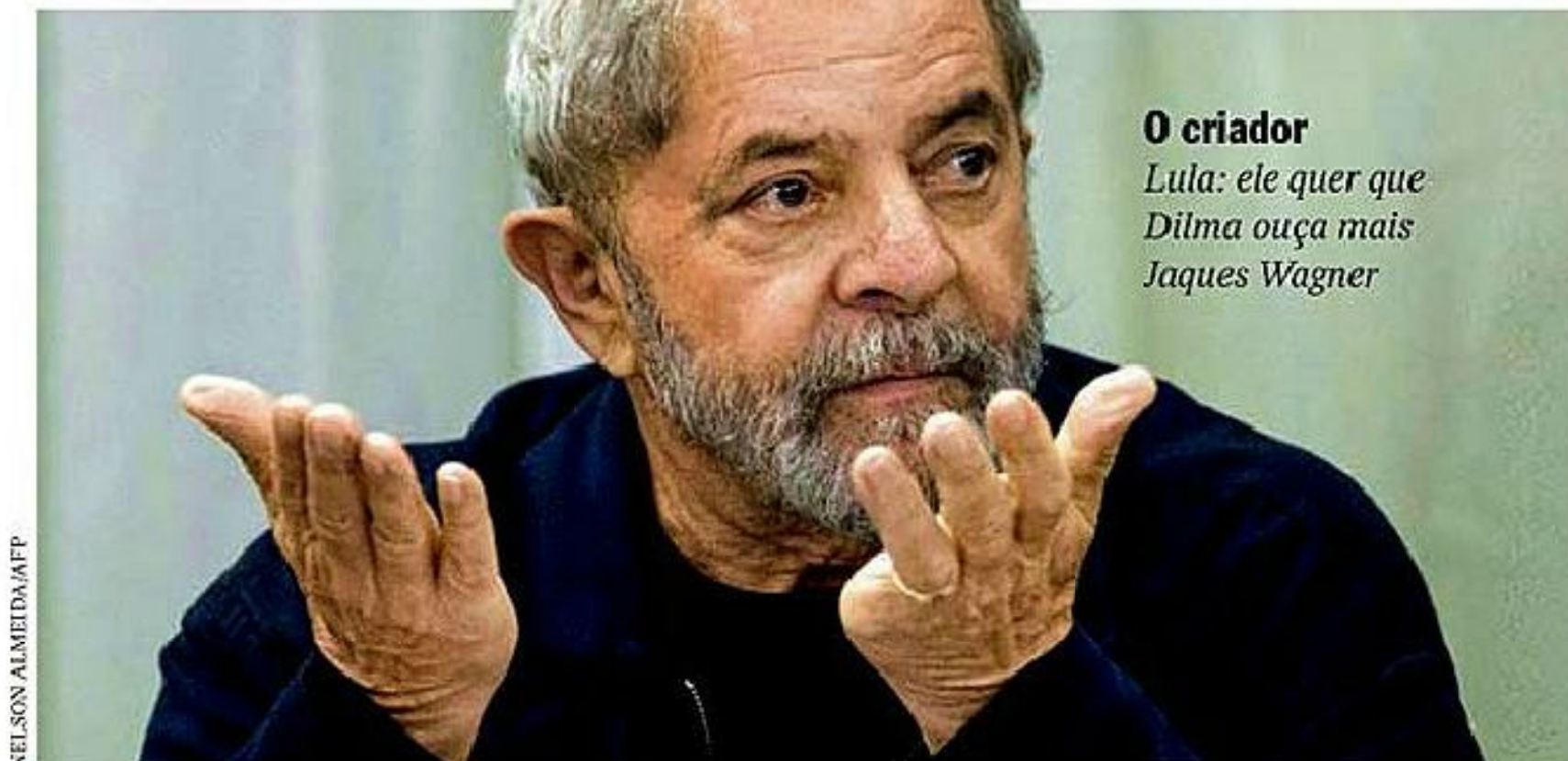
■ GOVERNO

Te cuida, Dilma

Se a votação no TCU das pedaladas de Dilma Rousseff fosse hoje,

Recados

Vaccari: sentindo-se abandonado pelos companheiros



O criador

Lula: ele quer que Dilma ouça mais Jaques Wagner

o governo perderia. Como ainda faltam vinte dias, a história pode, claro, mudar. Mas o clima é ruim. O governo já detectou o mau humor.

Sem chão

O próprio Palácio do Planalto reconhece: nas duas últimas semanas, ruiu todo o esforço de governabilidade feito logo após as manifestações de ruas de março.

■ PT

Não me abandone

João Vaccari Neto mandou recados à cúpula do PT. Preso, sente-se abandonado pelos velhos companheiros. Esse é o motivo

de, na quinta-feira, uma nota oficial do PT ter voltado a defender Vaccari.

■ ECONOMIA

Modos de ajustar

Um estudo feito por economistas de uma gestora de investimentos de São Paulo comparando os países que promoveram ajustes fiscais desde a crise de 2008 é muito claro quanto aos resultados alcançados. Se o país opta por um ajuste baseado em corte de gastos, a recuperação começa a aparecer em doze meses. Se for por meio do aumento de impostos, a volta do crescimento se dará entre o segundo e o terceiro anos a partir do início do processo. O Brasil está mais para o segundo caso.



LULA MARQUES/FRAME/FOLHAPRESS

vivo

Ter um relacionamento moderno não quer dizer ter um celular no meio.

usar bem

Será que você está dando mais atenção ao seu celular ou ao seu relacionamento? A Vivo acredita que a conexão é importante, mas tem hora certa para usar. Em um momento a dois, que tal se desconectar?

De corpo presente

Dias antes de falar a padres e pastores no seu instituto que “Dilma está no volume morto e o PT abaixo do volume morto”, entre outras críticas, **Lula** havia feito um discurso praticamente igual para a própria presidente da República. Foi num almoço para poucos no Palácio da Alvorada, em que estava presente ainda Aloizio Mercadante. Ou seja, o conteúdo das reclamações não era novidade para Dilma — o que a surpreendeu foi a sem-cerimônia de tornar públicas as queixas. Os lamentos de Lula estendem-se, de acordo com o que tem dito a interlocutores nas últimas semanas, ao fato de Dilma, em sua avaliação, só ouvir Mercadante e José Eduardo Cardozo — e, por exemplo, excluir Jaques Wagner do dia a dia das decisões políticas.

A criatura

Dilma: o conteúdo das críticas não foi surpresa



■ CULTURA

Cartas lacradas

Depois da polêmica que envolveu Mário de Andrade, a Casa de Rui Barbosa tem um abacaxi semelhante para descascar nas próximas semanas. Um novo requerimento na CGU pede acesso ao arquivo pessoal do escritor Pedro Nava. São quatro as cartas de Nava que

Na mira

Neymar: autuado duas vezes pelo Leão



estão lacradas, longe da vista dos pesquisadores.

■ FUTEBOL

Marcação cerrada

A Receita Federal está marcando em cima de **Neymar** como poucos zagueiros. Além de sofrer um processo administrativo de arrolamento de bens (que acompanha a movimentação patrimonial do

cidadão), Neymar foi autuado duas vezes na declaração de pessoa física — em 2014 e 2015. O craque do Barcelona está recorrendo. Quem conhece a causa diz que a discussão com o Fisco está na casa dos milhões.

■ MMA

Mais um round

Anderson Silva recebeu nos últimos dias o resultado de uma contraprova de mais um exame antidoping, feita por um laboratório americano. Deu negativo. Anderson, que perdeu todos os patrocinadores que tinha após sua suspensão do UFC, pretende usar o exame para voltar à ribalta.

CHARLES SHOLL/FUTURA PRESS/ESTADÃO CONTEÚDO



Acesse usarbempegabem.com.br

DMB

“Nenhuma civilização nasceu sem ter acesso a uma forma básica de alimentação. E aqui nós temos uma, como também os índios e os indígenas americanos têm a deles, nós temos a mandioca. (...) Então, aqui, hoje, eu estou saudando a mandioca. Acho uma das maiores conquistas do Brasil.”

“Quando nós criamos uma bola dessas (feita de folha de bananeira na Nova Zelândia), nós nos transformamos em *Homo sapiens* ou mulheres sapiens.”

“Eu não quero falar de fraternidade, eu quero dizer que nós nos transformaremos em irmãos.”

DILMA ROUSSEFF, presidente da República (PT), no lançamento dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em Brasília

“Eu não quero falar sobre o que eu não sei. O que foi dito é que o Instituto Lula recebeu dinheiro, e pode receber. Foi dito que o presidente Lula recebeu por palestras, e isso também pode. Se houve desvio para fins políticos, eu não sei. Mas as minhas palestras eu dou e vocês assistem, né?”

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, ex-presidente da República (PSDB), na sede do instituto que leva o seu nome, em São Paulo

“Quem é do Rio sabe que agosto ainda é mês de ressaca. Mas tem uma vantagem: ressaca passa.”

JOAQUIM LEVY, ministro da Fazenda, carioca, referindo-se à situação da economia brasileira

“Vemos o país com mais desconfiança. Aqui, ouço que existe uma crise mundial. Não sei onde enxergam essa crise, porque China, EUA e Alemanha não estão em crise. O que temos no Brasil é um problema caseiro.”

PHILIPP SCHIEMER, presidente da Mercedes-Benz no país, em entrevista à *Folha de S. Paulo*





LEONARDO AVERSA/AG. O GLOBO

“Não há crase (...), o ‘a’ é apenas a preposição nesse caso. Bituca (apelido de Milton Nascimento) não é uma mulher, não é um nome em que você pudesse usar o artigo definido feminino antes. (...) Esse é um erro que eu acho idiota. (...) Tem que saber português.”

CAETANO VELOSO, cantor e compositor, em vídeo gravado depois que a equipe que cuida de suas redes sociais escreveu “Homenagem à Bituca” em um post

“Estou em boa forma. (...) Mais velho, mas não obsoleto.”

ARNOLD SCHWARZENEGGER na estreia europeia de *O Exterminador do Futuro: Gênesis*, no qual volta a fazer o papel do ciborgue que o tornou conhecido mundo afora, no primeiro filme da franquia, lançado há 31 anos

“Eu rejeito a maioria dos papéis que me oferecem. Eu simplesmente me sinto muito velho, especialmente para comédias românticas. E velho demais para o mundo do showbiz em geral.”

HUGH GRANT, ator britânico, no site F5

“Um desfile não é feito apenas de roupas. É feito de emoções.”

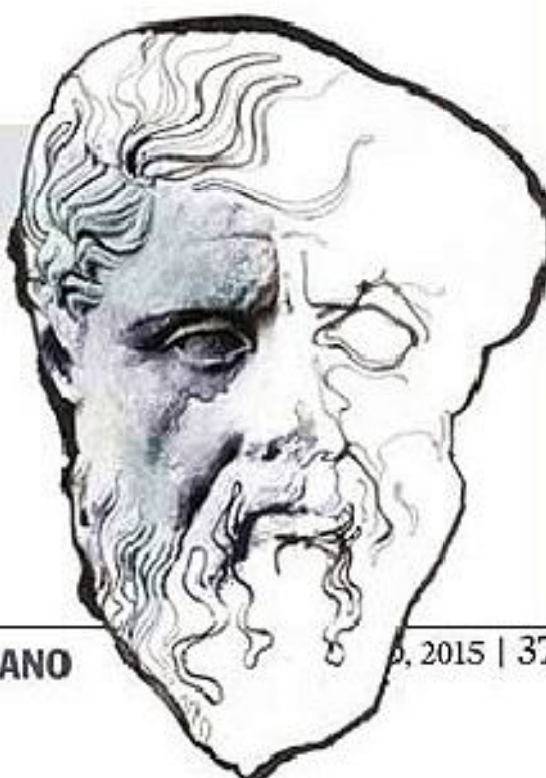
RICCARDO TISCI, estilista italiano, diretor criativo da Givenchy, na ELLE de julho, que chega às bancas nesta semana

EPÍGRAFE DA SEMANA

A pretexto do atual cenário político

“Os humildes sofrem quando os poderosos combatem entre si.”

FEDRO, fabulista latino (séc. I)



Só mesmo um colchão Castor para repor toda energia da Ivete Sangalo!



Castor

Castor®

UM SONHO DE COLCHÃO

Brasil

À SOMBRA DO EMPREITEIRO

Ricardo Pessoa revela detalhes do esquema de corrupção da Petrobras e entrega a lista dos beneficiados com o dinheiro desviado: as campanhas eleitorais de Dilma e Lula, deputados, senadores e ministros do governo

ROBSON BONIN

ADRIANO MACHADO/JAG, BG PRESS

A LISTA DOS ACUSADOS

Campanha de **Dilma** em 2014
7,5 milhões de reais

Campanha de **Lula** em 2006
2,4 milhões de reais

Ministro **Edinho Silva** (PT)
*

Ministro **Aloizio Mercadante** (PT)
250 000 reais

Senador **Fernando Collor** (PTB)
20 milhões de reais

Senador **Edison Lobão** (PMDB)
1 milhão de reais

Senador **Gim Argello** (PTB)
5 milhões de reais

Senador **Ciro Nogueira** (PP)
2 milhões de reais

Senador **Aloysio Nunes** (PSDB)
200 000 reais

Senador **Benedito de Lira** (PP)
400 000 reais

Deputado **José de Fillipi** (PT)
750 000 reais

Deputado **Arthur Lira** (PP)
1 milhão de reais

Deputado **Júlio Delgado** (PSB)
150 000 reais

Deputado **Dudu da Fonte** (PP)
300 000 reais

Prefeito **Fernando Haddad** (PT)
2,6 milhões de reais

O ex-tesoureiro do PT
João Vaccari Neto
15 milhões de reais

O ex-ministro **José Dirceu**
3,2 milhões de reais

O ex-presidente da Transpetro
Sergio Machado
1 milhão de reais

* COMO TESOUREIRO, ARRECADOU DINHEIRO
PARA A CAMPANHA DE DILMA DE 2014

Achaque na campanha de 2014

Ricardo Pessoa conta como foi persuadido “de maneira bastante elegante” a contribuir para o caixa do PT

Ricardo Pessoa, dono da construtora UTC, tem contratos bilionários com o governo. Ele é apontado como o chefe do clube dos empreiteiros investigados pela Operação Lava-Jato e contratante das palestras do ex-presidente Lula. Desde a sua prisão, em novembro passado, ele ameaça contar em detalhes como petistas e governistas gráudos se beneficiaram do maior esquema de corrupção da história brasileira. Nos últimos meses, Pessoa pressionou os detentores do poder — por meio de bilhetes escritos a mão — a ajudá-lo a sair da cadeia e livrá-lo de uma condenação pesada. Ao mesmo tempo, negociava com as autoridades um acordo de delação premiada, em que se oferecia para revelar o muito que testemunhou graças ao acesso privilegiado aos gabinetes de Brasília. O Ministério Público queria extrair dele todos os segredos da engrenagem criminoso que desviou pelo menos 6 bilhões de reais dos cofres públicos. Essa negociação arrastada e difícil acabou na última semana, quando o ministro Teori Zavascki, do Supremo Tribunal Federal (STF), homologou o acordo de colaboração firmado entre o empresário e os procuradores.

VEJA teve acesso aos termos desse acerto. O conteúdo é demolidor. As confissões do empreiteiro deram origem a quarenta anexos recheados de planilhas e documentos que registram o caminho do dinheiro sujo. Em cinco dias de depoimentos prestados em Brasília, Pessoa descreveu como financiou campanhas à margem da lei e distribuiu propinas. Ele disse que usou dinheiro

“Você tem obras na Petrobras (...) o senhor quer continuar tendo?”

Foi assim, segundo Ricardo Pessoa, a abordagem de Edinho Silva antes de pedir dinheiro para a campanha de Dilma

TESOUREIRO

Atual ministro da Secretaria de Comunicação Social da Presidência, Edinho Silva nega pressão e diz que as doações ocorreram de modo legal e transparente

do petrolão para bancar despesas de dezoito figuras coroadas da República. Foi com a verba desviada da estatal que a UTC doou dinheiro às campanhas de Lula em 2006 e de Dilma em 2014. Foi com ela também que garantiu o repasse de 3,2 milhões de reais a José Dirceu, uma ajudinha providencial para que o

mensaleiro pagasse suas despesas pessoais. A UTC ascendeu ao panteão das grandes empreiteiras nacionais nos governos do PT. Ao Ministério Público, Pessoa fez questão de registrar que essa caminhada foi pavimentada com propinas. Altas somas. O empreiteiro delatou ao STF essas somas que entregou aos donos do poder, segundo ele, mediante achques e chantagens. Relatou que teve três encontros em 2014 com Edinho Silva, tesoureiro da campanha de Dilma e atual ministro de Comunicação So-





UESLEI MARCELINO/REUTERS



ANDRÉ DUSEK/ESTADÃO CONTEÚDO

CANDIDATA

cial. Nos encontros, disse, ironicamente, ter sido abordado “de maneira bastante elegante”. Contou ele: “O Edinho me disse: ‘Você tem obras na Petrobras e tem aditivos, não pode só contribuir com isso. Tem que contribuir com mais. Eu estou precisando’”. A abordagem elegante lhe custou 10 milhões de reais, dados à campanha de Dilma. Um servidor do Palácio chamado Manoel de Araújo Sobrinho acertou os detalhes dos pagamentos diretamente com Pessoa. Documentos entregues pelo

empresário mostram que foram feitos dois depósitos de 2,5 milhões de reais cada um, em 5 e 30 de agosto de 2014. Depois dos pagamentos, Sobrinho acertou com o empreiteiro o repasse de outros 5 milhões para o caixa eleitoral de Dilma. Pessoa entregou metade do valor pedido e se comprometeu a pagar a parcela restante depois das eleições. Só não cumpriu o prometido porque foi preso antes. Doar para campanhas não é crime, desde que a operação seja declarada e os recursos te-

O empreiteiro combinou doar 10 milhões de reais à campanha da presidente Dilma Rousseff. Antes de repassar o total do dinheiro, porém, ele foi preso na Operação Lava-Jato

nham origem lícita. Foi assim? Pessoa deixou claro que não. “O senhor tem obras no governo e na Petrobras. O senhor quer continuar tendo?”, disse-lhe Edinho Silva. Fica a indagação para a Justiça: ameaçar doadores de campanha é lícito?

Senha: tulipa?... Contrassenha: caneco!

A campanha de Lula à reeleição recebeu dinheiro sujo das empreiteiras envolvidas no petrolão

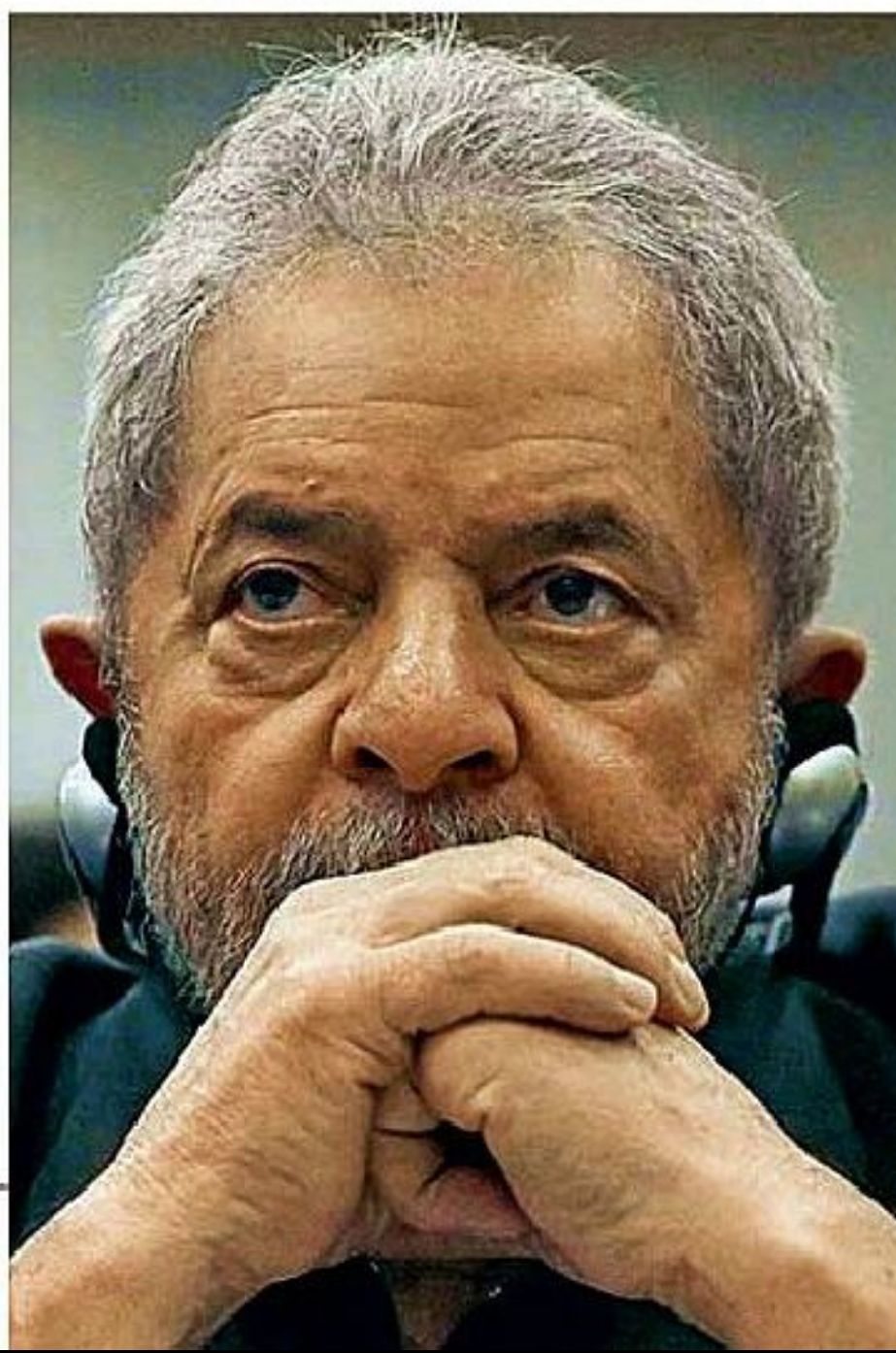
Em 2006, Lula conquistou um novo mandato ao derrotar, em segundo turno, o tucano Geraldo Alckmin. Com a vitória, ele adotou como prática zombar dos efeitos eleitorais do mensalão, descoberto um ano antes e até então o maior esquema de corrupção política da história do país. As denúncias de compra de apoio parlamentar, dizia o líder petista, não haviam sido capazes de conter o projeto de poder do partido. Também pudera. Sem que ninguém soubesse, na campanha à reeleição, Lula contou com a ajuda do petrolão e recebeu uma bolada desviada dos cofres da Petrobras. Segundo o empreiteiro Ricardo Pessoa, a UTC contribuiu com 2,4 milhões de reais em dinheiro vivo para a campanha à reeleição de Lula, numa operação combinada diretamente com José de Filippi Júnior, que era o tesoureiro da campanha e hoje trabalha como secretário de Saúde da cidade de São Paulo. Para viabilizar a entrega do dinheiro e manter a ilegalidade em segredo, o empreiteiro amigo de Lula e o tesoureiro do presidente-candidato montaram uma operação clandestina digna dos enredos rocambolescos de filmes sobre a máfia.

Pessoa contou aos procuradores que ele, o executivo da UTC Walmir Pinheiro e um emissário da confiança de ambos levavam pessoalmente os pacotes de dinheiro ao comitê da campanha presidencial de Lula. Para não chamar a atenção de outros petistas que tra-



MÁFIA

O dinheiro, 2,4 milhões de reais, veio do exterior, foi movimentado por operadores e entregue no comitê eleitoral do PT mediante uma senha previamente combinada



balhavam no local, a entrega da encomenda era precedida de uma troca de senhas entre o pagador e o beneficiário. Ao chegar com a grana, Pessoa dizia "tulipa". Se ele ouvia como resposta a palavra "caneco", seguia até a sala de Filippi Júnior. A escolha da senha e da contrassenha foi feita por Pessoa com emissários do tesoureiro da campanha de Lula numa choperia da Zona Sul de São Paulo. Antes de chegar ao comitê eleitoral, a verba desviada da Petrobras percorria um longo caminho. Os valores saíam de uma conta na Suíça do consórcio Quip, formado pelas empresas UTC, Iesa, Camargo Corrêa e Queiroz Galvão, que mantém contratos milionários com a Petrobras para a construção das plataformas P-53, P-55 e P-63. Em nome do consórcio, a empresa suíça Quadrix enviava o dinheiro ao Brasil. A Quadrix também transferiu milhares de dólares para contas de operadores ligados ao PT.

Pessoa entregou aos investigadores as planilhas com todas as movimentações realizadas na Suíça. Os pagamentos via caixa dois são a primeira prova de

NELSON ANTONINI/AP



que o ex-presidente Lula foi beneficiado diretamente pelo petrolão. Até agora, as autoridades tinham informações sobre as relações lucrativas do petista com grandes empreiteiras investigadas na Operação Lava-Jato, mas nada comparável ao testemunho e aos dados apresentados pelo dono da UTC. Depois de deixar o governo, Lula foi contratado como palestrante por grandes empresas brasileiras. Documentos obtidos pela Polícia Federal mostram que ele recebeu cerca de 3,5 milhões de reais da Camargo Corrêa. Parte desse dinheiro foi contabilizada pela construtora como “doações” e “bônus eleitorais” pagos ao Instituto Lula. Conforme revelado por VEJA, a OAS também fez uma série de favores pessoais ao ex-presidente, incluindo a reforma e a construção de imóveis usados pela família dele. UTC, Camargo Corrêa e OAS estão juntas nessa parceria. De diferente entre elas, só as variações dos apelidos, das senhas e das contrassenhas. “Brahma”, “tulipa” e “caneco”, porém, convergem para um mesmo ponto.

MOCH

Ricardo Pessoa contou que o tesoureiro do PT ia regularmente a seu escritório em São Paulo nos sábados para buscar dinheiro desviado dos cofres da Petrobras



O homem do “pixuleco”

Era assim que Vaccari chamava a propina

Homem do dinheiro, João Vaccari Neto é citado em diferentes trechos da delação de Ricardo Pessoa. O tesoureiro do PT aparece cobrando propina, recebendo propina, tratando sobre propina. O empreiteiro contou que conheceu Vaccari durante o primeiro governo Lula, mas foi só a partir de 2007 que a relação entre os dois se intensificou. Por orientação do então diretor de Serviços da Petrobras, Renato Duque, um dos presos da Operação Lava-Jato, Pessoa passou a tratar das questões financeiras da quadrilha diretamente com o tesoureiro. A simbiose entre corrupto e corruptor era perfeita, a ponto de o dono da UTC em suas declarações destacar o comportamento diligente do tesoureiro: “Bastava a empresa assinar um novo contrato com a Petrobras que o Vaccari aparecia para lembrar: ‘Como fica o nosso entendimento político?’”. A expressão “entendimento político”, é óbvio, significava pagamento de propina no dialeto da quadrilha. Aliás, propina,

não. Vaccari, ao que parece, não gostava dessa palavra.

Como eram dezenas de contratos e centenas as liberações de dinheiro, corrupto e corruptor se encontravam regularmente para os tais “entendimentos políticos”. João Vaccari era conhecido pelos comparsas como Moch, uma referência à sua inseparável mochila preta. Ele se tornou um assíduo frequentador da sede da UTC em São Paulo. Segundo os registros da própria empreiteira, para não chamar atenção, o tesoureiro buscava “as comissões” na empresa sempre nos sábados pela manhã. Ele chegava com seu Santa Fé prata, pegava o elevador direto para a sala de Ricardo Pessoa, no 9º andar do prédio, falava amenidades por alguns minutos e depois partia para o que interessava. Para se proteger de microfones, rabiscava os valores e os percentuais numa folha de papel e os mostrava ao interlocutor. O tesoureiro não gostava de mencionar a palavra propina, suborno, dinheiro ou algo que o valha. Por pudor, vergonha ou por mero despiste, ele buscava o “pixuleco”. Assim, a reunião terminava com a mochila do tesoureiro cheia de “pixulecos” de 50 e 100 reais. Mas, antes de sair, um último cuidado, segundo narrou Ricardo Pessoa: “Vaccari picotava a anotação e distribuía os pedaços em lixos diferentes”. Foi tudo filmado.

Propina de 15 milhões

Foi quanto a UTC pagou ao PT por um único contrato na Petrobras



PASSE LIVRE

Ricardo Pessoa contou que a UTC foi encarregada de pagar a "comissão" ao PT referente ao contrato de construção do Comperj. A outra parte ficou a cargo da empreiteira Odebrecht



CRISTIANO MARIZ

Uma parte da delação premiada de Ricardo Pessoa se dedica exclusivamente ao sistema de arrecadação de propina montado por João Vaccari Neto, que está preso em Curitiba sob a acusação de operar a coleta do "pixuleco" que as empreiteiras do petróleo reservavam ao partido do governo. O empreiteiro conta que só por uma única obra da Petrobras, a construção do Comperj, no Rio de Janeiro, a UTC destinou nada menos que 15 milhões de reais ao caixa clandestino do PT. Pessoa diz que o pagamento da propina era condição para que a empreiteira fosse escolhida para tocar o empreendimento.

O Comperj, um complexo petroquímico projetado para ampliar a capacidade de refino da Petrobras, começou a

ser construído em 2006. Foi orçado inicialmente em 6,1 bilhões de dólares, mas a conta já passa de 30 bilhões — e não há nem sinal de quando vai funcionar. O pacote de obras foi dividido. A UTC de Ricardo Pessoa ficou com o maior contrato, de 11,5 bilhões de reais, em consórcio com a Odebrecht e com a japonesa Toyo.

Pessoa contou também aos investigadores que o pagamento das "comissões" ficou a cargo dos integrantes do consórcio. A UTC foi encarregada de pagar ao PT. A Odebrecht, segundo ele, ficou responsável pelo suborno entre aos políticos do Partido Progressista (PP), representado nas negociações pelo então diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, e pelo doleiro Alberto Youssef. Os pagamentos de propina ao PT não se limitavam ao período



AGÊNCIA PETROBRAS

eleitoral. Eram feitos, segundo o empreiteiro, “de modo contínuo”, seja por meio de doações oficiais, seja por repasses de dinheiro vivo. Nessa segunda modalidade, a transação era pilotada diretamente com Vaccari nos encontros realizados na sede da UTC e retratados na reportagem anterior. Nos documentos que anexou ao processo, Ricardo Pessoa incluiu vídeos das câmeras de segurança da empresa que colocam o tesoureiro petista na cena do crime.

As planilhas em poder do Ministério Público demonstram que os repasses eram cuidadosamente contabilizados pelo empreiteiro, como se fosse uma conta-corrente. Havia a coluna dos “créditos” que o tesoureiro recebia como propina das obras da Petrobras e a dos “débitos” com as deduções de pagamentos solicitados por Vaccari ou pelo PT, como as “consultorias” fajutas do ex-ministro José Dirceu (veja a matéria na pág. 46). Sob o título “JVN-PT” (João Vaccari Neto-PT), o documento traz valores pagos entre 2008 e 2013. Pessoa também informou os números dos telefones celulares a que Vaccari costumava atender — e listou encontros em hotéis de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde se reuniu com o petista para tratar do rateio da propina. “Nas principais obras da Petrobras existia um arranjo entre empresas concorrentes, que funcionava por intermédio de um pacto de não agressão e de fixação de prioridades na obra.” O empreiteiro disse que pagava a propina ao PT para “evitar dificuldades no futuro e para manter a engrenagem funcionando”.

SUBORNO

O empreiteiro conta que o ex-senador tinha influência sobre o comando da comissão. Convocado a depor, Pessoa nunca precisou comparecer



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

5 milhões

O preço de uma CPI

Foi quanto Gim Argello cobrou para “matar” a CPI da Petrobras em 2014

Quando parlamentares se empenharam em criar uma CPI para investigar denúncias de corrupção na Petrobras, em meados do ano passado, todos sabiam o potencial de destruição que o caso tinha. Instalada no Senado logo depois das primeiras revelações da Operação Lava-Jato, a comissão foi encerrada sem apurar absolutamente nada. E não foi por incompetência, negligência nem omissão. Sabe-se agora que congressistas foram pagos para fechar os olhos diante das evidências de corrupção. Enquanto posavam perante as câmeras como defensores do contribuinte, nos bastidores os principais integrantes da CPI extorquiam os empresários investigados pela Polícia Federal. A tática é antiga: os senadores anunciam a intenção de convocar para depor os empreitei-

ros envolvidos no escândalo e depois negociam a não convocação. Ricardo Pessoa corria o risco de ser intimado a depor, e ele mesmo se encarregou de contornar o problema. Mas custou caro. Uma bolada de 5 milhões de reais. O pagamento, segundo ele, foi negociado pelo dono da UTC diretamente com o então senador Gim Argello, líder do PTB e vice-presidente da comissão. O empresário contou aos investigadores que as tratativas ocorreram por meio do senador porque ele exercia “forte influência” sobre o presidente da CPI, Vital do Rêgo, o atual ministro do Tribunal de Contas da União, e sobre o relator da comissão, o deputado Marco Maia (PT-RS). Na “conversa” com Argello em Brasília, Ricardo Pessoa foi orientado a pagar os 5 milhões de reais em forma de “doações oficiais” da UTC. O empreiteiro entregou às autoridades uma lista dos partidos que foram usados para receber o dinheiro e o nome do operador do esquema, um lobista chamado Paulo Roxo. Além de Gim Argello, Pessoa cita o nome do deputado Júlio Delgado (PSB-MG), que, segundo ele, ganhou 150 000 reais na mesma operação.

Consultoria na Papuda

A consultoria que não era consultoria

Depois de cair em desgraça durante o escândalo do mensalão, em 2005, o ex-ministro José Dirceu começou a atuar como lobista nos bastidores do governo. Como a Operação Lava-Jato já mostrou, as “consultorias” prestadas por Dirceu a empreiteiras e outras empresas com interesses na máquina pública renderam ao mensaleiro uma fortuna de 39 milhões de reais. Quando essa informação emergiu, Dirceu defendeu-se dizendo que havia realizado um trabalho legítimo de consultoria. As suspeitas de que contratos desses serviços seriam, na verdade, simulacros para esconder propina das obras da Petrobras eram refutadas com veemência pelos advogados do ex-ministro, que, temendo voltar à cadeia, e para provar que agia dentro da legalidade, se antecipou e encaminhou à Justiça cópias de todos os contratos assinados e a relação de seus clientes. Embora suspeito, parecia legal.

A delação de Ricardo Pessoa, no entanto, mostra o que realmente fazia o consultor Dirceu. Ou melhor, o que não fazia. O dono da UTC contou aos investigadores que foi procurado pelo ex-ministro em meados de 2012. Dirceu, que exercia forte influência sobre os operadores petistas da Petrobras — Renato Duque, por exemplo, o diretor de Serviços que está preso, foi colocado no cargo por Dirceu —, ofereceu ao empreiteiro os seus serviços de consultor na prospecção de obras para a UTC junto ao governo do Peru. Ciente de que negar dinheiro a Dirceu poderia ser o começo de graves problemas nos contratos da Petrobras, o empreiteiro não teve dúvida. Fechou um contrato de 1,4 milhão de reais com o mensaleiro. Trabalho? Promessas de abrir portas para a empreiteira em países da América Latina. Nada aconteceu.



PEDRO LADEIRA/FOLIA PRESS

A PEDIDO

O ex-ministro José Dirceu recebeu 3,2 milhões de reais da UTC, incluindo dois aditivos de contratos pagos quando ele já estava preso. Era dinheiro da Petrobras

Um ano depois, porém, a UTC renovou o contrato de consultoria por mais 906 000 reais. No ano seguinte, ainda sem ver nenhum resultado no trabalho do consultor, Ricardo Pessoa assinou um segundo aditivo, dessa vez no valor de 840 000 reais. E eis que

surge a prova de que não havia mesmo serviço algum a ser prestado. O empreiteiro contou aos investigadores que, em plena vigência do primeiro aditivo, José Dirceu foi preso por ordem do Supremo Tribunal Federal (STF). Recolhido ao Complexo da Papuda, em Brasília, o ex-ministro não teria mais como prospectar negócios para quem quer que fosse, muito menos em outro país. Mas Dirceu era Dirceu. A pedido do próprio mensaleiro,

que alegava passar por dificuldades financeiras, a UTC continuou pagando a ele os gordos honorários. O dinheiro era entregue ao irmão, Luiz Eduardo, e era debitado diretamente da conta-corrente de propina que a UTC administrava por intermédio de João Vaccari Neto. Aliás, Ricardo Pessoa revelou que acertou a mesada de José Dirceu com o tesoureiro do PT, que autorizou o repasse de parte da propina diretamente ao mensaleiro. Assim como nos demais casos, Pessoa entregou ao Ministério Público toda a contabilidade do dinheiro pago ao ex-todo-poderoso chefe da Casa Civil do governo Lula. Também dissecou os pagamentos detalhados do PT que, por ordem de Vaccari, foram canalizados para José Dirceu com o objetivo de quitar despesas pessoais e pagar aos seus advogados enquanto estava na cadeia.

Conexão no TCU

A UTC pagava por informações privilegiadas e acesso ao Tribunal de Contas da União

Além de pagar propina para obter contratos no governo federal, o empreiteiro Ricardo Pessoa mantinha uma rede de informantes em órgãos considerados estratégicos pela UTC. Um deles era o Tribunal de Contas da União (TCU). Na corte, que tem por atribuição fiscalizar o andamento das obras, identificar sinais de superfaturamento e punir eventuais desvios, o contato do empreiteiro era Tiago Cedraz, um jovem advogado de Brasília cujo escritório virou grife entre as bancas da capital por causa do sobrenome que carrega. Tiago é filho do atual presidente do TCU,

PRESTÍGIO

O advogado Tiago Cedraz, filho do ministro Aroldo Cedraz (foto), recebeu 2 milhões de reais para repassar “informações de inteligência” sobre o TCU ao empreiteiro

CRISTIANO MARIZ

Aroldo Cedraz. Segundo Pessoa, o advogado tinha acesso privilegiado a informações valiosas de interesse da UTC. O empreiteiro contou aos procuradores que, desde junho de 2012, o jovem Cedraz atuava como uma espécie de espião da UTC no TCU. Sem nenhum contrato ou registro em notas fiscais, Pessoa diz que pagava mensalmente a Tiago 50 000 reais em dinheiro vivo para obter o que ele chama de “informações de inteligência”. O objetivo do empreiteiro era antecipar-se às ações de fiscalização dos auditores do TCU e, assim, evitar problemas.

O advogado também alertava o empreiteiro quando um processo de interesse da UTC estava prestes a ser julgado pelos ministros — e atuava para solucionar a pendenga. Segundo Pessoa, Tiago dizia que tinha acesso irrestrito ao tribunal, inclusive na área técnica. “Tiago não chegava a antecipar o resultado do julgamento, mas, diante da notícia de um possível resultado negativo, avisava ‘tem de tirar de pauta, se não vai dar problema’”, contou o empreitei-

ro. Ao ser perguntado sobre o porquê de ter feito os pagamentos, confessou, sem meias palavras: “contratar um tráfico de influência no TCU”. Além dos pagamentos mensais, Tiago Cedraz era remunerado quando havia uma questão mais grave a ser solucionada. Para fazer lobby em defesa da UTC num processo sobre a construção da usina nuclear de Angra 3, recebeu um extra de 1 milhão de reais, segundo Ricardo Pessoa. O pagamento foi feito em espécie, em 23 de janeiro do ano passado. Uma parte do valor foi entregue em Brasília e a outra, retirada na sede da UTC. Os repasses a ele constam numa planilha intitulada “Tiago BSB”, com 25 pagamentos feitos ao filho do ministro do TCU. Pessoa contou que, por vezes, o tesoureiro do partido Solidariedade, Luciano Araújo, retirava valores em nome de Tiago Cedraz. A VEJA, ele afirmou que nunca patrocinou nenhum caso da UTC no TCU e disse que está “à disposição das autoridades para fornecer as informações necessárias à correta compreensão dos fatos”.



O senador de 20 milhões

Foi quanto o grupo de Fernando Collor embolsou num único negócio

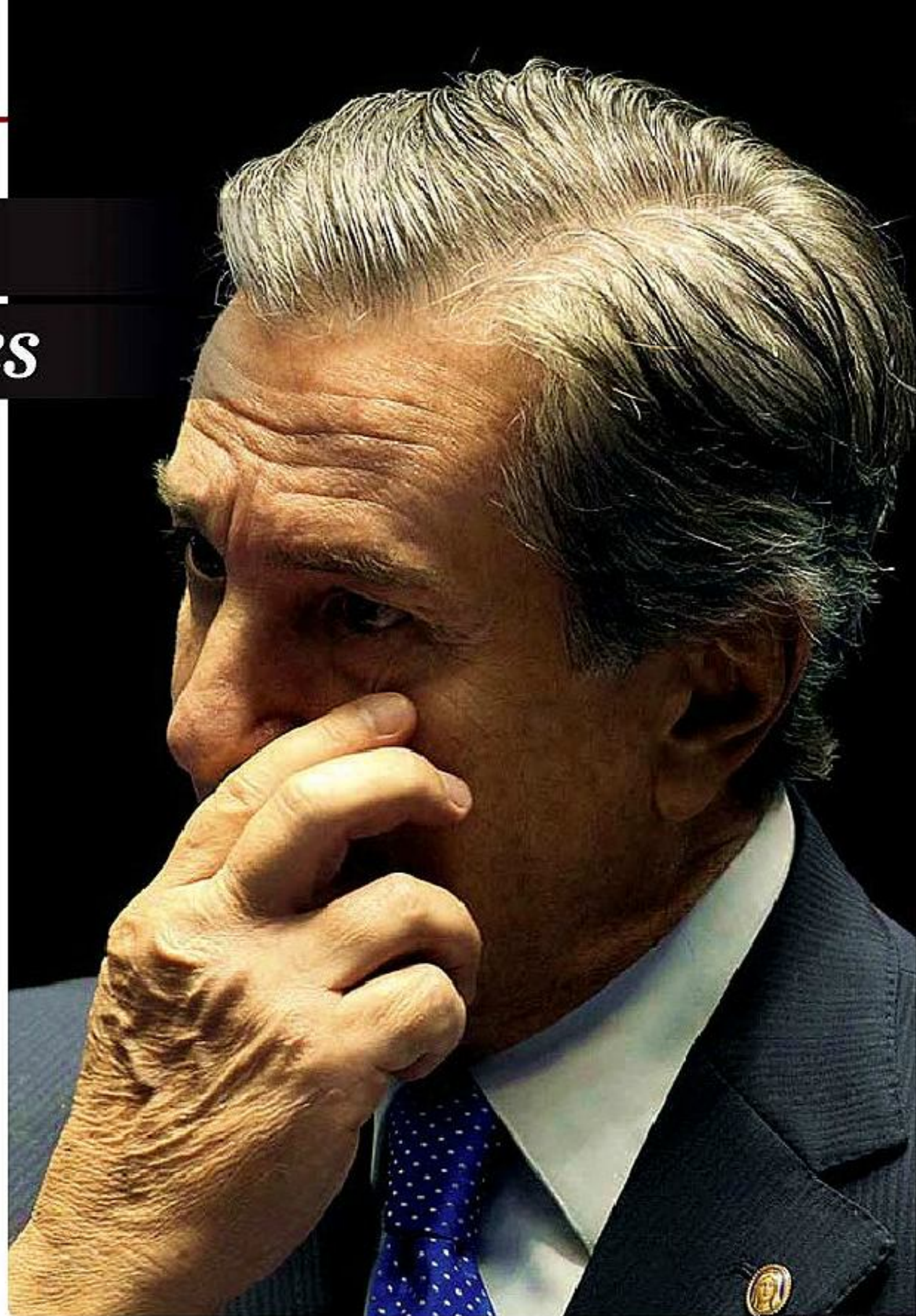
Em troca de manter o seu apoio ao governo Lula, o senador Fernando Collor (PTB-AL) conseguiu emplacar o engenheiro José Zonis na diretoria de Operações e Logística da BR Distribuidora, uma subsidiária da Petrobras. Um excelente negócio — principalmente para o bolso do próprio senador. Depois da posse do diretor, Ricardo Pessoa foi procurado pelo empresário Pedro Paulo Leoni Ramos. Ex-ministro de Collor e amigo pessoal do ex-presidente, “PP”, como é conhecido, falou abertamente de seus planos. Disse que a BR Distribuidora estava no raio de influência dele e ofereceu à UTC um pacote de 650 milhões de reais em contratos com a estatal. Em contrapartida, queria uma “comissão”. Para convencer o empreiteiro, deixou claro que seu fiador no negócio era o amigo “Fernando” e, para provar que não era blefe, levou Ricardo Pessoa até José Zonis para uma primeira aproximação. O dono da UTC contou aos investigadores que, após a reunião com o diretor, a empreiteira aceitou o acordo, ganhou os contratos e pagou a Pedro Paulo e a Fernando Collor nada menos que 20 milhões de reais.

Questionado sobre o suborno, Pessoa esclareceu que seguira a tabela de corrupção da Petrobras durante o governo Lula — o padrão de 3% sobre o montante do contrato. O empreiteiro entregou ao Ministério Público as planilhas com a data dos desembolsos e narrou detalhes de como o dinheiro foi repassado a Pedro Paulo Leoni Ramos. Disse que só aceitara fechar o negócio, inclusive adiantando parte do suborno, por saber que o senador alagoano estava por trás das tratativas. O ex-presidente da República é investigado pelo Ministé-

rio Público e pela Polícia Federal desde o início da Operação Lava-Jato. Em abril do ano passado, os investigadores prenderam no escritório do doleiro Alberto Youssef, um dos operadores do esquema de corrupção na Petrobras, comprovantes de depósitos bancários na conta pessoal de Fernando Collor — num total de 50 000 reais. Quantia pequena se comparada aos volumes de propina movimentados pelos principais corruptos identificados até agora. Era apenas o começo. Em delação premiada, Rafael Ângulo, outro envolvido no escândalo, disse às autoridades que, em 2012, entregou outros 60 000 reais em dinheiro a Collor num apartamento em São Paulo. Mesmo assim parecia um suborno ínfimo para alguém com a biografia do ex-presidente. Com o depoimento de Ri-

Para faturar um contrato de 650 milhões de reais na BR Distribuidora, a UTC pagou uma comissão de 3%. Pessoa diz que deu o dinheiro porque sabia que o senador estava por trás

cardo Pessoa, fica evidente que tanto os depósitos em conta-corrente como os valores entregues em domicílio não passavam de gorjeta. Organizado, o empreiteiro anotou numa tabela as propinas repassadas ao grupo do senador. Os pagamentos começaram em dezembro de 2010 e se estenderam até julho de 2012, quando José Zonis se desentendeu com os padrinhos e acabou deixando a Petrobras. Para garantir os contratos, o empreiteiro deu um sinal de 2 milhões de reais e mais vinte parcelas de 900 000. Total: 20 milhões. O típico mensalão.



CRISTIANO MARIZ

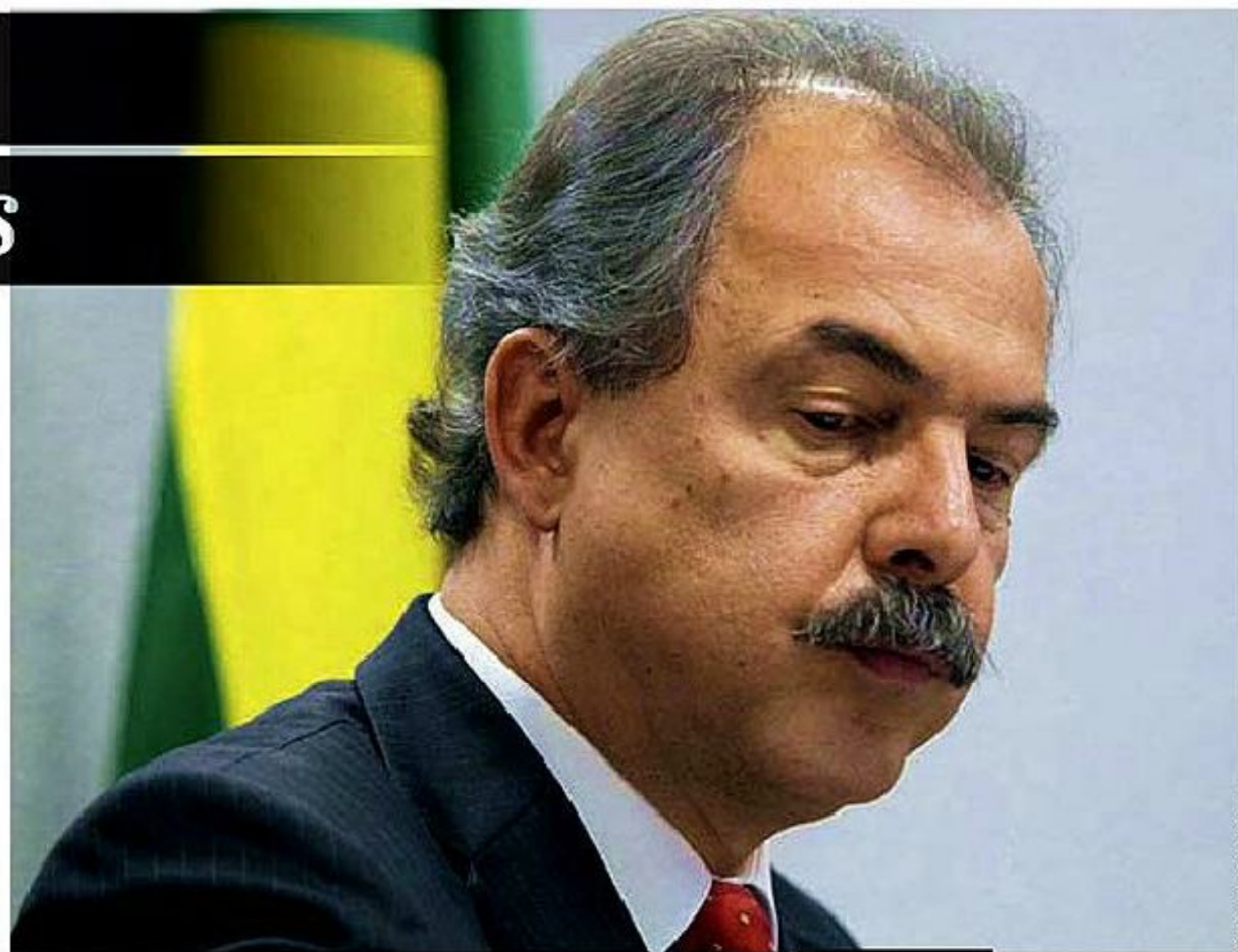
CONTUMAZ

A turma do caixa dois

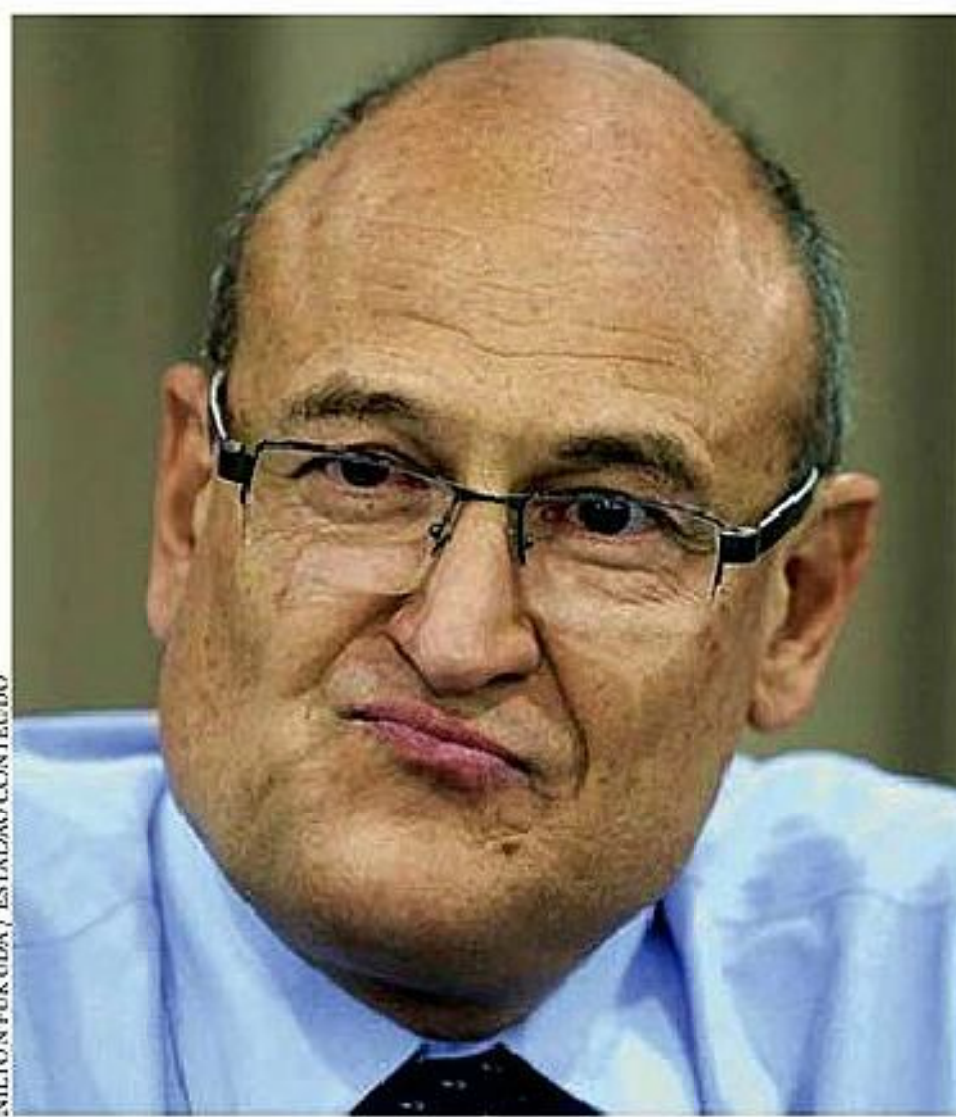
*A lista inclui ministros,
senadores, deputados...*

A UTC, como praticamente todas as grandes empreiteiras, financiou muitos políticos e partidos. Apenas na campanha de 2014, a empresa distribuiu quase 55 milhões de reais em doações eleitorais, incluindo aquelas que camuflavam o dinheiro desviado dos contratos superfaturados da Petrobras. Ao seu acordo de delação, Ricardo Pessoa anexou uma lista com todas as contribuições da empreiteira — as legais, as aparentemente legais e as completamente ilegais. A relação dos clientes dessa última categoria compromete figuras importantes da República. Segundo o empreiteiro, o ministro-chefe da Casa Civil, Aloizio Mercadante, recebeu 500 000 reais para a sua campanha ao governo de São Paulo, em 2010. Desse total, 250 000 reais foram repassados ao ministro em dinheiro vivo. Mercadante nega: “Desconheço qualquer ação não contabilizada para a minha campanha”. O caixa dois do empreiteiro envolve também o ex-tesoureiro das campanhas de Lula e de Dilma, o atual secretário de Saúde da prefeitura de São Paulo, José de Filippi Júnior. Ele recebeu 150 000 reais em doação oficial da UTC e outros 750 000 reais por fora para a sua campanha a deputado, em 2010. Para não chamar atenção, segundo Ricardo Pessoa, Filippi mandava um taxista de sua confiança buscar os pacotes de dinheiro na sede da empresa. O caixa dois do tesoureiro está registrado na planilha “Filippi Diadema” entregue pelo empreiteiro aos investigadores da Lava-Jato.

A lista dos beneficiários é extensa e envolve políticos de vários partidos. O senador Aloysio Nunes Ferreira recebeu 300 000 reais oficialmente e ou-



CRISTIANO MARIZ



NILTON FUKUDA / ESTADO CONTÉUDO

POR FORA

O ministro Aloizio Mercadante, chefe da Casa Civil, e o ex-tesoureiro José de Filippi: ambos constam da lista de políticos que receberam dinheiro clandestinamente

de reais do PT com uma gráfica. O gasto foi descontado da conta-corrente clandestina que o PT deixava sob a administração da UTC. Pessoa também revelou que pagava para não ter problemas. O senador Edison Lobão recebeu 1 milhão de reais para não atrapalhar as pretensões da empresa nas obras de Angra 3. Já o ex-senador Sérgio Machado recebeu 1 milhão de reais como retribuição pelas gentilezas durante o pe-

riodo em que presidiu a Transpetro, uma subsidiária da Petrobras. As operações políticas, quase sempre, eram bem-sucedidas. A exceção foi o deputado Dudu da Fonte. Líder do PP na Câmara, ele recebeu 300 000 reais da UTC em troca de indicação da empreiteira para uma obra no Paraná. Ricardo Pessoa pagou, mas disse que, nesse caso, levou um tremendo “passa-moleque” do deputado. Todos os citados negam ter recebido dinheiro de caixa dois. ■

ros 200 000 reais em dinheiro. Constam ainda o senador Ciro Nogueira (2 milhões), o senador Benedito de Lira (400 000), o deputado Artur Lira (1 milhão) e o mensaleiro Valdemar Costa Neto (200 000). Na campanha de 2012, quem recebeu recursos de maneira irregular foi o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. Pessoa contou aos investigadores que foi procurado por João Vaccari, que pediu a ele que pagasse uma dívida de 2,6 milhões



DIZ-ME PARA QUEM

Alexandrino Alencar, o diretor da Odebrecht envolvido na Lava-Jato, teve direito a três telefonemas ao ser preso. Dois ele fez para os seus advogados. O terceiro foi para o Instituto Lula

HUGO MARQUES

Ao ser preso pela Polícia Federal, em mais uma etapa da Operação Lava-Jato, o empresário Marcelo Odebrecht, presidente e dono da maior empreiteira do país, ligou para a filha que estava em viagem ao exterior. Outros executivos alcançados pela autoridade policial também telefonaram a parentes e advogados para avisá-los da ordem de prisão. Nada mais natural. Essa é a regra em situações assim. Regra

que, como de costume, foi acompanhada de uma exceção reveladora. O até então diretor de Relações Institucionais da Odebrecht, Alexandrino Alencar, fez três ligações antes de seguir para a carceragem da PF em Curitiba. Ele falou com dois advogados e, na terceira chamada, acionou uma certa “Marta”, funcionária do Instituto Lula, como mostra o auto de busca e apreensão publicado na página ao lado. A iniciativa intrigou os investigadores. Por que o executivo da Odebrecht recorreria à equipe do ex-presi-

dente, que, até onde se sabe, não presta serviços de assistência jurídica a terceiros? O que ele teria de tão urgente para informar, pedir ou exigir do petista? Essas perguntas continuam sem resposta, mas a dúvida reforça a suspeita de que Alencar pode ser a peça que falta para ligar definitivamente Lula ao maior esquema de corrupção da história do país.

Nos últimos anos, o ex-presidente e o executivo construíram uma sólida relação de parceria. Quando ainda estava no poder, Lula tratou com Alencar da participação da Odebrecht na execução do novo estádio do Corinthians, o time de coração do petista. Já fora do Palácio do Planalto, tornou-se companheiro de empreitadas do diretor da construtora. Em 2011, Lula chefiou uma missão do

MANDADO DE BUSCA E APREENSÃO Nº
700000796187

Endereço: Rua Joaquim Antunes, 514, ap. 64, Pinheiros, São Paulo/SP, CEP 05415-011

Investigado: ALEXANDRINO DE SALLES RAMOS DE ALENCAR, CPF [REDACTED]

OPERAÇÃO LAVA JATO

Observações: *A renda do celular BlackBerry é "pebaçada". Foi permitida a obtenção de dados, desde que os advogados Augusto Botelho, Maurício Faria (Odebrecht) e Mônica de Jesus (Lula) compareçam.*

PROCURANDO

QUEM? *Alexandrino é apontado como o elo entre a empreiteira, o petrolão e o PT. Amigo de Lula, ele acompanha o ex-presidente nas viagens ao exterior. Segundo o auto de apreensão da Polícia (acima), o diretor ligou para o Instituto Lula no momento em que recebeu voz de prisão*

GISELE PIMENTA/FRAME/AGÊNCIA O GLOBO

LIGAS

governo brasileiro à Guiné Equatorial e convidou Alencar para fazer parte da comitiva oficial. O convite provocou desconforto no Itamaraty. A Odebrecht também bancou viagens de Lula a outros países africanos e latino-americanos, nos quais ele defendeu os interesses comerciais da construtora. A retribuição foi generosa. A empreiteira contratou Lula como palestrante e, de quebra, um sobrinho dele para trabalhar numa obra em Angola que conta com o financiamento do bom e velho BNDES.

Lula e a Odebrecht alegam que mantêm uma relação transparente e legal. Há à disposição das autoridades, no entanto, indícios de que Alencar, o parceiro de empreitadas do ex-presidente, também desempenhava funções menos no-

bres. Delator do esquema, o operador Rafael Ângulo Lopez disse em depoimento que Alencar era, ainda, o elo da Odebrecht com o petrolão. Lopez entregou aos investigadores comprovantes de depósitos de propina em contas no exterior providenciados, segundo ele, pelo executivo da Odebrecht. Outros dois delatores também apontaram Alencar como negociador do repasse de propinas. O doleiro Alberto Youssef, por exemplo, contou que se reuniu várias vezes com Alencar para combinar a partilha do butim roubado da estatal. Foi com base nessas informações que o juiz Sergio Moro decidiu na semana passada manter Alencar preso e transformar sua prisão temporária em preventiva. "Além das provas do envolvimento da Odebrecht no esquema criminoso de cartel, ajuste de licitações e de propina, há prova material de proximidade entre Alberto Youssef e Alexandrino Alencar como já consignei na decisão anterior", registrou Moro. O Ministério Público diz que boa parte da propina desembolsada pela empreiteira passou por contas e empresas nos Estados Unidos. Para identificar depositantes e beneficiários, as autoridades brasileiras pediram ajuda a seus correspondentes americanos — o que, mostra a história recente, é ótimo para o andamento das investigações e péssimo para os gatuños do dinheiro público. O cerco está se fechando. ■

CASAL INVESTIGADO

Pimentel e a esposa, Carolina: a polícia rastreia contas milionárias da primeira-dama

Corrupção em metástase

Em outra frente, a Polícia Federal avança em mais um escândalo que tem o PT como protagonista. O governador de Minas Gerais, o petista Fernando Pimentel, agora é oficialmente investigado pela Operação Acrônimo, deflagrada a partir da descoberta de 113 000 reais a bordo de um avião particular que pousou em Brasília dois dias após o primeiro turno das eleições do ano passado. Na aeronave estava Benedito de Oliveira Neto, o Bené, amigo de Pimentel. Em 2014, Bené atuou como tesoureiro informal da campanha de Pimentel. O caso já extrapola a suspeita de caixa dois. Os policiais descobriram que a mulher de Pimentel, Carolina Oliveira, recebeu cerca de 3,6 milhões de reais de empresas com interesses no BNDES no mesmo período em que o marido, como ministro do Desenvolvimento do governo Dilma, tinha o banco sob seu comando. Bené, segundo a PF, gerenciava o esquema. Em mensagens interceptadas, ele tratava Pimentel como "o chefe". Os policiais suspeitam que Bené usava dinheiro desviado dos cofres públicos para bancar gastos eleitorais e despesas pessoais de Pimentel e Carolina. O empresário também pagou contas do PT. Há indicações de que a atuação de Bené em 2014 não se restringiu a Minas.

LUÍZ COSTA/HOJE EM DIA/ESTADÃO CONTEÚDO



Brasil

ABAIXO DO V MORTO

OLUME

Em sua pior fase, o PT deve encolher, pela primeira vez em vinte anos, nas eleições de 2016. Candidatos ameaçam abandonar a sigla e já há até quem troque de nome para se dissociar dela

MARIANA BARROS E PIETER ZALIS

Ascensão
e queda
do PT

ELEITORES
QUE PREFEREM
O PARTIDO



FONTE: DATAFOLHA

Os petistas não têm um projeto de governo, só pensam em se eleger e arrumar uma boquinha no poder público. Diante de dificuldades, preocupam-se unicamente em salvar a própria pele, preferencialmente sem prejuízo da boquinha conquistada. A constatação é do ex-presidente Lula, que, ao dizer isso (no original: "O PT perdeu um pouco do sonho, da utopia. A gente só pensa em cargo, em ser eleito, ninguém trabalha de graça mais. Estamos querendo salvar nossa pele e nossos cargos ou criar um novo projeto?"), apenas ecoou a avaliação que grande parte dos brasileiros faz hoje do partido que ele ajudou a criar.

A popularidade do PT, que chegou a 27% na metade do primeiro mandato da presidente Dilma, está hoje em 11%, segundo o Datafolha. É pior do que os 15% que o partido exibiu no melhor período do governo FHC, quando se achava na oposição. Pelos erros e crimes que cometeu, e ultimamente até mesmo quando acerta, o PT ofereceu farta munição aos críticos e decepcionou os que o apoiavam. Quatro de seus cardeais foram parar na cadeia no escândalo do mensalão e, agora, pelo menos dez dirigentes correm o mesmo risco com as investigações do petrolão. No campo da economia, o fato de o governo Dilma ter de combater com o remédio amargo do ajuste fiscal a crise sem precedentes que ajudou a criar inspira a parte das críticas por motivos errados.

Com receio de serem tragados junto com a sigla para os subterrâneos da

impopularidade, prefeitos do PT têm procurado outros partidos com vistas a, como diria Lula, salvar a própria pele nas eleições municipais de 2016. Em São Paulo, ao menos uma dúzia deles vem tendo conversas nesse sentido com dirigentes do PSB, PMDB, PPS e PSD — caso, por exemplo, dos prefeitos Mauricio Moromizato, de Ubatuba, e Rafael Agostini, de Jaú. O cenário se repete em outros estados do país. Em Campo Grande, o principal nome do partido para a prefeitura, Ricardo Ayache, deverá deixar a sigla nos próximos meses por considerar que são nulas suas chances de vitória se permanecer onde está. Diante do cheiro de debandada no ar, o presidente nacional do PT, Rui Falcão, e o ministro de Comunicação Social, Edinho Silva, acionaram a máquina estatal para tentar estancar a migração. A ação da dupla já fez com que ao menos um prefeito — que, como todos, depende de convênios com o governo federal para

trabalhar — recuasse da decisão de deixar a sigla.

Mesmo assim, dirigentes petistas admitem que a eleição de 2016 será a primeira em vinte anos em que o partido verá diminuir o seu número de prefeitos. Desde 1996, o PT vinha aumentando a presença nos municípios a cada eleição, até chegar aos 638 vencedores de 2012 — entre eles Fernando Haddad, que comanda São Paulo, a joia da coroa.

Agora, uma amostra do que está por vir aparece em um estudo do Instituto Análise, coordenado pelo cientista político Alberto Almeida. Ele comparou as taxas de reeleição de prefeitos em 76 grandes municípios brasileiros com a aprovação de seus primeiros mandatos. A conclusão é que, quando os índices de ótimo e bom ficam abaixo de 30%, a chance de conseguir renovar o mandato nas urnas é de apenas 16%. Quando a avaliação positiva fica acima de 50%, o patamar de reeleição sobe para 59%.



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

Candidatos no vermelho

Um estudo do cientista político Alberto Almeida com 76 prefeitos de grandes cidades que tentaram a reeleição mostrou que o índice de aprovação de 30% representa uma linha demarcatória entre a vitória e a derrota. Abaixo dela, as chances de reeleição são de apenas 16%. Dos nove prefeitos petistas de capitais e cidades de grande porte que podem se reeleger, sete se encontram abaixo desse marco

**COM
CHANCE**

30%

**QUASE
SEM
CHANCE**



59%

Marcus Alexandre
Rio Branco (AC)



55%

Luciano Cartaxo
João Pessoa (PB)



20%

Fernando Haddad
São Paulo (SP)



20%

Gilmar Machado
Uberlândia (MG)



RECONHECIMENTO

Lula e Rui Falcão, presidente do partido formado por gente que “só quer cargos”, “só pensa em se eleger” e em “salvar a própria pele”

VEJA analisou o caso de nove dos dez prefeitos petistas que comandam capitais ou cidades com mais de 200 000 habitantes (apenas em Anápolis, em Goiás, não havia dados confiáveis). Em sete desses nove municípios, os índices de ótimo e bom dos prefeitos petistas estão abaixo dos 30% — o que, se não significa que o páreo está perdido, indica ao menos que será duríssimo.

A perda de popularidade de um partido depois de uma longa temporada no poder não está relacionada apenas aos erros que comete. Um estudo

do cientista político Paul Whiteley, da Universidade de Essex, no Reino Unido, analisou a queda do ativismo dos filiados de partidos em 36 países e concluiu que o fenômeno tende a ocorrer sempre que a sigla se “profissionaliza” e se aproxima do Estado. “À medida que isso ocorre, ela dá menos importância aos voluntários, ao mesmo tempo que espera que eles assumam mais responsabilidades. Diminui o incentivo para que recrute e retenha apoiadores, já que, em boa medida, ela acaba sustentada pela estrutura de governo.”

Em Mogi das Cruzes, o vereador Clodoaldo do PT, como era conhecido e se identificava em sua página no Facebook, voltou a ser Clodoaldo Moraes. Ele diz que decidiu trocar a apresentação ao perceber que a anterior causava “constrangimento”. “Nos eventos, quando os locutores anunciavam o nome dos presentes, tentavam pular o meu”, conta. O PT, disse Lula, está “abaixo do volume morto”. Mas, ao contrário do Sistema Cantareira, nesse caso, não há solução que venha do céu. ■



22,3%

Donisete Braga
Mauá (SP)



21,5%

Carlos Grana
Santo André (SP)



16,1%

Jorge Lapas
Osasco (SP)



20%

Rodrigo Neves
Niterói (RJ)

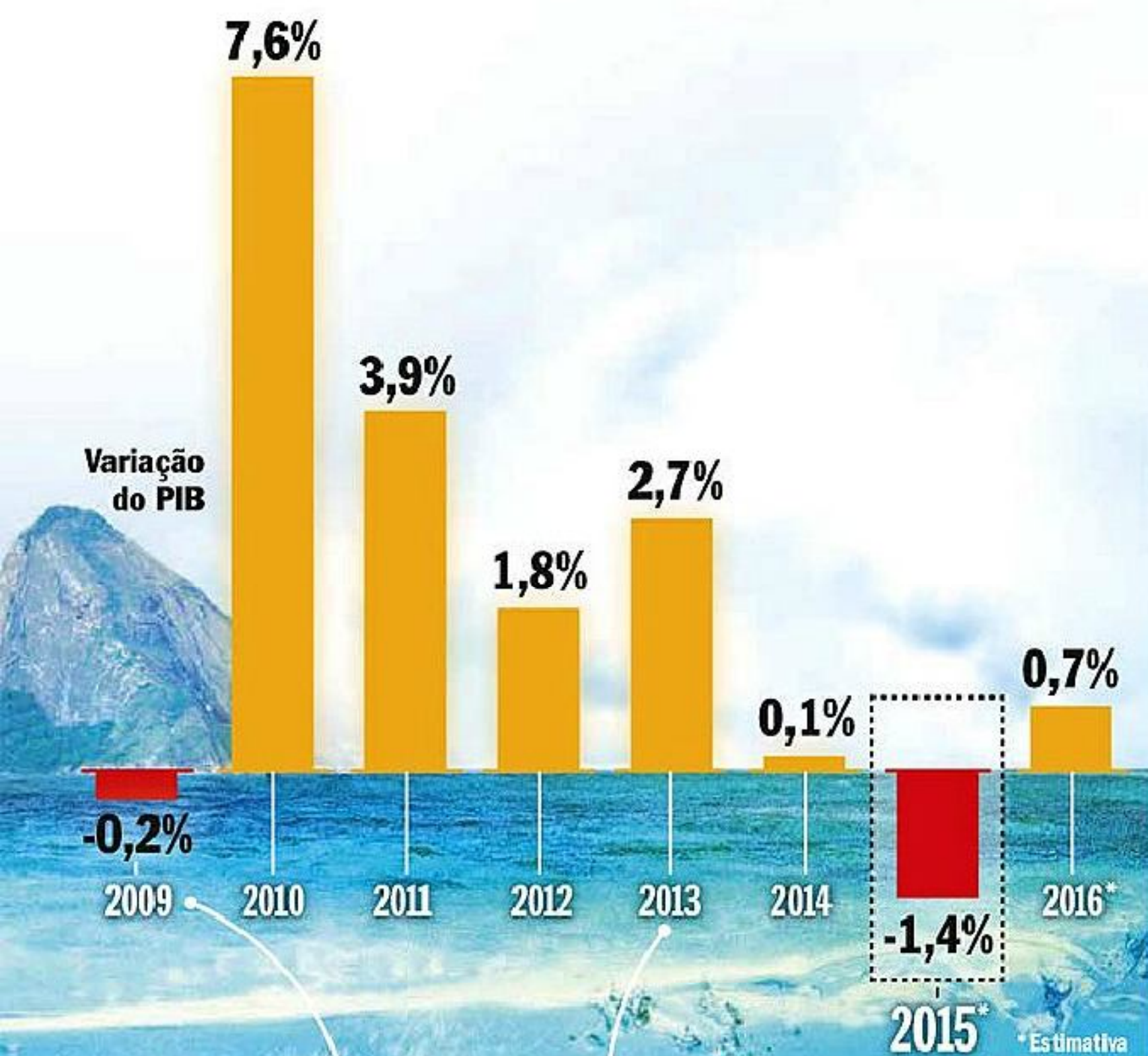


15%

Carlinhos Almeida
São José dos Campos (SP)

VOOU, CAIU E AFUNDOU

Segundo 21 analistas ouvidos por VEJA, só sendo muito pessimista para ter alguma notícia boa sobre o desempenho da economia brasileira neste ano



Fontes: IBGE e Boletim Focus, do Banco Central



O Brasil decola, na capa da revista inglesa *The Economist*: o país despontava como um dos mais promissores no pós-crise mundial



Quatro anos depois, a revista voltou a colocar o país em sua capa, com a chamada "O Brasil estragou tudo?"

É uma questão de lógica. O pessimista radical só tem boas notícias. Afinal, se algo sair menos ruim, já será um alívio. Esse é o quadro atual da economia brasileira. Para encontrar uma boa notícia, é preciso antes estar esperando o pior. No fim do ano passado a expectativa média dos analistas econômicos consultados pelo Banco Central era de que o país pudesse escapar da recessão em 2015. Passados seis meses, entretanto, esses mesmos consultores agora estão prevendo uma retração de 1,4%. Os pessimistas estimam um tombo ainda mais profundo — e, portanto, se ao fim do ano a retração tiver sido mesmo de 1,4%, isso será para eles uma boa notícia. Só para eles. A dinâmica atual da economia brasileira está fazendo com que os otimistas se tornem pessimistas e, muitos destes, simplesmente realistas. O mau humor é contagioso. Segundo pesquisa do Datafolha, mais da metade dos brasileiros entrevistados espera uma piora na situação econômica — e 73% temem um aumento no desemprego. O índice de confiança dos consumidores feito pela Fundação Getúlio Vargas caiu, em junho, ao segundo menor nível da série histórica. São os sintomas da inflação elevada e da economia em recessão. A taxa de desemprego nas regiões metropolitanas subiu para 6,7% em maio, a pior para o mês em cinco anos. Além disso, houve queda real, descontada a inflação, de 5% no salário médio dos trabalhadores com carteira assinada ante o mesmo mês de 2014.

A retração vai se aprofundar ainda mais? Existe uma previsão confiável de quando a economia voltará a crescer e criar empregos? VEJA fez essas questões a 21 analistas. As respostas deles estão nas quatro páginas seguintes.

COM REPORTAGEM DE
MARCELO SAKATE, BIANCA ALVARENGA
E ISABELLA DE LUCA



EVARISTO SA/AFIP

OTIMISTA

Dilma Rousseff,
presidente da República

"Estamos esperando que melhore no final do ano. Eu acredito nisso." (em junho, em entrevista a Jô Soares)

MENOS PESSIMISTAS



Pedro Passos,
presidente do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) e sócio-fundador da Natura

"Todas as variáveis refletem a etapa adversa que estamos vivendo. A demanda de crédito está caindo, o consumo das famílias de bens duráveis vem registrando involução

e os investimentos têm queda acentuada. Há muita falta de confiança empresarial. É difícil precisar quando esse processo atingirá o seu ponto mais baixo, mas penso que um prazo possível seja entre o fim deste ano e o primeiro semestre de 2016. Seria importante deslanchar o programa de concessões e reformas. Temos capacidade para endereçar esses pontos e iniciar 2016 com um quadro mais favorável à recuperação."

ANA CAROLINA NEGRU/VALOR



MARISA CAUDURO/VALOR/FOLHAPRESS

Fernando Sampaio,
diretor da LCA Consultores

"O ponto mais baixo do PIB deve ser o meio do ano, pois, a partir do quarto trimestre, dois fatores devem

estancar a queda, começando a revertê-la muito lentamente: o fim do processo de ajustamento de estoques excessivos por parte da indústria; e o avanço dos estímulos à atividade econômica advindos do ganho de competitividade proporcionado pela desvalorização do real. Projetamos que o PIB cresça 0,9% em 2016."

Luiz Moan, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)

"Só devemos perceber uma melhora quando todo o processo de ajuste fiscal estiver definido. Em termos de produção industrial, teremos um desempenho muito ruim no terceiro trimestre. A economia como um todo vai demorar um pouco mais a voltar ao ritmo de crescimento. Provavelmente só haverá uma recuperação efetiva a partir do segundo trimestre do ano que vem. Vários segmentos precisarão ainda ajustar seus estoques, para reagir aos baixos níveis de consumo."



LUIS USHIROBERA/VALOR/FOLHAPRESS

MARCOS ALVES/AG. O GLOBO



Maurício Molan,
economista-chefe do Santander

"Não é trivial o desafio de pôr a economia de volta nos trilhos. Veremos quedas adicionais de consumo e investimentos ao longo de 2015. Mas as ações corretivas nas áreas fiscal e monetária têm sido contundentes, o que assegura uma perspectiva mais promissora para o ano que vem. O fundo do poço para o emprego será atingido no início de 2016. A retomada virá quando os empresários perceberem que o governo equilibrou seu orçamento e não precisará avançar sobre o setor privado em busca de mais impostos."

RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS/FOLHAPRESS



Gustavo Loyola,
sócio da consultoria Tendências e ex-presidente do Banco Central

"O PIB em 2015 deve ter queda de cerca de 1,5%, com aumento do desemprego e queda do consumo. Após um ciclo recessivo, o emprego tarda a se recuperar. As empresas precisam estar seguras da tendência de retomada antes de recontratar, pois existem custos não desprezíveis de contratação e demissão. Observaremos um crescimento em 2016 da ordem de 1%. Para 2017 e 2018, caso haja uma gestão responsável, é possível ao país voltar a crescer em torno de 2% a 2,5% ao ano."



Clemens Nunes,
professor
da Escola de
Economia da FGV



"A queda da atividade vai se acentuar no segundo e no terceiro trimestre de 2015, estabilizando-se no último trimestre do ano. Uma recuperação leve deve acontecer a partir do segundo trimestre de 2016, fechando o ano com crescimento de 0,3%."



Gesner Oliveira,
sócio da
consultoria
GO Associados



"A situação tende a piorar antes de melhorar. O consumo das famílias deverá continuar a registrar

contração em decorrência da piora nas condições de emprego e renda no mercado de trabalho. Os choques tarifários pressionaram os orçamentos, que já estavam constrangidos pelo elevado endividamento. A economia deverá ganhar tração ao longo de 2016. Espera-se, contudo, que o desemprego continue a subir. Ao longo de 2016, as variações nos preços tendem a arrefecer."



Thaís Marzola Zara,
economista da Rosenberg
Associados

"A retomada deverá ocorrer apenas na segunda metade de 2016. O desemprego se manterá elevado, começando a ceder no segundo trimestre, de forma tímida. Temos um longo processo de ajuste pela frente. De qualquer maneira, o cenário será um pouco melhor em 2016. Em primeiro lugar, teremos a inflação recuando, com impacto sobre o poder de compra. Com algum sucesso dos leilões de concessões previstos para a segunda metade deste ano, poderemos ter aumento de investimentos em 2016, mas ainda longe de ser suficiente para repor as perdas dos anos anteriores."



PESSIMISTAS



Gilberto Braga,
professor de finanças do Ibmecc — RJ

"A retração é inevitável em 2015, com a economia encolhendo 2%. Atingiremos o que pode ser chamado de fundo do poço agora, na virada do semestre, só que ficaremos nesse degrau, com pequenas oscilações, até o ano que vem. O desemprego deve subir até 8% em dezembro. Mesmo que se possam esperar melhorias na economia em 2016, a taxa de desemprego deve continuar pressionada, podendo crescer para 10% ou 11%."



Ilan Goldfajn,
economista-chefe do banco
Itaú Unibanco e ex-diretor do BC



"A retração maior do PIB deve ser no segundo trimestre de 2015. Esperamos uma retomada moderada a partir do começo de 2016, com crescimento de 0,3% no próximo ano. A taxa de desemprego deve continuar subindo durante 2015, até atingir 7,6%, em números dessazonalizados, e subir mais lentamente no ano que vem, chegando ao seu pico (cerca de 8%) no fim do ano."



Armando Castelar,
coordenador
do Instituto
Brasileiro de
Economia da FGV



"Nossas projeções mostram que a contração mais forte se dará no segundo trimestre de 2015. Mas novas quedas, mais suaves, podem ocorrer na segunda metade do ano. A economia deve recuperar-se lentamente daí para a frente, mas com pouco vigor. Não há um cenário de 'virada' no horizonte, mas de uma lenta recuperação."



ANA PAULA PAIVA/VALOR/FOLHAPRESS



Marcel Motta, diretor da Euromonitor International no Brasil

“O pessimismo do início do ano deu espaço para a perda real de renda via desemprego. Esse medo é amplificado pelo fato de o consumidor estar endividado no longo prazo com financiamentos imobiliários e, portanto, com medo de endividar-se ainda mais. O que há realmente é uma falta de perspectiva de quando a atividade econômica sairá do crescimento negativo e voltará para taxas de 3% ou 4% vistas no passado.”



Alexandre Schwartzman, consultor e ex-diretor do BC

“O ponto mais baixo deve se dar no terceiro trimestre de 2015. A demanda externa, impulsionada pelo câmbio, deve reagir antes, mas, como o Brasil é uma economia fechada, as exportações não conseguem puxar o crescimento muito para cima. A capacidade de



Fabio Kanczuk, professor da FEA-USP



“A economia está em seu pior momento. Os resultados do PIB do

segundo e do terceiro trimestre de 2015 serão negativos, mas no quarto trimestre haverá resultados positivos, embora medíocres. O desemprego, no entanto, vai piorar bastante, porque, historicamente, as taxas vêm atrasadas em relação ao PIB. Vamos sair desse patamar muito lentamente e só conseguiremos perceber melhoras efetivas em dois anos. Até 2017, a recuperação da economia será tímida, e essa é a principal diferença em relação às outras crises que vivemos. O ritmo da recuperação será muito mais lento.”

LUIS USHIROBIRA/VALOR/FOLHAPRESS



José Luis da Costa Oreiro, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

“Estamos no início das dores. O ciclo de elevação da taxa de juros deve se prolongar por mais alguns meses, com a Selic podendo alcançar 15%. O ajuste

crescimento sustentável anda na faixa de 1,5% a 2% ao ano. A aceleração das concessões de infraestrutura pode ajudar, bem como melhoras na área tributária, trabalhista e de abertura comercial. Concretamente, espero algo no campo das concessões. Quanto às demais reformas, parece que o governo não tem força política nem vontade de se engajar no processo.”

João Augusto de Castro Neves, diretor para a América Latina da Eurasia Group



“Os acontecimentos da Operação Lava-Jato sinalizam que o pior da crise política e econômica ainda pode estar por vir. Apesar dos esforços concretos do governo para resgatar a confiança, a onda de más notícias continua. Percebe-se que as dificuldades deverão adentrar 2016 também. No plano macroeconômico, o ajuste deverá prosseguir, mas sempre um pouco aquém do necessário. No melhor cenário, os próximos três anos não serão brilhantes.”

DIVULGAÇÃO

fiscal vai se estender até 2017, no mínimo. Como a política monetária e a política fiscal vão continuar contracionistas por um longo período, não há a menor chance de a recuperação se originar da expansão da demanda interna. Só poderemos sair da crise por intermédio de um aumento da demanda externa por produtos brasileiros. Isso requer um aprofundamento do processo de desvalorização do câmbio. O Banco Central tem de permitir que a cotação do dólar suba para, pelo menos, 3,50 reais.”



DANIEL GUIMARÃES/FOLHAPRESS



desempenho da construção civil será severamente negativo. Além da construção civil, a Lava-Jato deve afetar o setor bancário. As empreiteiras envolvidas são muito grandes e têm dívidas enormes com bancos. Na melhor das hipóteses, veremos uma estagnação do PIB em 2016. O mais provável é que ele seja levemente negativo."

Monica Baumgarten de Bolle, pesquisadora do Peterson Institute for International Economics e sócia da Galanto Consultoria

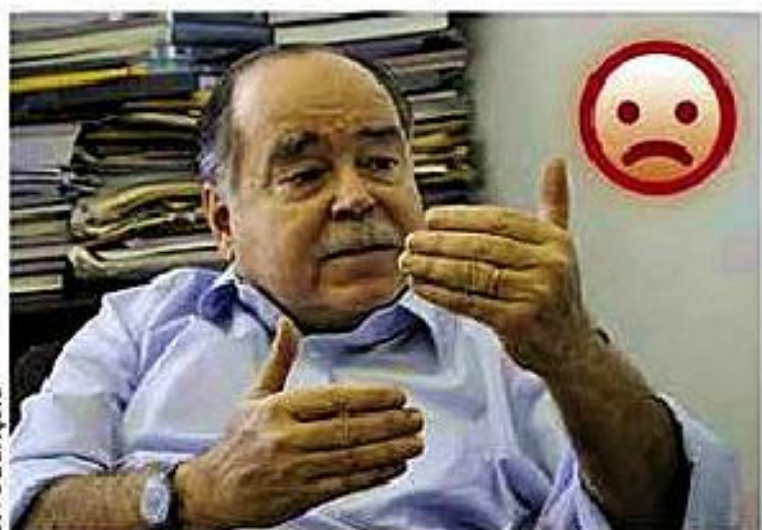
"A batelada de indicadores negativos, somada ao aprofundamento da Lava-Jato e ao drama das famílias (desemprego, renda em declínio, custo de vida mais alto), sugere que a retração deverá se acentuar até o fim do ano. Não sei quando chegaremos ao ponto mais baixo. A complexidade da crise atual, envolvendo aspectos econômicos, políticos e institucionais, não permite uma visão clara. Estamos longe do ponto de inflexão. Os problemas são profundos, difíceis de ser dirimidos em prazo curto. Não consigo enxergar quando o crescimento retornará de modo sustentável."



MACDALENA GUTIERREZ

Sérgio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associados

"A tendência é ainda piorar no segundo semestre. Projetamos, no momento, retração de 0,1% no ano que vem, mas corremos o risco de revisar para baixo novamente. O que se pode dizer é que não será pior do que 2015, quando vamos cair entre 1,5% e 2%. Tanto o ajuste fiscal quanto o monetário estão em andamento. O desemprego deve iniciar 2016 em alta. Teremos muitos anos de taxa de desemprego elevada. Não consigo antecipar uma virada de fato, com aceleração mais forte da atividade econômica."



DIVULGAÇÃO

Luiz Roberto Cunha, professor de economia da PUC-RJ

"O ajuste fiscal e monetário, depois do fracasso da 'nova matriz econômica' do primeiro mandato de Dilma, terá de ser longo, principalmente pela dificuldade na aprovação do conjunto de medidas propostas pela equipe econômica. Quando a política econômica recuperar a credibilidade, estarão sendo criadas as condições básicas para que os investimentos sejam retomados."

MAIS PESSIMISTAS



SIMONE MARINHO/AG. O GLOBO

José Márcio Camargo, economista da Opus Gestão de Recursos e professor da PUC-RJ

"A retração está apenas começando. Estimo uma queda do PIB entre 1,5% e 2,0% em 2015. Nesse cenário, não levo plenamente em consideração os efeitos da Lava-Jato. O impacto da operação sobre a taxa de investimento e sobre o



CECILIA ACIOLI/FOLHAPRESS



Marcos Casarin, analista da consultoria britânica Oxford Economics

"O que vamos ver é o efeito da piora no mercado de trabalho sobre as decisões de consumo das famílias. Sendo assim, se o desemprego continuar subindo e os salários começarem a crescer menos do que a inflação, poderemos ver um horizonte de retração mais longo que o de costume, o que arrastaria o PIB para baixo. Vejo um cenário de improviso pela frente. O único fator que poderia provocar uma virada seria uma crise causada pela perda do grau de investimento. Somente nesse caso vejo um ponto de inflexão. Fora isso, meu cenário-base é de uma morte lenta para a economia."

OS ACIONISTAS CONTRA A PETROBRAS

A Justiça dos Estados Unidos começa a julgar se os investidores internacionais e também os brasileiros terão o direito de ser ressarcidos pelas perdas com a estatal

MARCELO SAKATE

Há pouco menos de cinco anos, a Petrobras realizou a maior captação mundial de recursos da história (até aquele momento) por meio da venda de ações: levantou 70 bilhões de dólares, o equivalente a 120 bilhões de reais na ocasião, para assegurar os recursos para a exploração do pré-sal. A promessa de riqueza em abundância atraiu o interesse de investidores em todo o mundo, que aplicaram na estatal 24 bilhões de reais. No Brasil, pequenos investidores contribuíram com 3,4 bilhões de reais. Na época, as ações da Petrobras passaram a ser negociadas a 28 reais. Desde então, a empresa entrou em um inferno astral causado não pelas estre-

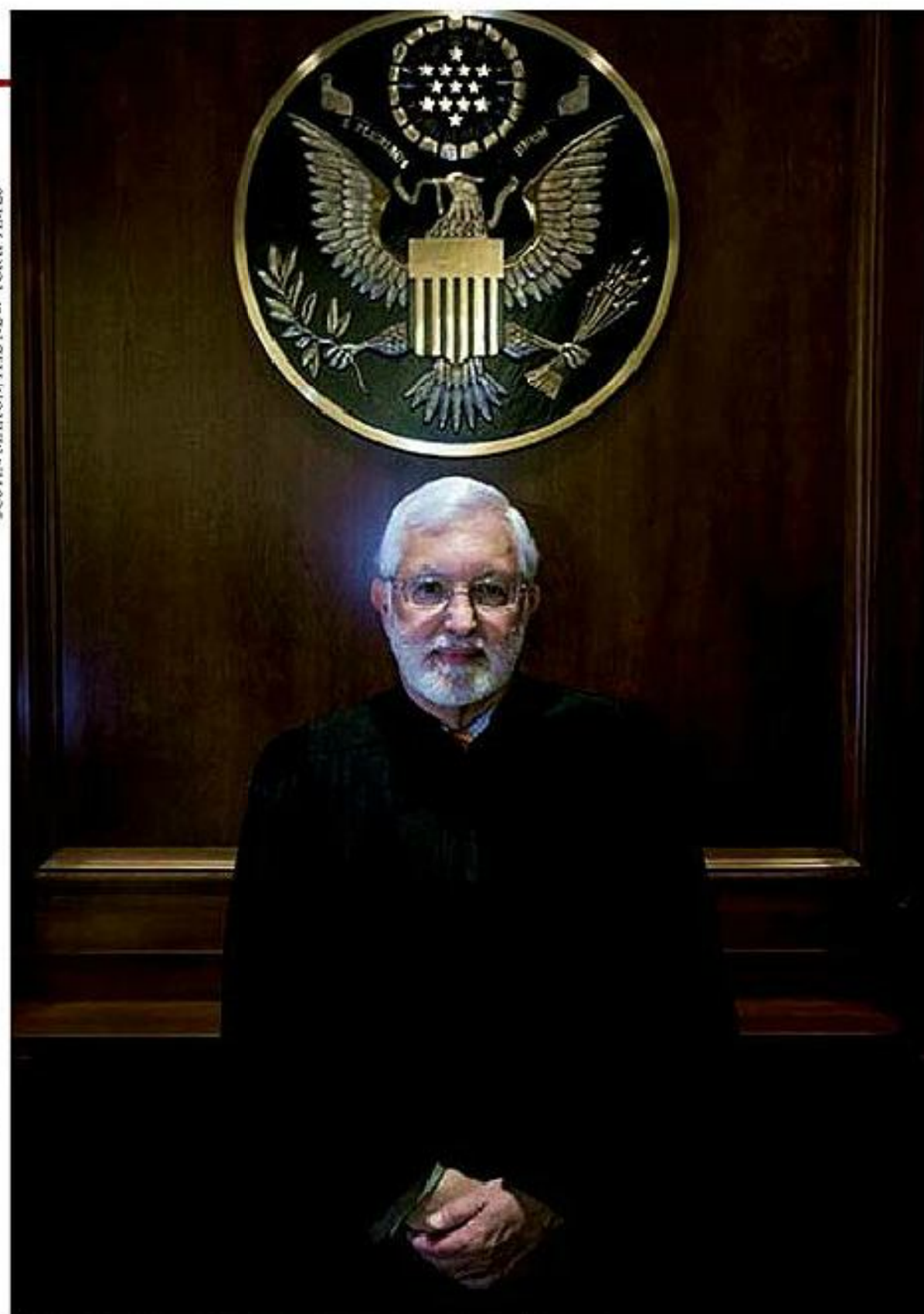
las do firmamento, mas por aquela do partido no comando do governo. A estatal foi sangrada pela interferência política, que a obrigou a vender combustíveis de forma subsidiada, pelo esquema de corrupção investigado pela Operação Lava-Jato e por decisões equivocadas, como a aposta em refinarias que não dão retorno. Tudo isso dilapidou o patrimônio daquela que era a maior empresa brasileira e a quarta maior do mundo. Só com os subsídios à gasolina e ao óleo diesel, a perda foi de 80 bilhões de reais. O tamanho do rombo com a corrupção e os projetos errados foi revelado há dois meses, quando a Petrobras assumiu uma baixa de 50,8 bilhões de reais no patrimônio. Em janeiro, no auge das incertezas sobre o futuro da empresa, a cotação

caiu para 8 reais. A derrocada levou junto a poupança de milhares de investidores no Brasil e no exterior.

Esses investidores decidiram entrar com processos na Justiça para cobrar os seus direitos, na forma de indenização pelos prejuízos com a queda das ações. A alegação é que a empresa divulgou informações incorretas sobre a sua saúde financeira e o patrimônio, o que os induziu a erro na avaliação sobre se a aplicação valia a pena ou não. O principal processo corre na corte federal da Justiça americana em Nova York. Trata-se de uma ação coletiva liderada por um fundo de pensão de professores ingleses, com sede em Liverpool, mas que defende o interesse de outras empresas e pessoas físicas. Na última quinta-feira foi realizada a primeira audiência do processo, que está nas mãos do juiz Jed Rakoff, famoso pelo rigor com que julgou casos de fraude na derrocada pós-crise financeira de 2008. Não há ainda estimativa oficial sobre o valor das in-



JUSTIN MAXON/THE NEW YORK TIMES



DADO GALDIERI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

EMBATE NO TRIBUNAL *Caberá ao juiz Jed Rakoff, da corte federal em Nova York, a decisão sobre a indenização dos acionistas da Petrobras: proteção ao direitos dos pequenos investidores*

denizações e multas a que a Petrobras estará sujeita, mas especialistas indicam que ela pode ser obrigada a desembolsar um montante em torno de 1 bilhão de dólares. Poderão ser beneficiados todos os acionistas minoritários, incluindo os que não aderiram à ação coletiva mas compraram ações da Petrobras nos Estados Unidos entre janeiro de 2010 e março passado. Há um pleito para que investidores brasileiros com ações da Petrobras na BM&FBovespa e que adicionalmente compraram papéis no mercado americano tenham direito a ser indenizados, por ordem da corte americana, também pelas infrações cometidas em relação à legislação brasileira.

Os advogados da Petrobras alegam que a estatal não tinha conhecimento das fraudes. A empresa diz ter sido vítima de um cartel criminoso formado pelas maiores construtoras e empresas de engenharia do país, além de políticos corruptos; negou ter pago propinas e disse que não sabia que havia sobrepre-

ço nos contratos. Além disso, tenta trazer o julgamento do caso para o Brasil. A expectativa dos investidores nesse processo é fundamentada pelo histórico de proteção da lei americana a acionistas minoritários. Duas empresas brasileiras privadas servem como exemplo recente. A Aracruz e a Sadia foram processadas por investidores por causa dos prejuízos com contratos de derivativos cambiais na crise financeira. Foram acusadas de não fornecer as informações devidas e fecharam acordos para encerrar as ações na Justiça americana: pagaram, respectivamente, 37,5 milhões de dólares e 27,5 milhões de dólares. No caso da Petrobras, a opção de um acordo para encerrar o litígio terá caráter político: a decisão caberá ao governo federal, que é o acionista controlador. O processo coletivo em Nova York contrasta com a realidade do mercado brasileiro, em que correm contra a estatal apenas ações isoladas de pequenos investidores, por causa de restrições legais.

Enquanto isso, a nova diretoria busca reerguer a Petrobras. A principal vulnerabilidade está na sua dívida líquida de 332 bilhões de reais. Investidores e analistas aguardam a atualização do plano de negócios. É esperada uma redução de 30% a 40% nos investimentos previstos entre 2015 e 2019 na comparação com os 220,6 bilhões de dólares do plano anterior. Especialistas questionam se a Petrobras terá vigor financeiro para dar o andamento necessário à exploração do pré-sal. Um projeto de lei do senador José Serra propõe que a estatal não seja mais obrigada em lei a participar de todas as atividades de exploração e produção do pré-sal nem a deter a participação mínima de 30% nos consórcios que vencerem os próximos leilões. Executivos da própria empresa apoiam a ideia, apesar da resistência de Dilma Rousseff. A proposta tem o mérito de instilar realismo nos planos da empresa, uma vez que ela não tem capacidade administrativa nem financeira para assumir todos os projetos. ■

Nove mitos que turvam o debate

1 O pré-sal micou O pré-sal brasileiro consegue ser competitivo, apesar de ser extraído de reservas que estão a quase 7 quilômetros de profundidade. Hoje, o custo médio da produção do barril é de 9 dólares — a média internacional é de 14 dólares. Quando se soma o custo de instalação dos poços e plataformas, diferidos na vida útil do campo, o preço final do barril fica em 15 dólares.

2 O pré-sal não tem mais atrativos em um mundo que caminha para a energia limpa Nenhuma das desejadas e esperadas formas de energia limpa em pesquisa ou já em uso tem condições de atenuar a dependência que o mundo tem do petróleo. Esse *status quo* deve permanecer pelo horizonte visível, ou seja, ainda não será esta nem a próxima geração a desfrutar energia limpa em quantidade e preço compatíveis com o atendimento das necessidades de mais de 7 bilhões de habitantes da Terra.

3 As empresas petrolíferas internacionais esnobam o potencial econômico do pré-sal O reconhecimento do pré-sal como uma valiosa fronteira energética tem influenciado movimentações no mercado de óleo e gás com gigantes do setor. A mais recente foi quando a anglo-holandesa Shell, parceira da Petrobras no campo de Libra, comprou a BG, que também opera no pré-sal.

4 A dívida bruta de 400 bilhões de reais é impagável A companhia tem um endividamento elevado, mas grande parte dele é de longo prazo — segundo o balanço do primeiro trimestre deste ano, quase 300 bilhões da dívida só vencem a partir de 2018, sendo que 165 bilhões serão cobrados apenas a partir de 2020. Para manter seus pagamentos em dia, a Petrobras tem, até lá, de ter recuperado a saúde financeira. Para isso, é preciso pôr a casa em ordem e não desperdiçar dinheiro em projetos sem perspectivas de lucro.

5 A empresa foi abalada em seus alicerces pela corrupção O maior dano causado pela Operação Lava-Jato à Petrobras foi sem dúvida em sua reputação, o que repercutiu na desvalorização aguda das suas ações e

na paralisação de projetos. Essa perda foi maior que a dos desvios em si, que, segundo a empresa, ficaram na casa de 6,2 bilhões em um período de dez anos — o número impressiona, mas o processo não minou a capacidade da companhia, que deverá ter uma geração de caixa de 80 bilhões de reais em 2015.

6 É irrecuperável o prejuízo trazido pelos subsídios ao diesel e à gasolina A prática de conter esses reajustes para controlar artificialmente a inflação foi a mais danosa para o caixa da Petrobras. Os reajustes recentes, acompanhados da desvalorização internacional dos combustíveis, melhoraram a lucratividade da empresa sobre os importados. Alguns analistas, porém, avaliam que a margem da empresa com as vendas está se aproximando do zero e alertam para a necessidade de um novo reajuste.

7 A investigação que a Petrobras sofre nos Estados Unidos vai destruir a empresa Mesmo que a estratégia jurídica da Petrobras falhe e a ação prospere, casos como este costumam terminar em acordos em vez de longas e onerosas disputas nos tribunais americanos. Ao chegar a este ponto, os valores pedidos são reduzidos de maneira marcante. A indenização mais polpuda por fraude paga até hoje, a do caso Enron, ficou em 7,2 bilhões de dólares. Um eventual acordo da Petrobras não deve chegar nem próximo desse valor — mas, mesmo que chegue, não tem volume para abalar a empresa.

8 A Refinaria Abreu e Lima, orçada em 2 bilhões (de dólares), já custou 20 bilhões e não funciona O projeto da refinaria que foi aprovado e construído tinha o custo de 13 bilhões de dólares — o valor de 2 bilhões se refere a um pré-projeto que se mostrou tecnicamente inviável. O trem 1 da refinaria, com capacidade de processar até 115 000 barris por dia, está em operação desde dezembro de 2014.

9 As demais obras tísadas pela corrupção vão continuar paradas Até que as novas prioridades sejam definidas por um plano de negócios, esse último item não chega a ser um mito.

A DEFES MINORIT

Se o desfecho dos julgamentos do Grupo EBX, de Eike Batista, e da Petrobras consolidar a visão corrente de impunidade das fraudes que causaram perdas a milhares de investidores, o mercado de capitais brasileiro será o principal prejudicado. A avaliação é da advogada Érica Gorga, pesquisadora na Escola de Direito de Yale e professora da FGV-SP, que atua como perita no processo coletivo nos EUA em que investidores buscam indenização pelo prejuízo com a Petrobras. Em entrevista a VEJA, Érica defende a ideia de que as leis brasileiras sejam reformuladas para proteger os acionistas minoritários. **M.S.**

GESTÃO OMISSA

A estatal é processada por fraude a investidores com base nas leis americana e brasileira. Só entre 2012 e 2014, a Petrobras levantou 26,5 bilhões de dólares de investidores internacionais. Por lei, a empresa tem obrigação de fornecer demonstrações contábeis completas e verídicas de sua real condição financeira. É processada por emitir declarações inverídicas e dar informações falsas, isto é, mentir, omitir e enganar investidores e induzi-los a erro de avaliação sobre o investimento.

REPERCUSSÕES

Os investidores brasileiros que compraram títulos da companhia nos Estados Unidos também têm direito a ser ressarcidos dos prejuízos sofridos. É a alegação que defendo na ação na corte federal em Nova York. O processo é coletivo, ou seja, beneficia a todos os investidores na mesma situação. Se o juiz decidir que a ação tem de prosseguir, haverá grande impacto: mostrará que as normas brasileiras de proteção a investido-

A DOS ÁRIOS

res não cumpridas no Brasil serão aplicadas nos Estados Unidos.

EIKE E PETROBRAS

Até hoje, a lição deixada pelos casos do Grupo EBX, de Eike Batista, e da Petrobras é que cometer ilícitos contra investidores compensa — e muito. A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) aplicou multas no total de 1,4 milhão de reais a Eike, valor irrisório quando considerados os prejuízos causados a investidores — que ainda não foram indenizados. Nesse caso há uma ação civil pública em estágio inicial. Se o resultado final consolidar a visão corrente de impunidade de fraudes a investidores e crimes financeiros, o mercado de capitais brasileiro como um todo tenderá a minguar ainda mais. As empresas sofrerão descontos nos preços de seus papéis devido à desconfiança do mercado internacional.

AMARRAS DA LEI

Para que houvesse um processo coletivo para a indenização dos investidores no Brasil no caso da Petrobras, o Ministério Público teria de ingressar com uma ação civil pública. Mas não o fez, porque tem focado somente a esfera criminal. No Brasil, existem apenas ações individuais esparsas de pequenos investidores. Com as leis atuais, minoritários quase nunca são indenizados.

MAIOR RIGOR

É preciso reformar as leis. Deve-se permitir que acionistas com menor propriedade acionária ingressem com ações de responsabilidade civil contra administradores em benefício da companhia, como ocorre em países da Europa, e reformar a lei da ação civil pública, para que outras partes privadas ingressem com processos coletivos, como ocorre nos EUA. Precisamos reformar a lei de mercado de capitais para estabelecer

multas mais altas e parâmetros mais claros para a responsabilização de bancos de investimento, auditores e advogados — todos os que têm obrigação legal de monitorar as empresas.

INVERSÃO DE PAPÉIS

Propagou-se o mito de que a Petrobras é vítima. Uma companhia que captou bilhões de dólares e de reais dos investidores não pode dissipar tais recursos sem assumir sua responsabilidade. A lei impõe obrigações às companhias que captam poupança popular. A vitimização diminui a possibilidade de responsabilizar os administradores perpetradores de ilícitos. Além disso, afugenta investidores, que são as vítimas reais, pois uma companhia não é gerida para remunerar a si mesma. Ninguém quer investir em companhias que não são responsabilizadas pelo uso do dinheiro dos seus acionistas. É inconcebível que pessoas honestas trabalhem a vida inteira para ter a aposentadoria dissipada em corrupção.

EXEMPLO AMERICANO

A Enron foi processada por um grande esquema de fraude e ressarciu mais de 7 bilhões de dólares a investi-

dores; seu ex-presidente foi condenado a 24 anos de prisão. O argumento de que a companhia que capta dinheiro do público e comete fraudes é “vítima coitadinha”, não responsável por suas ações, não prospera nos Estados Unidos. Os americanos sabem que, se não houver proteção dos direitos dos investidores, a economia não crescerá, porque não haverá investimentos.

DIREITO AMEAÇADO

O governo brasileiro rapidamente aprovou a Lei de Arbitragem, que é utilizada como argumento para afastar a jurisdição americana e levar o processo da Petrobras para a câmara de arbitragem sigilosa da BM&FBovespa. O mesmo governo que não quer privatizar a empresa quer impor a privatização das disputas da companhia com investidores e barrar o acesso ao Judiciário, o que é inconstitucional. A escolha entre Judiciário e arbitragem privada para resolver disputas deve ser do investidor. A arbitragem é muito mais cara e não é viável para a maioria dos investidores minoritários. Além disso, no Judiciário o processo é público, enquanto na arbitragem é secreto. ■

“É inconcebível
que pessoas
honestas trabalhem
a vida inteira para
ter a aposentadoria
dissipada em
corrupção.”

Érica Gorga



GILBERTO TARDY

SUPERPOVOADA

Nunca houve tantos aspirantes republicanos à Presidência. Bom para Hillary Clinton, que terá atenção quase total entre os democratas

NATHALIA WATKINS

Os americanos ainda têm um ano e meio até a escolha do próximo presidente e pelo menos sete meses até o início das primárias dos partidos Democrata e Republicano, mas o pleito já pode ser considerado histórico por dois motivos. O primeiro é o número de candidatos republicanos. Nunca houve tantos interessados em chegar à Casa Branca. Na semana passada, o governador de Louisiana, Bobby Jindal, fez o 13º anúncio de pré-candidatura.

SEM FAVORITO

De cima para baixo, da esquerda para a direita: Rand Paul, Donald Trump, Ted Cruz, Marco Rubio, Bobby Jindal, George Pataki, Lindsey Graham, Ben Carson, Rick Santorum, Jeb Bush, Mike Huckabee, Rick Perry (correndo) e Carly Fiorina (na tromba do elefante, símbolo do Partido Republicano): ainda cabem mais pré-candidatos nessas primárias

Estima-se que o número de aspirantes da legenda chegue a dezoito até setembro. A segunda particularidade é a ausência de um ou mais favoritos claros numa primária republicana, o que não acontecia desde 1970. O ex-governador da Flórida Jeb Bush tem vantagem de apenas 1 ponto porcentual em

relação ao segundo colocado, o senador Marco Rubio, seguido de perto por outros cinco. "Qualquer pré-candidato com capacidade de arrecadação pode manter sua candidatura e usar a exposição para, no mínimo, alavancar a própria carreira política no futuro", diz o cientista político David Canon, da Universidade de Wisconsin.

No sistema eleitoral dos Estados Unidos, os simpatizantes das legendas elegem seus candidatos preferidos em cada um dos cinquenta esta-

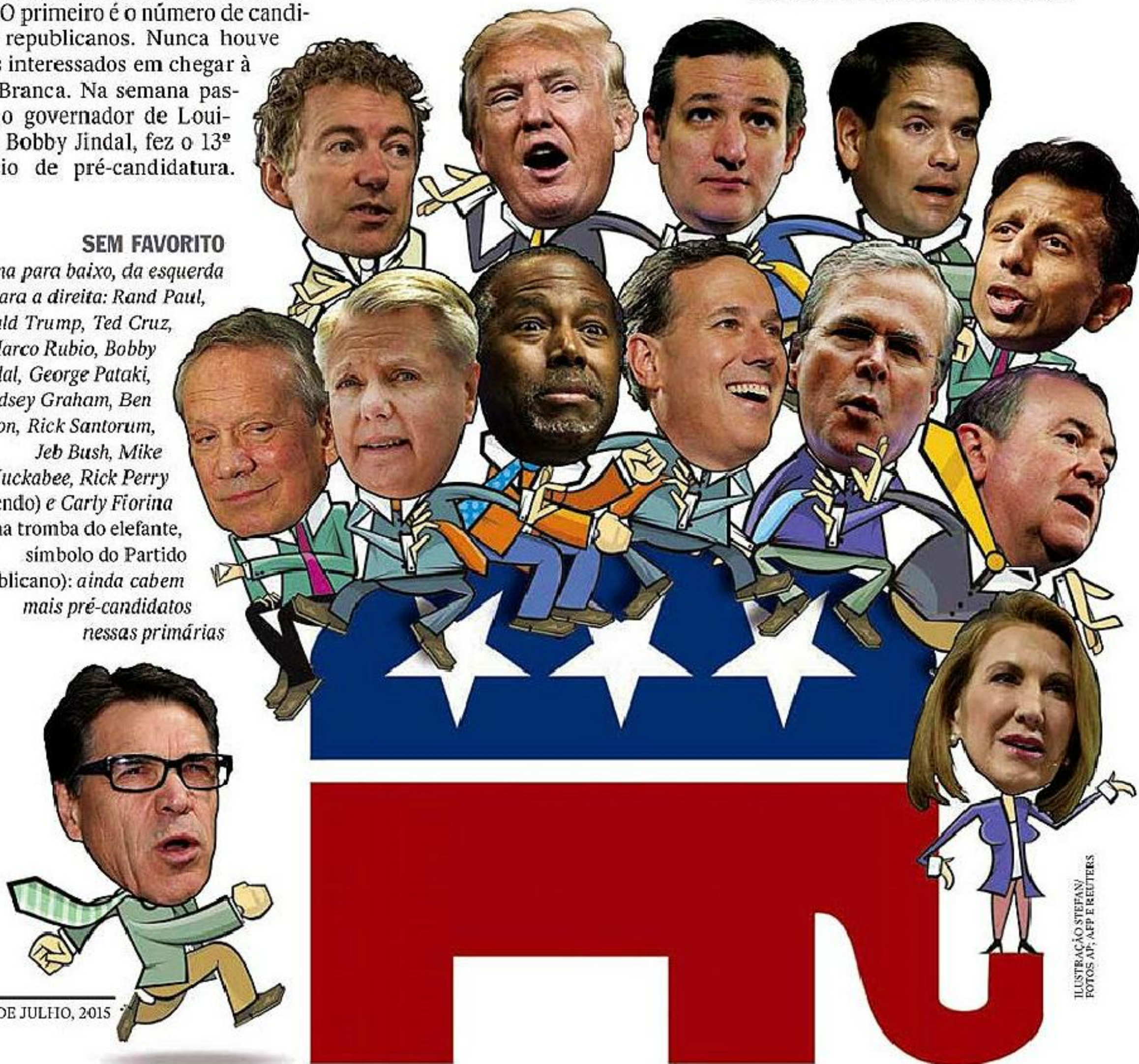


ILUSTRAÇÃO STEFANY
FOTOS AP, AFP E REUTERS

dos, por meio de *caucus* (assembleias de eleitores) ou de votações convencionais. Serão centenas de debates na TV e aparições públicas a partir de agosto. Terminado o processo em todo o país, cada partido realiza uma conferência e nomeia seu candidato à Presidência. A acirrada corrida republicana favorece a ex-secretária de Estado Hillary Clinton, que lidera a disputa democrata com 75% da preferência dos afiliados (contra apenas 15% do segundo colocado, o senador Bernie Sanders). Em relação aos possíveis rivais republicanos, ela empata com Jeb Bush em intenção de voto e derrota todos os outros.

Se os eleitores republicanos forem pragmáticos e escolherem o pré-candidato com maiores chances de enfrentar Hillary, é provável que se tenha, em 2016, uma disputa entre as duas mais fortes dinastias políticas da atualidade nos Estados Unidos. O marido de Hillary, Bill, foi presidente entre 1993 e 2001. “Os democratas se sentem um pouco frustrados com o governo do atual presidente, Barack Obama, e têm boas lembranças da administração de Bill Clinton”, diz o cientista político Christopher Arterton, de Washington. O pai de Jeb, George H. Bush, governou o país entre 1989 e 1993, e o irmão, George W. Bush, entre 2001 e 2009, terminando o mandato com míseros 34% de aprovação popular, em meio a uma crise econômica e duas guerras sem fim à vista. Para distanciar um pouco o ex-governador da Flórida desse legado, o sobrenome Bush tem sido omitido de seu material de campanha.

Na lógica particular das primárias, porém, não basta demonstrar capacidade de vencer o candidato do outro partido. É preciso também agradar à ampla gama ideológica dos afiliados e enfrentar as críticas fratricidas dos pré-candidatos da própria legenda. Não será uma tarefa fácil para Jeb Bush em um cenário com figuras excêntricas como o bilionário Donald Trump, cujo único intuito ao lançar sua pré-candidatura aparentemente é alavancar a audiência do seu reality show empresarial (a versão americana do programa *O Aprendiz*). ■



INDEFESOS *Córpas de turistas massacrados por terroristas islâmicos em resort tunisiano, na sexta-feira 26*

TERRORISMO EM EXPANSÃO

Três ataques simultâneos têm as marcas do Estado Islâmico

“**C**ombatentes de todos os lugares, corram e façam do Ramadã um mês de desastres para os infiéis”, disse o porta-voz do grupo Estado Islâmico, Abu Mohammed al-Adnani, em uma mensagem de áudio divulgada na semana passada. Foi o que aconteceu no dia 26, a segunda sexta-feira do mês em que os muçulmanos jejuam e o principal dia da semana de orações. Na França, um veículo com dois passageiros invadiu uma fábrica americana de gás próxima a Lyon. Os terroristas tentaram explodir o local, deixando dois feridos. O estrago foi menor do que o esperado pelos radicais, mas a mensagem de morte foi transmitida com clareza. No portão da fábrica, os terroristas espetaram a cabeça de uma pessoa enrolada em um pano com inscrições em árabe. O corpo decapitado foi deixado nos arredores. A vítima, de 50 anos, foi identificada como o gerente de uma empresa de transportes para a qual trabalhava um dos suspeitos do atentado, Yassin Salhi, de 35 anos. Salhi já esteve sob vigilância da polícia entre 2006 e 2008 por conexões com salafistas, mas as investigações foram suspensas por falta de provas. Após os atentados contra a revista satírica *Charlie Hebdo* e a

um supermercado judaico em janeiro, que deixaram dezessete mortos em Paris, um plano de segurança nacional colocou mais de 10 000 soldados em locais estratégicos, como sinagogas e mesquitas. Desde então, as autoridades francesas impediram cinco atentados.

Na Tunísia, dois homens armados com fuzis Kalashnikov abriram fogo contra os hóspedes de um resort na cidade litorânea de Sousse. Eles se passaram por turistas e chegaram em um barco, vestidos de short. Na praia, abriram fogo contra os banhistas e mataram 37 pessoas, entre elas ingleses, alemães e belgas, segundo a última contagem até o início da noite em Sousse. Esse é o segundo ataque em lugares voltados para o turismo, atividade responsável por 15% do PIB do país. Em março, em um atentado no Museu Bardo, na capital, Túnis, militantes do Estado Islâmico deixaram 22 mortos, em sua maioria turistas. Berço da Primavera Árabe, os protestos que derrubaram ditadores no norte da África e no Oriente Médio a partir de 2011, a Tunísia foi o único país que avançou rumo à democracia. No Kuwait, um suicida matou ao menos 25 pessoas em uma mesquita xiita, o primeiro atentado cometido pelo Estado Islâmico em um país do Golfo.

Os ataques na França, na Tunísia e no Kuwait, quer ordenados diretamente, quer simplesmente inspirados na ideologia do Estado Islâmico, demonstram o esforço do grupo em ampliar sua área de influência e sua capacidade de espalhar o terror contra cidadãos ocidentais. ■

Remando e cantando

Este é um dos únicos vestidos que ainda caem bem na soprano brasileira, radicada em Nova York, **ANGELICA DE LA RIVA**.

Desde que foi convidada pelo técnico da seleção brasileira de remo para tentar uma vaga na Olimpíada do Rio, Angelica, que estava havia catorze anos longe do esporte, voltou a treinar, e viu a largura de seus ombros aumentar em 15 centímetros.

“Como não posso cantar com roupa apertada, subo ao palco com os vestidos abertos nas costas”, diverte-se ela, que é irmã da cantora Marina de la Riva. Campeã brasileira de remo na adolescência, Angelica diz que suas duas ocupações se completam: “O corpo gordo dos cantores de ópera dá sustentação para o diafragma, o que os faz cantar melhor. Como sou magra, fico em desvantagem; mas o remo me dá essa força e compensa o problema”.

Inclua-me fora dessa

O plano era ousado: juntar em um filme cinco atores que interpretaram James Bond: Roger Moore, George Lazenby, Timothy Dalton, Pierce Brosnan e **SEAN CONNERY**, 84. As conversas entre eles e os produtores até que iam bem, mas empacaram porque Connery disse não. “Sean não quer mais ser associado a

Bond. Eu toparia, mas ia precisar de dez dublês para as cenas de ação”, diz Moore. Sean Connery, que estreou como o 007 em 1962 e fez sete filmes da série (em todos, já calvo, atuou de peruca), vive longe dos holofotes e disse há alguns anos que não quer mais trabalhar porque “agora, idiotas fazem filmes em Hollywood”. Meses atrás, ao conhecer um aposentado que há vinte anos faz trabalhos como seu sócio, disse a ele: “Mas você é muito feio!”.

JANE BARLOW/ZUMA PRESS/EFEVISUAL



ALCER DA SILVA



EVA ZIELINSKI/MILLAR

Meu reino por um cavalo

“Ela usa um perfume leve, fala firme e pausadamente e pontua os comentários com um *how wonderful!*” Essa é a rainha **ELIZABETH** que a atriz **JULIANA BARONI** conheceu ao acompanhar o marido, **EDUARDO MOREIRA**, em um evento no castelo de Windsor. “Ao encontrá-la, fiz a reverência e esperei que ela me estendesse a mão para só depois dar a minha, como manda o protocolo”, diz Juliana, que é protagonista da próxima novela do SBT. Moreira é especialista em doma de cavalos sem o uso de castigo físico. Foi a Windsor por causa de um coronel da polícia paulista que usa técnicas de um livro do adestrador no treinamento de policiais e, por isso, recebeu uma condecoração da rainha. Louca por cavalos, aos 89 anos, ela ainda monta.



VINCENZO PINTO/APP

Um divórcio sem porca miséria

Um milhão e quatrocentos mil euros (ou 5 milhões de reais) é a quantia que a ex-mulher de **SILVIO BERLUSCONI**, 78, vai receber de pensão, todos os meses, do

que tem no banco, Berlusconi, banido da política até 2019 por causa de uma condenação por fraude fiscal, está com o caminho aberto para se casar com sua namorada de 29 anos, Francesca Pascale. A imprensa italiana diz que ela até comprou o vestido. Já Veronica pode sonhar com muitas outras plásticas e safiras.

Teu presente te condena

Dona de uma beleza que resiste a quase trinta anos de passarela, a inglesa **NAOMI CAMPBELL**, 45, é conhecida também pelo temperamento vulcânico: foi condenada por agressão, banida de uma companhia aérea por brigar com os funcionários, acusada de violência em dez casos na Justiça, entre outras mumunhas. Para tentar suavizar esse passado, Naomi pagou uma empresa de relações públicas para que apagasse da Wikipedia, a enciclopédia virtual, algumas dessas passagens, bem como o namoro com Mike Tyson e uma frustrada tentativa de virar cantora. Evidentemente, a manobra foi percebida, denunciada, e os dados, relocalados no site. “Naomi não teme nada. Por isso, gosto dela”, disse Tyson à época do namoro. Algo mudou...



SAMIR HUSSEIN/WIREIMAGE

A APPLE DA CHINA

A Xiaomi, cujas operações são chefiadas pelo brasileiro Hugo Barra, chega ao Brasil com um modelo inovador de comércio de gadgets

FILIPE VILICIC

Tendo nascido na China, soava mesmo improvável que a Xiaomi, uma startup de apenas cinco anos de existência, ficasse restrita a suas ambições iniciais, de somente incomodar gigantes como a Apple e a Samsung. Ela é hoje conhecida como a “Apple chinesa”, alcunha que soa um tanto quanto óbvia mas representa extraordinário atalho para entender o alcance da marca. No mercado chinês, no qual se espera o comércio de 500 milhões de smartphones neste ano (três vezes mais que nos Estados Unidos), a marca já destronou os concorrentes americano e sul-coreano da liderança. Em 2014, tornou-se a terceira maior fabricante de smartphones do mundo (61 milhões de aparelhos vendidos), indício de vitória no ambicioso projeto de conquistar o mundo. Nesta semana, a Xiaomi chega ao Brasil com pompa.

O que a empresa chinesa oferece de diferente, a ponto de crescer tão rapidamente? Os gadgets combinam design elegante — por vezes, lembra a qualidade da Apple — com tecnologia de ponta, a exemplo da capacidade de processamento, similar à dos iPhones. O preço é consideravelmente mais baixo; na maioria dos países onde a companhia já se instalou, ele chega à metade da concorrência. Em vez de ser feitas em lojas físicas, as vendas são realizadas on-line, exclusivamente pelo site da marca. A Xiaomi ainda aposta no interesse dos compradores, a quem chama de fãs, e não de clientes. Para tanto, alimenta fóruns de discussão, nos quais os amantes da grife sugerem mudanças, muitas vezes incorporadas aos produtos. Acreditava-se que esse modelo atrairia um público de nicho e que as vendas nunca ameaçariam os grandes do setor. Mas funcionou.

TOQUE BRASILEIRO

Hugo Barra, vice-presidente da Xiaomi: “Há dois anos, ninguém nos conhecia. Hoje, temos fama global”

AS APOSTAS DA MARCA

FONES DE OUVIDO

Periféricos como headphones, que custam a partir de 20 dólares na China, estão entre os produtos mais populares da empresa



SMARTPHONES A fabricante é conhecida pelos celulares de alta performance (equivalente à de um iPhone), mas vendidos por quase metade do preço dos concorrentes, a exemplo do Mi 4i (na foto acima)

PULSEIRAS

Os modelos computadorizados, que focam o uso de apps de exercícios físicos, fazem tremendo sucesso na Ásia, com mais de 1 milhão de unidades vendidas por mês





Os tubarões do Vale do Silício esperam ansiosos pela chegada da fabricante aos Estados Unidos, onde já comercializa periféricos (como fones de ouvido), mas ainda não desembarcou com seus tanques, os smartphones. Justamente pela ousadia nos negócios, a consultoria americana The Boston Consulting Group elegeu a startup como a mais inovadora do planeta. O desembarque no Brasil, cujos detalhes VEJA conseguiu com exclusividade, é um terreno de testes para o que pode vir a ocorrer ao norte.

Diz o mineiro Hugo Barra, vice-presidente da Xiaomi, responsável pelas operações fora da China: “Há dois anos, ninguém nos conhecia. Hoje, temos fama global. Estamos no caminho para nos tornar fortes como a Apple”. A principal manobra para conquistar reconhecimento é a internacionalização. Foi para isso que chamaram Barra, que trocou o posto de vice-presidente do Google, onde chefiava a divisão do Android (o sistema operacional de smartphones e tablets), pela China. A fabricante começou apostando em vizinhos na Ásia, mas agora parte para o competitivo terreno ocidental. Hoje, está em dez países fora da China, incluindo a venda de acessórios nos Estados Unidos. O Brasil será o 11º.

A fabricação brasileira ficará por conta de uma fábrica taiwanesa, a Foxconn, instalada no interior de São Paulo, que também monta produtos da Apple. As vendas (sempre via internet, ressalve-se) começarão sem parcerias com as operadoras de telefonia — o cliente colocará o chip de preferência. Nesta terça-feira, 30, a Xiaomi revela a leva inicial de produtos no Brasil. Pode-se esperar (ao menos para breve) por smartphones, como o Mi 4i e o Mi Note, este amplamente elogiado. Além disso, Barra destaca que acessórios serão vendidos. “Temos um mote segundo o qual não é preciso gastar muito para ter um aparelho de alta performance”, diz Barra. Mas o sucesso dependerá de vencer um estigma: a má fama de produtos chineses no Ocidente. “A qualidade dos nossos aparelhos vai sobressair”, garante o brasileiro. A resposta virá dos clientes. Trocarão mesmo iPhones por um smartphone chinês? ■

ABAIXO O REGIME!

Estudo mostra que o número de obesos já supera o de pessoas com sobrepeso nos Estados Unidos. O resultado revela a incapacidade de frear uma curva preocupante

CAROLINA MELO

O dia começara diferente na pequena escola pública de Creston, no centro do estado americano de Washington. Às 7h30, pouco antes do início das aulas, ouviram-se gritos de revolta dos alunos do ensino médio. O motivo: a máquina de venda automática de refrigerantes, próxima às salas de aula, estava desligada. Os adolescentes tentavam, em vão, inserir notas de dólares no equipamento para comprar garrafas de 350 mililitros da bebida. A explicação, então, foi dada pela inspetora: a partir daquele momento, a venda de refrigerantes só seria permitida no horário do almoço. Era uma iniciativa da direção para frear o consumo de alimentos calóricos e pouco nutritivos entre seus alunos — gordos, em sua maioria. No dia seguinte, os ânimos se acalmaram. Os jovens que tinham se rebelado com a distribuidora desligada levaram suas próprias garrafas de casa.

O incidente de Creston é um retrato adequado, e muito comum, da atual realidade dos Estados Unidos quando se trata de levar comida à boca. O país é campeão mundial em número de gordos. Um recente levantamento sobre o peso dos americanos, conduzido pela Escola de Medicina da Universidade de Washington, em St. Louis, confirmou a tendência desastrosa — os casos de obesidade em adultos (67,6 milhões) superaram os de sobrepeso (65,2 milhões). Desde 2005, já se desenhava essa curva preocupante, agora sacramentada. Ela revela a atávica incapacidade de mudar um quadro aflitivo de saúde pública.

Mais gordos

- SOBREPESO
- OBESO

Fontes: Programa Vigitel, do Ministério da Saúde, IBGE e Centro Nacional de Estatísticas em Saúde dos Estados Unidos

Não é igual

Sobrepeso ou obesidade?
A classificação tem como base o cálculo do índice de massa corpórea (IMC)



Os resultados

NORMAL

IMC = De 18,5 a 24,9

Risco de desenvolver doenças cardiovasculares **2,5%**

SOBREPESO

IMC = De 25 a 29,9

Risco de desenvolver doenças cardiovasculares **3,5%**

OBESO

IMC = 30 ou mais

Risco de desenvolver doenças cardiovasculares **8,2%**

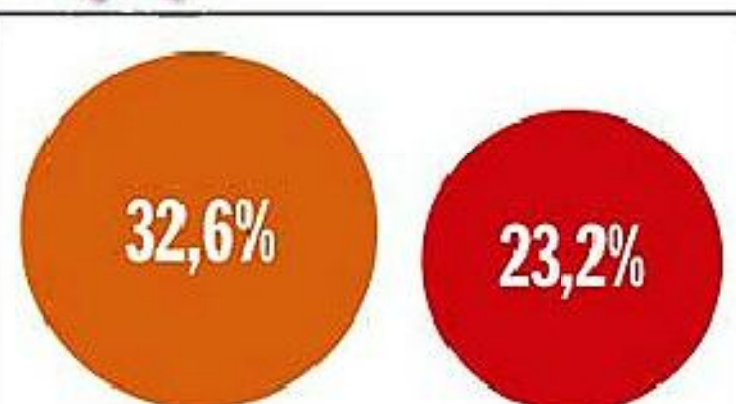
Como é calculado o IMC

$$\text{IMC} = \frac{\text{PESO (em quilo)}}{(\text{ALTURA (em metro)})^2}$$

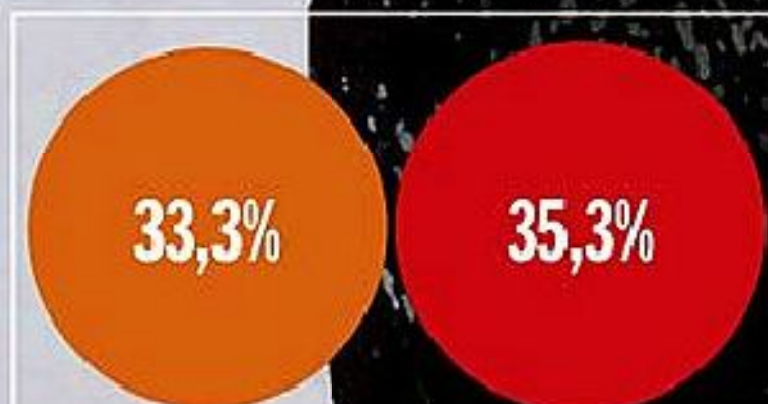
Fontes: Waldir Coutinho, endocrinologista e diretor de ensino e pesquisa do Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia do Rio de Janeiro, e Antonio Carlos do Nascimento, endocrinologista de São Paulo



ESTADOS UNIDOS



DÉCADA DE 90



AGORA

GETTY IMAGES



E, no entanto, bilhões de dólares são investidos todos os anos em programas de prevenção e contenção da obesidade. Em 2010, um projeto da primeira-dama Michelle Obama com o objetivo de implementar uma dieta saudável nas escolas (o Let's Move! — “vamos nos mexer”) custou 4,5 bilhões de dólares. A ação prevê a substituição de pizzas e hambúrgueres nas cantinas por alternativas mais saudáveis, como saladas e frutas. As intervenções do governo são sempre rigorosas e cuidadosas. Entre as mais recentes está a coordenada pela agência americana reguladora de alimentos e medicamentos, a FDA. A instituição propôs mudar os rótulos dos produtos de modo a tornar mais precisas as informações nutricionais, como a quantidade de açúcar extra que há na receita. Os resultados são frágeis, e tem-se a impressão de dinheiro do contribuinte jogado fora. Foi esse o efeito ruidoso da pesquisa divulgada na semana passada. O sobrepeso é resultado de uma intrincada combinação de fatores comportamentais, ambientais e psicológicos.

Afora os cerca de 10% de casos associados exclusivamente à hereditariedade, a culpa dos quilos extras não é dos genes, tampouco de um metabolismo lento. Estamos cada vez mais gordos porque comemos mais do que costumávamos comer, é verdade. Uma mulher adulta americana hoje consome cerca de 400 calorias a mais do que na década de 70, por exemplo. E por que comemos mais? Nasce aqui a complexidade da questão. Nas últimas décadas, as medidas da indústria americana para incentivar o consumo de alimentos hipercalóricos tornaram-se extraordinárias. As porções aumentaram. As máquinas automáticas de alimentos disseminaram-se e ampliaram a oferta de guloseimas (veja o quadro na pág. 74). Mas por que cedemos às tentações? Os mecanismos da obesidade são comparados ao vício, por envolverem o sistema cerebral de recompensa. “Em obesos, o metabolismo cerebral é semelhante ao dos viciados em drogas”, diz o psicólogo Raphael Cangel, coordenador do programa de estudos de transtornos alimentares do Instituto de Pesquisa da Universidade de São Paulo. No cérebro dos gordos pode haver uma deficiência na ativida-



BRASIL

35,6%

9,3%

DÉCADA DE 90

33,3%

17,5%

AGORA



MARK WILSON/GETTY IMAGES E AFP



LÁ E CÁ
A primeira-dama americana Michelle Obama ensina crianças a alimentar-se bem, enquanto máquinas automáticas de guloseimas se espalham pelo país

A guerra pelos quilos

As iniciativas do governo americano para tentar conter a epidemia do sobrepeso...

► Desde a década de 90, algumas escolas públicas restringem ao horário do almoço a venda de refrigerantes, doces e salgadinhos das máquinas automáticas

► **Michelle Obama** criou em 2010 o programa Let's Move!, contra a obesidade infantil. A primeira-dama incentiva a prática de exercícios físicos entre crianças e adolescentes

► A mais recente iniciativa antiobesidade foi da FDA. A agência estabeleceu um prazo de três anos, a partir de 2015, para que os alimentos com gordura trans, fator de risco para doenças cardiovasculares, sejam retirados do mercado

...e as medidas da indústria para incentivar o consumo de alimentos hipercalóricos

► O xarope de milho de alta frutose (*corn syrup*), um adoçante calórico e barato, tornou-se um dos principais ingredientes dos alimentos processados, desde os anos 70 — o composto confere textura, volume e sabor aos produtos

► As porções dos alimentos aumentaram significativamente desde a década de 80. Cresceu a produção de embalagens grandes, como pacotes de salgadinho de 500 gramas e refrigerantes em copos de meio litro

► No início dos anos 2000, ampliou-se a oferta de cachorros-quentes, hambúrgueres e batatas fritas nas máquinas automáticas — até então, ela se limitava aos refrigerantes

de da dopamina, um neurotransmissor associado ao prazer e ao bem-estar. “Para se sentirem satisfeitos, portanto, eles precisam comer mais e mais”, diz o endocrinologista Antonio Carlos do Nascimento. Em especial, açúcar, o grande vilão da saúde, capaz de muito rapidamente deflagrar o aumento da dopamina. Os americanos, ainda por cima, consomem em larga escala um tipo de açúcar mais nocivo que o extraído da cana — o xarope de milho de alta frutose (*corn syrup*). Barato, com poder edulcorante e de absorção veloz pelo organismo, ele está presente em quase todos os alimentos processados.

O excesso de peso é um dos principais fatores de risco para doenças graves. A obesidade aumenta em três vezes o risco de diabetes do tipo 2. Em um mundo onde não existissem pessoas acima do peso, o índice de infartos e de derrames seria 20% menor. O de hipertensão, 30%. Diz o endocrinologista Walimir Coutinho, diretor de ensino e pesquisa do Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia do Rio de Janeiro: “Estudos mostram que, para cada dólar gasto no combate às doenças relacionadas à má alimentação, 500 dólares são investidos pela indústria de alimentos para promover dietas supercalóricas”.

O grande desafio no combate à obesidade é evitar a doença na infância e na adolescência. Depois, torna-se extremamente difícil emagrecer. O número de células de gordura é definido até os 20 anos de idade. A partir de então, nada é capaz de diminuir essa quantidade — nem a mais rigorosa das dietas. Quando uma pessoa emagrece, as células adiposas apenas perdem volume, mas continuam lá, ávidas para recuperar a dimensão anterior. A quantidade de células de gordura acumulada nos primeiros vinte anos de vida é determinada sobretudo por hábitos alimentares. A batalha contra o peso é inglória. ■



apresentam

PRÊMIO EDUCADOR NOTA 10

TRANSFORMAÇÃO

EDUCAR TRANSFORMA O CAMINHO

Inscriva seu projeto na 18ª edição
do Prêmio Educador Nota 10 e inspire
milhares de educadores pelo Brasil

Inscrições de 1 de julho a 2 de agosto

Confira o regulamento no site

www.educadornota10.org.br

realização

FUNDAÇÃO
VICTOR
CIVITA



apoio



patrocínio



**Gustavo****gioschpe**

Por que você não faz nada?

O grupo que publica a revista *The Economist* tem um braço de pesquisas, chamado Economist Intelligence Unit. Um dos seus produtos é um indicador conhecido como Democracy Index, que anualmente analisa quase 200 países e quantifica, com base em dezenas de indicadores, a força da democracia de cada país.

Na edição de 2014 (disponível em twitter.com/gioschpe), o Brasil aparece em 44º lugar entre 167 países (o campeão é a Noruega, e a Coreia do Norte é a lanterninha). O resultado nos coloca na segunda categoria, das Democracias Falhas. Abaixo das Democracias Plenas, mas acima dos Regimes Híbridos e dos Regimes Autoritários. O ranking olha para cinco atributos.

O curioso é que, em três dos cinco, temos notas condizentes com as das melhores democracias do mundo: processo eleitoral, liberdades individuais e funcionamento do governo. Por que, então, vamos para a segunda divisão? Porque em participação política, de zero a 10, nossa nota é 4,44, a mesma de Mali, Zâmbia, Uganda e Turquia, e abaixo da de países como Iraque, Etiópia, Quênia e até Venezuela.



Alguém já disse que um dos sinais da loucura é continuar fazendo a mesma coisa e esperar que o resultado seja diferente. Muita indignação e pouca ação, os males da nossa democracia são. Reclamamos, mas elegemos os mesmos



Este é o paradoxo da democracia brasileira: lutamos tanto por ela, e não a usamos. Uma geração inteira brigou pelo retorno da democracia representativa, mas levou a substitutiva. Em uma democracia representativa, a cidadania ativamente demonstra suas vontades, e elas são canalizadas por seus representantes. Na versão brasileira, a democracia não começa na urna: termina nela. Parece que apertar uma tecla a cada quatro anos é a nossa concepção de governo “do povo, pelo povo e para o povo”. Verificado o desastre, voltamos às urnas, quatro anos depois, para eleger a mesma combinação de ineptos e



GETTY IMAGES

corruptos. E, mesmo sabendo do insucesso do *modus operandi*, nós o repetimos. Alguém já disse que um dos sinais da loucura é continuar fazendo a mesma coisa e esperar que o resultado seja diferente...

E o melhor é quanto reclamamos, furibundos, das pessoas que nós mesmos colocamos no poder. Muita indignação e pouca ação, os males da nossa democracia são.

Até entendo que em algumas questões mais etéreas e distantes, como pedaladas fiscais e comissões em sondas petrolíferas, pareça mais complicado fazer algo. Também entendo que algumas camadas

da população — aquelas que nem bem alfabetizadas são e que precisam trabalhar de sol a sol apenas para garantir a sobrevivência — não tenham compreensão, tempo nem energia para se engajar nas causas públicas. Mas não consigo entender

como é que gente instruída e preparada, que frequentemente já passou algum tempo em países desenvolvidos e rapidamente identificou neles as virtudes que nos faltam, aqui parece achar que o problema não é com ela. E, apesar de pesquisar o assunto há uns quinze anos, confesso que entendo menos ainda essa apatia quando o tema é a educação nacional, que tem um papel tão importante na preparação para a vida dos nossos maiores tesouros (nossos filhos). Como podemos deixar que nossas escolas sejam as porcarias que são, produzindo iletrados ignorantes aos milhões, todo ano? A propó-



O PAPEL DA FAMÍLIA

Nos países democráticos que também se destacam pela educação de qualidade, os pais são o fator decisivo de sucesso

que permite que os seus eleitos não façam nada (ou, pior, que façam a coisa errada). Louis Gerstner, ex-CEO da IBM, dizia que “*people don’t do what you expect, but what you inspect*”: não adianta esperar, é preciso inspecionar, conferir, pressionar. O cidadão apático é o viabilizador dos maus líderes. Eles vivem em uma relação simbiótica em que todo o resto do país é parasitado. Por que nossos líderes não implantam, por exemplo, um sistema que consiga alfabetizar todos os alunos no 1º ano? É simples: porque, para fazê-lo, vão precisar se incomodar

sito, o problema não se restringe às escolas públicas. Como já mencionei aqui diversas vezes, 80% a 90% da diferença de desempenho entre nossas escolas públicas e particulares é explicável pela condição sociocultural do alunado. Se você colocasse o seu filho em uma escola pública, o desempenho dele cairia só 10% a 20%, portanto. Claro que temos, em um país com as dimensões do Brasil, excelentes escolas particulares e públicas também. Mas, em geral, as escolas públicas são péssimas e as privadas, apenas um pouco menos ruins.

O que me leva a você. Por que você não faz nada? Certamente você se importa com a qualidade da educação que seu filho vai receber, não? Sei, você não tem tempo. Trabalho, casa, correria etc. Agora me diga uma coisa: você vê novela? Seriado americano? Acompanha o seu time de futebol? Dorme mais de sete horas por noite? Se respondeu “sim” a alguma dessas perguntas, desculpe, mas tempo você tem. Até porque, como veremos abaixo, não precisa de muito tempo, não. Eu sei, ninguém é de ferro, todo mundo precisa relaxar. Mas primeiro o trabalho, depois a diversão. Como se divertir quando o país está claramente indo para o buraco? Você planeja mandar seus filhos para a Suíça ou eles morarão no país que você construir? Caso o plano seja continuar por aqui, que tal arregaçar as mangas?

Ah, talvez a sua discórdia seja conceitual. Você acha que já paga imposto que chega e que não pode fazer o seu trabalho e o do político também. Concorro. Mas, como diz o ditado, na prática, a teoria é outra. Tenho más notícias para você: é a sua inércia

com os professores e os sindicatos da categoria. Precisarão fixar metas, exigir empenho e resultados, olhar para processos, mudar material didático, coibir faltas, idealmente conseguir que as faculdades de sua região formem um profissional decente em vez do repetidor de slogans e teorias que produzem hoje. Isso dá trabalho e conflito. Por que o fariam? Porque a população deveria reconhecer o esforço e valorizá-los. E aí a contrariedade de meia dúzia ficaria irrelevante em relação ao aplauso de milhares. Mas, no Brasil, esse aplauso não vem. Porque os pais e alunos nem sabem quão ruim é sua escola e, quando descobrem, deixam por isso mesmo. Há muitos casos, que nem Freud explica, em que pais e alunos defendem greves absurdas de professores, que prejudicam enormemente o aprendizado de nossos jovens. A mensagem para os líderes bem-intencionados é clara: convém não fazer nada. Ninguém vai reclamar. Se o seu prefeito ou governador soubesse que você valorizaria uma ação mais incisiva, a maioria deles tomaria as suas dores, não tenha dúvida.

“Mas fazer o quê?”, você se pergunta. A primeira coisa é fazer o dever de casa. Escolha a escola do seu filho de forma a maximizar o aprendizado dele, não o seu conforto. Escola boa não é a escola perto de casa: casa boa é a casa perto da escola, isso sim. Como saber se a escola do seu filho é boa? O primeiro bom indicador é o Enem, e, para as públicas, também o Ideb. Depois, é importante visitar a escola, conversar com pais de alunos. Peça para conversar com o diretor da escola. Diretor que recebe os alunos no portão de entrada, diariamente, e está

GUSTAVO IOSCHPE
é economista

aberto ao diálogo com os pais é um bom sinal. Diretor que visita as salas de aula com frequência também. Procure uma escola que tenha a infraestrutura em dia (salas limpas e arrumadas, com cadeiras, carteiras e quadro-negro), não aquelas que investem em balangandãs tecnológicos, a maioria dos quais não tem eficácia comprovada. Veja também como a escola seleciona professores (o ideal é que ela faça com que o candidato a lecionar dê uma aula a uma banca examinadora e que privilegie os que vêm de boas universidades; o modelo a ser evitado é aquele que só se preocupa com o resultado de uma prova/concurso). Pergunte também se a escola diferencia seus professores, se procura saber quem são os melhores e os piores, e se faz alguma coisa para reter os melhores (nas escolas privadas, o salário é a ferramenta óbvia; mas mesmo nas públicas é possível e desejável que os melhores professores sejam acompanhados e estimulados. Fuja das escolas que tratam os desiguais de forma igual). Veja também se a direção da escola estabelece e comunica metas claras de aprendizagem. O ideal é que todos saibam os conteúdos e habilidades que os alunos precisam dominar em cada matéria, de cada bimestre, de cada série. Escolas opacas, na linha do “fica tranquilo, nós é que entendemos disso”, costumam ter os piores resultados.



Vote em quem entrega resultado, medido pelo Ideb. Para deputados, veja se o candidato fala de meios — salário de professor, investimento, ensino integral — ou de fins. Prefira os que falam de fins (aprendizado)



Em segundo lugar, escolhida uma escola boa, os pais não devem relaxar e terceirizar. Precisam ter certeza de que o filho está recebendo dever de casa, diariamente, e que seus deveres estão sendo corrigidos. É importante que haja avaliação permanente (a boa e velha prova) e que o aluno tenha de estudar constantemente. É difícil absorver um conhecimento e levá-lo à memória de longo prazo sem repetição contínua, e a prova é que garante que o mesmo material será revisto com cuidado (além de servir de termômetro para que o professor calibre sua didática quando nota que muitos alunos não aprendem bem). Evite escolas com muita avaliação “moderna”, tipo autoavaliação, trabalho em grupo etc. Já disse um sábio que o único lugar em que o sucesso vem antes do trabalho é o dicionário. Na vida e na escola. Certifique-se de que seu filho só falta à escola por motivos realmente sérios (se você faz com que ele perca uma semana de aula para levá-lo à Disney em época conveniente para você, depois não vá querer

que ele aprecie a importância da educação... Se você diz uma coisa e faz outra, seus filhos replicarão aquilo que você faz). Certifique-se também de que seu filho trata professores e colegas com respeito. E compareça às reuniões de pais da sua escola.

Depois de fazer isso pelo seu filho, faça-o por alguém que terá dificuldades de fazer o mesmo. Uma empregada, um colega de trabalho, um amigo mais perdido na vida: tem muita gente que passou poucos anos na escola ou se sente inferiorizada socialmente, a ponto de não ousar questionar a escola do filho. Precisamos quebrar essas barreiras. Todo mundo paga pela escola do filho, quer via mensalidades, quer via impostos. A escola pública é nossa, não de seus funcionários. Eles devem nos prestar contas, não o contrário. Ajude aqueles que têm mais dificuldades para entender isso. E dê aos filhos dessas pessoas chances parecidas com as do seu filho.

Se você realmente não tem tempo, doe dinheiro a boas instituições. Há dezenas. Fundação Lemmann, Roberto Marinho, Estudar, Instituto Ayrton Senna, Insper, Todos pela Educação... Essas eu conheço e recomendo, mas procure aquela que se encaixa na sua filosofia.

Indo do privado para o público: faça pressão nos seus representantes locais. Cada cidade terá o seu problema; tenha apenas a preocupação de pressionar por algo que melhore o aprendizado dos alunos, não a infraestrutura da escola ou algo secundário. Recomendo uma lei que obrigue que os resultados de cada escola sejam divulgados publicamente. Está tudo pronto no site www.idebnaescola.org.br. Pode acreditar: às vezes não é preciso mais do que dez pessoas que liguem ou mandem e-mails a um vereador para que o projeto seja aprovado.

Finalmente, vote direito. Escolha prefeitos e governadores que melhoraram os indicadores de aprendizado dos seus alunos. Não nos que investem mais, que distribuem laptops, que falam de planos mirabolantes ou mostram vídeos em que beijam criancinhas na época de campanha. Vote em quem entrega resultado, medido pelo Ideb. Para deputados, veja se o candidato fala de meios — salário de professor, investimento, ensino integral — ou de fins. Prefira os que falam de fins (aprendizado) e que não presumem que aquilo que é bom para o professor é bom para o aluno.

Eu sei, você não é especialista. Há muito mais coisas que você poderia fazer se fosse. Mas não precisa ser. Na maioria de nossas escolas, nem o básico do óbvio é feito; se você ajudar com esse pequeno empurrão, e ajudar alguém a se ajudar também, pode ter certeza de que fará uma enorme diferença.

OS MONSTROS MAIS IRADOS
E DIVERTIDOS ESTÃO À SOLTA.

WOODY



ARAKNATEON, A MÚMIA



SÃO 11 MONSTROS QUE VIRAM GENTE
E 1 CAIXÃO PARA COLECIONAR.



TODA SEMANA GRÁTIS
COM A SUA REVISTA
RECREIO, UM MONSTRO
SINISTRO PARA VOCÊ
COLECIONAR.

ACESSE E SAIBA MAIS: RECREIO.COM.BR/MONSTERCLUB



NOBRE

Quem são e o que esperam de seus títulos os brasileiros que gastam tempo e dinheiro para tentar provar que pertencem a alguma linhagem de sangue azul



CECÍLIA RITTO

Extinta a monarquia com o advento da República, em 1889, no Brasil, e em 1910, em Portugal, os títulos nobiliárquicos perderam sentido e foram parar no fundo das gavetas das casas da aristocracia. Passado o furor republicano, porém, saudosistas das cortes imperiais começaram a tirar a poeira dos brasões, pelo simples prazer de se sentir distintos da turba plebeia ao seu redor. No Brasil, quem já teve um nobre na família e quer recuperar essa condição não tem a quem recorrer. Mas em Portugal existe um órgão, o Instituto da Nobreza Portuguesa, encarregado justamente de avaliar os documentos e a genealogia de quem se diz herdeiro de uma distinção lusa dos tempos pré-republicanos. Comprovada a autenticidade da papelada, o instituto expede um documento restaurando o título ao pretendente (e só a ele; seu descendente terá de começar tudo de novo). Foram beneficiados por esse processo, que é minucioso, demorado e custa caro, 1.222 marqueses, duques, condes e barões descendentes de fidalgos, entre portugueses e brasileiros — 20% deles “encartados”, como se diz no meio, apenas nos últimos cinco anos, período em que a demanda acelerou. Ao contrário dos antepassados, os nobres brasileiros do século XXI trabalham para se sustentar e levam vida de classe média. Não que isso lhes diminua o status. “Classe social é uma invenção inglesa do século XIX. Para nós, o conceito econômico não tem validade. Ter ou

NOBREZA CARIOCA
O conde de Wilson, morador de Copacabana: “Não sou nada além da sucessão do que veio antes”

HERNANI D'ALMEIDA

ZA SEM MONARQUIA

não dinheiro depende das circunstâncias, mas ser nobre é uma situação peregrina”, explica o professor de filosofia e tradutor Eduardo Pellew Wilson, o conde de Wilson, 50 anos, morador de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde o primeiro conde de sua família ajudou a instalar o sistema de bondes.

Ter um título nos dias de hoje no Brasil não tem nada a ver com ostentação. Os solares de família foram derrubados ou desapropriados; condes e barões não dispõem de vasta criada, não recebem nem são recebidos e nem sequer espalham muito sua condição — basta-lhes a satisfação pessoal. O conde de Wilson, por exemplo, prefere posar à sombra nas fotos, mas fala com enorme orgulho de sua estrelada árvore genealógica, que remonta ao imperador Carlos Magno, do século VIII. A partir do primeiro conde, que recebeu o título em 1891, em Portugal, o atual produziu um livro de 250 páginas, com certidões e fotos, muitas fotos que, ampliadas, cobrem as paredes do apartamento. “Republicanismo nunca entrou na minha família, nem na da minha mulher”, afirma. Maria Augusta é sua prima dezoito vezes por casamentos de antepassados (não os mais próximos) e descende de José Martins Jobim, médico dos imperadores do Brasil. Wilson deixa claro que jamais se casaria com alguém sem “um fio” de nobreza. “Para um nobre, o passado familiar é a coisa mais importante do mundo. Eu não sou nada além de uma sucessão do que veio antes. As pessoas de fora não compreendem essa mentalidade”, argumenta.

O processo de autenticação de títulos pelo Instituto da Nobreza, com sede em Lisboa, custa 300 euros (cerca de 1.000 reais), mas, incluindo gastos na produção da árvore genealógica e outras despesas, a conta não sai por menos de 10.000 reais. O interessado ainda precisa de um padrinho, algum integrante do seleto grupo de nobres no Brasil ou em Portugal que endosse seu pedido. Uma vez aceito, dez representantes da alta nobreza portuguesa ana-



BRASÃO MINEIRO Vasconcelos, o barão de São João Marcos: demorou três anos para o empreiteiro de Sete Lagoas ter seu título reconhecido



PEDRO ACCIOLY

SOLAR BAIANO Tourinho, visconde e procurador, no palacete dos antepassados: o lugar virou sede do Patrimônio Histórico em Salvador

lisam a papelada, que lhes chega já com o parecer de um técnico, e, reunidos na casa do marquês de Fronteira, sede do Instituto, dão ou não o aval. “Nobreza não se presume, prova-se”, decreta Felipe Vasconcelos, o barão de São João Marcos, 39 anos, dono de uma construtora em Sete Lagoas, Minas Gerais, que levou três anos para obter seu título. Compreensivelmente, os “encartados” pelo órgão lisboeta querem distância de outra fatia de nobres recentes no Brasil, aqueles que compraram títulos ou de intermediários duvidosos (a maioria faz referência a ducados e prin-

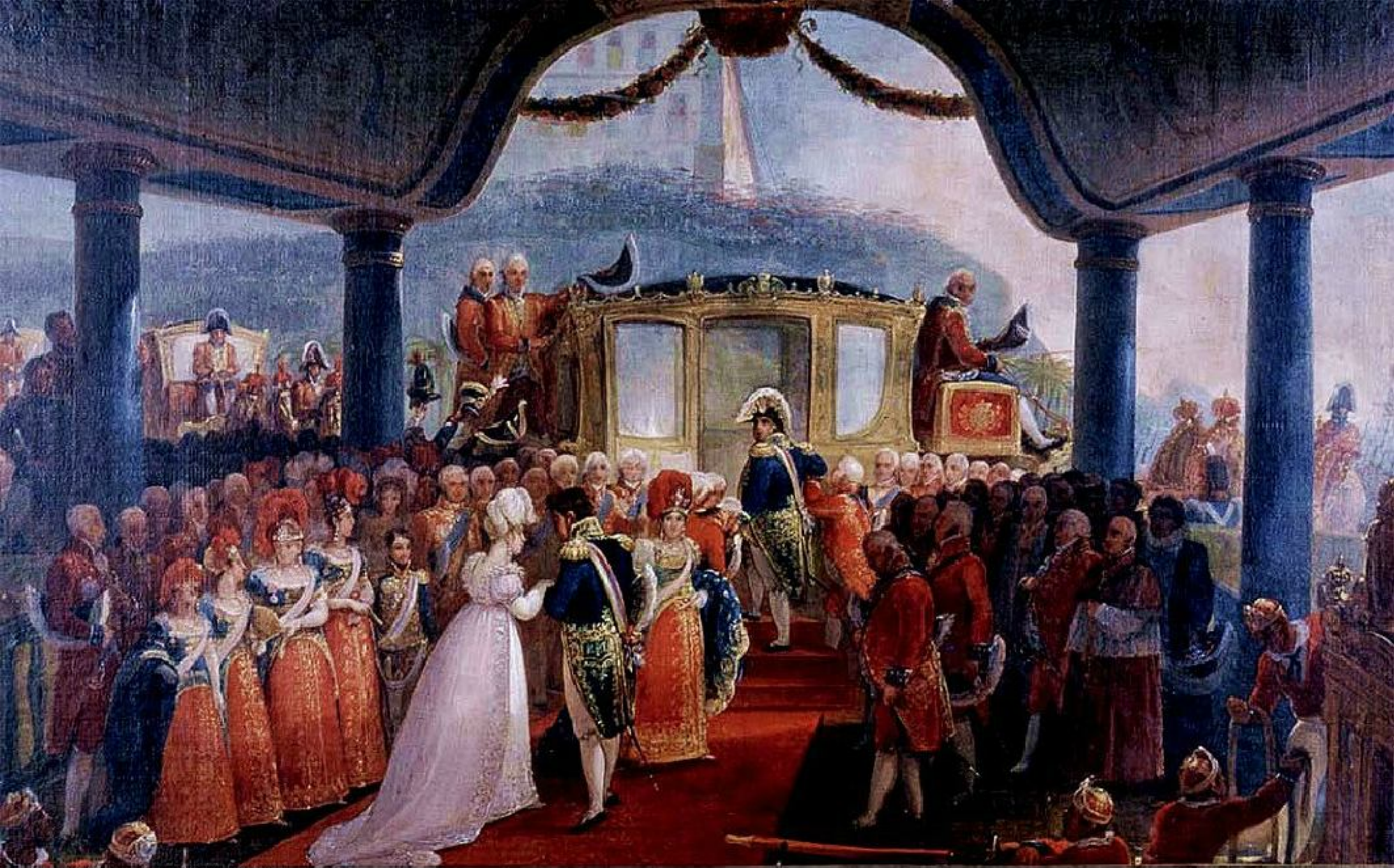
cipados da Itália pré-unificação) ou de monarcas depostos que vivem desse expediente — entre eles, o de Ruanda. Por causa dessas manobras, a Associação da Nobreza Histórica do Brasil, entidade que funcionou durante menos de cinco anos no Rio de Janeiro promovendo saraus recheados de títulos, fechou as portas: recusou-se a ceder à pressão dos condes sem pedigree para fazerem parte do clube.

Na Europa, onde doze monarquias continuam na ativa e uma parcela da sociedade ainda revolve em torno de brasões seculares, a pretensão a títulos

é sempre um processo longo e difícil. Já identificar parentesco com alguma remota família da nobreza é fácil. Ilusório, mas fácil. Em diversos países, uma verdadeira indústria de pesquisa heráldica propõe-se a reconstituir laços de plebeus de hoje com nobres de antigamente. Quem se utiliza desses serviços sempre sai com um brasão e uma historinha do “antepassado” ilustre, em letras góticas, papel envelhecido e descompromisso total com a história. Nada a ver com os serviços do Instituto da Nobreza Portuguesa, instituição avalizada pelo próprio dom Duarte, o detentor atual do (inexistente) trono português.

Criado em 1946 com o nome de Conselho da Nobreza, o órgão passou a ter mais trabalho nos últimos anos porque a internet facilitou enormemente tanto a pesquisa genealógica quanto a troca de informações para o cumprimento dos requisitos. Quando a demanda era menor, o comitê que julga os pedidos se reunia mais ou menos a cada três anos; agora, bate ponto uma vez por mês. Só passam pelo seu crivo os herdeiros da aristocracia portuguesa, aí incluídos descendentes de portadores de distinções concedidas por dom João VI quando a sede do império se transferiu para o Rio de Janeiro, em 1808 — que são muitos. Ciente da necessidade de conquistar recursos e apoio no que até então era uma colônia distante, dom João criou e concedeu — mediante retorno financeiro — 235 títulos de nobreza no Rio. Outros 1211 foram outorgados por Pedro I e Pedro II, mas esses, para o Instituto da Nobreza, não contam, por não se tratar de genuína monarquia lusa. Dom João Henrique de Orleans e Bragança, ou dom Joãozinho, descendente dos dois Pedros e príncipe “de verdade” (nos meios monárquicos, os Orleans e Bragança continuam muito reais, em todos os sentidos), nem sequer sabia desse movimento de renovação nobiliárquica. “Para mim, a nobreza está na postura e nos atos de cada um, não no título”, diz, muito aristocraticamente.

Superado o obstáculo da origem do brasão, os candidatos brasileiros à nobreza não medem esforços em seu propósito. O baiano Caio Tourinho, o visconde de Tourinho, procurador da Re-



MUSEU DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

pública de 45 anos e credenciais impecáveis (a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Salvador fica no antigo solar de sua família), não era o sucessor imediato: por carta, oito parentes que tinham prioridade renunciaram ao título em seu favor. “Para mim, é uma herança cultural que ajuda a manter a minha identidade”, diz. Sem função prática no Brasil, em Portugal o título de nobreza dá acesso a funções exclusivas. Tourinho, por exemplo, conta que já bailou em grandiosos salões ao som de valsas. Em locais reservados aos autenticamente “encartados”, como o Turf Club, de Lisboa, as refeições são feitas em uma única e longa mesa, como na época da corte, a louça tem monograma e os garçons ostentam galões dourados e luvas brancas. Tirando essas ocasiões, porém, ser conde ou barão, no Brasil e em Portugal, não quer dizer nada. Por que, então, se dar ao trabalho? “A extinção das cortes propiciou uma uniformização social e fez do título algo raro e valioso”, analisa o genealogista português Antonio Sousa Lara. “Ser nobre é uma tentativa de ser diferente.” Nem que seja só para gravar um brasão na louça da casa e ser chamado de conde pelo porteiro do prédio. ■



LAILSON SANTOS

A ORIGEM

Chegada da corte portuguesa ao Rio, em óleo de Armando Martins Viana: dom João VI concedeu muitos dos títulos reivindicados agora; dom Joãozinho, seu descendente atual, relativiza: “A nobreza está na postura”



KEEP CALM E FECHE A TORNEIRA

DICAS PRÁTICAS E IDEIAS PARA LIDAR COM
A ÁGUA EM CASA, NA CIDADE, NO PLANETA!

ESTE MATERIAL É PARTE INTEGRANTE DAS REVISTAS VEJA E NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL DE MAIO E JUNHO E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.



MANUAL DE ETIQUETA

Água

PERGUNTAS E RESPOSTAS
PARA VIVER BEM COM MENOS ÁGUA
E SEM PERDER A CALMA

ÁGUA TEM PRAZO DE VALIDADE?

E SE O VIZINHO NÃO COLABORAR?

ESSA CRISE VAI DURAR?
O QUE APRENDEMOS COM ELA?



**BAIXE GRÁTIS E COMPARTILHE O NOVO
MANUAL DE ETIQUETA DO PLANETA!**

Realização



A COR do dinheiro

DIVERSÃO EM FAMÍLIA

Luciano, a mulher, Flávia, e as filhas: o cantor sertanejo é um voraz leitor de livros de verdade — aqueles com letras —, mas adora a distração proporcionada pelos lápis de cor

Com milhões de exemplares vendidos, os livros de colorir tornaram-se moda entre adultos e salvaram a indústria editorial da retração no faturamento

BRUNO MEIER

Zelador de um prédio em Goiânia, Luciano Camargo fazia seus serviços rotineiros quando deparou com uma caixa abandonada contendo livros, revistas, gibis e um disco de Donna Summer. Estava com 13 anos, tinha interrompido a 3ª série do ensino fundamental para ajudar nas despesas de casa, e agarrou os dois livros que ali estavam: *Eram os Deuses Astronautas?*, de Erich von Däniken, e um despedaçado *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez. Com o segundo título, conta o hoje cantor, começou uma longa convivência com os livros. O sertanejo — que, junto com o irmão Zezé, forma uma das duplas mais populares do país — é um leitor dedicado. Sempre abre um livro no banco do carro enquanto o motorista o leva para mais um show. Já leu clássicos alentados como *Os Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski. Mas o ritmo de leitura foi abalado nos últimos meses por um tipo de livro diferente, sem palavras nem história. Há três semanas, em sua casa num condomínio de luxo em Barueri, na Grande São Paulo, Luciano e a família, munidos de várias caixas de lápis de cor, debruçavam-se sobre desenhos de paisagens, florestas, bichos. Luciano aderiu — capitulou, diria um purista da literatura — à moda dos livros de colorir. Diz buscar neles sobretudo momentos de diversão com a família. As vendas do gênero são impressionantes: em seis meses, de janeiro a junho, os livros de colorir arrecadaram mais de 35 milhões de reais. Nesses tempos recessivos, o fenômeno salvou o mercado editorial brasileiro de

PAULO VITALE



ANDRÉ VALENTIM



NEGÓCIO POPULAR O vendedor ambulante Max Luís, em sua barraca no Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro: aumento de 1 000% no faturamento com as canetas e os lápis

uma retração em faturamento no primeiro semestre de 2015 (essas vendas milagrosas, porém, não aparecem na lista de mais vendidos de VEJA, pois livros de colorir não cabem nas categorias computadas ali). A oferta é de 136 títulos — sempre crescendo, pois as editoras estão correndo para pegar a onda —, mas uma única autora responde por dois terços de todas as vendas: a escocesa Johanna Basford, autora de *Jardim Secreto* e *Floresta Encantada*, que venderam juntos mais de 1,5 milhão de exemplares. São esses os preferidos de Luciano e família.

Os dois títulos são da editora Sextante, uma potência da autoajuda e de best-sellers como Dan Brown. Os irmãos Marcos e Tomás Pereira, donos da editora, compraram os direitos de publicação de *Jardim Secreto* na Feira de Frankfurt. Já sabiam que a *art-thérapie* (terapia de arte) fazia sucesso no mercado livreiro francês, e imaginavam que isso pudesse ocorrer também no Brasil. “A melhor coisa de trabalhar com o irmão é que decidimos rápido”, diz Marcos. Os dois editores tiveram, diante de Johan-

na, a mesma reação despertada, mais de dez anos atrás, por *Um Dia Daqueles*, do australiano Bradley Trevor Greive, livro de fotos de bichos fofos com frases inspiradoras que vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil: deram uma gargalhada, depois compraram. *Jardim Secreto* era uma aposta para as vendas de Natal. A tiragem inicial foi de 15 000 exemplares, com a meta de comercializar 100 000 em um ano. Sete meses após o lançamento, o título vendeu 960 000. A editora agora investe todas as fichas em *Reino Animal*, da inglesa Millie Marotta, livro de colorir com animais que saiu há pouco, com a tiragem de meio milhão de exemplares. Trata-se da segunda maior tiragem inicial já feita pela Sextante, só atrás de *O Símbolo Perdido*, de Dan Brown, com 800 000.

A demanda incentivou a criatividade editorial: de desenhos religiosos a eróticos, passando pelos inevitáveis gatos e cachorros, pode-se colorir de tudo. Fenômenos editoriais como esse são sazonais, e é razoável supor que o frenesi baixe com o tempo. Por ora, os livros de colorir movimentam a procura por lápis de cor e canetinhas. O vendedor ambulante carioca Max Luís Batista trabalhava com material escolar em um endereço de comércio popular do Rio de Janeiro. Há dois meses, co-

meçou a se concentrar apenas em caixas de lápis de cor. Tiro certo: seu faturamento bruto semanal está em 10 000 reais, contra os 1 000 reais de antes. “Deu para quitar meu cartão e o carro. Foi uma bênção”, diz.

Em torno do gênero, surgiu uma bizantina controvérsia sobre a suposta desvalorização da leitura. Livrarias não são templos da cultura, mas sim casas de comércio — e, enquanto continuarem a vender livros de verdade, não cabem objeções a outro produto que mantenha o caixa fluindo. As livrarias vêm propagandeando as obras de colorir como “livros anti-stress”. De fato, consumidores dizem que preencher o minúsculo espaço em branco de uma folha de relva com o lápis verde tem efeito tranquilizante. A própria



MESTRE DO JARDIM
A mineira Marcela Lima, dona da marca Jardim Secreto Inspire, do Instagram: dicas de técnicas para colorir e patrocínio de fábricas de lápis

LEO DRUMOND/NITRO

Johanna Basford usa a carta do relaxamento para promover suas criações (leia a entrevista ao lado). Quando era funcionária de uma agência responsável por trazer ao Brasil DJs estrangeiros, como Avicii e Steve Angello, a mineira Marcela Lima só conseguia apagar sua fobia de avião com livros de colorir. “Virou meu Rivotril”, diz. A crise empacou as baladas: com menos DJs vindo ao país, Marcela perdeu o emprego. Pelo menos provisoriamente, socorreu-se do lápis de cor: criou uma conta no Instagram em que posta fotos e vídeos para ensinar técnicas de pintura com lápis. Com mais de 100 000 seguidores, conseguiu o patrocínio de fábricas de lápis de cor, e até tem ministrado cursos em Belo Horizonte. É a cor do dinheiro. ■

“Vivo na minha própria bolha”

Jardim Secreto, o primeiro dos livros de colorir a estourar no Brasil, vendeu 960 000 exemplares. Floresta Encantada já chegou a 620 000. Lançados em mais de vinte países, os dois livros são criação da ilustradora escocesa Johanna Basford, 32 anos. De Edimburgo, onde mora, ela falou a VEJA sobre sucesso e — que surpresa — sobre tranquilidade.

Esperava esse sucesso? Não me passou pela cabeça jamais que os livros se tornariam best-sellers em tantos países. Minha ambição era apenas criar um livro bonito a ponto de eu mesma ter vontade de colorir. *Jardim Secreto* e *Floresta Encantada* estão esgotados em vários países. Meus editores estão contatando outros fornecedores de papel nos Estados Unidos e na Europa para tiragens adicionais, e minha caixa de e-mail está repleta de pessoas chateadas com o que chamam de “escassez mundial” dos meus livros. Olha que loucura!

Pintar ajuda mesmo a desestressar? Sim. Vivemos todos agora muito ocupados e conectados digitalmente. Colorir oferece uma oportunidade muito bem-vinda de se desconectar. Ficamos imersos em apenas uma tarefa, sem a vibração constante do Twitter nem os chamados do Facebook. Esse sentimento de estar absorvido em uma única atividade — em uma tarefa analógica, que não envolve telas — é muito reconfortante. É o que sinto quando desenho.

Como é sua rotina? Acordo muito cedo porque tenho uma filha pequena, Evie. Tenho de fazer o café da manhã dela e

aguentar as manhas matinais. Depois, ando com meu cachorro pelos campos que cercam minha casa. Tenho uma abençoada babá que cuida da Evie enquanto eu trabalho no sótão. Na hora em que subo, checo meus e-mails e as redes sociais e, em seguida, me desconecto da internet e começo a desenhar. E bem desconectada. O momento mais calmo é quando estou no meu estúdio criando uma nova ilustração. Tenho obrigações, listas de coisas para fazer — mas vivo na minha própria bolha.

É verdade que a senhora começou a carreira com um estúdio que fazia papel de parede e tecido para lojas e hotéis de luxo? Sim, e quase fali com esse negócio quando a crise financeira bateu. Minha fonte secou. Tive de pensar rapidamente sobre o meu futuro. Decidi mudar radicalmente e, depois que mudei, foi um alívio enorme. Fechei o estúdio que tinha, vendi todo o equipamento e me estabeleci na mesa da salinha do meu apartamento de um quarto. Ora, o desenho sempre foi a minha paixão. Comecei a trabalhar como ilustradora freelancer, criando desenhos a tinta para clientes ao redor do mundo. Cada semana, eu trabalhava com alguém novo e criava ilustrações na minha mesa. Não tinha grandes despesas e tudo o que possuía era um laptop, um scanner e algumas canetas. Foi a melhor decisão que tomei.

HORA DE DESCONECTAR Johanna Basford: absorção no desenho, longe do Twitter e do Facebook

DIVULGAÇÃO



A era dos bilhões etér

Em um livro sobre o criador brasileiro do Instagram, Filipe Vilicic, editor de VEJA, retrata o vertiginoso mundo das startups que fazem fortuna da noite para o dia

JOEL PINHEIRO DA FONSECA

Na Sexta-Feira Santa de 2012, fechou-se um negócio histórico: a venda do Instagram, aplicativo de compartilhamento de fotos, ao Facebook, por 1 bilhão de dólares. Os dois sócios do aplicativo foram alçados ao Olimpo dos empreendedores multimilionários do Vale do Silício. Eram eles Kevin Systrom, americano, e Mike Krieger, brasileiro. Em *O Clique de 1 Bilhão de Dólares* (Intrínseca; 240 páginas; 39,90 reais ou 19,90 reais na versão eletrônica), Filipe Vilicic, editor de ciência e tecnologia de VEJA, usa o episódio como ponto de partida e de chegada para narrar a trajetória do brasileiro. A escolha da venda como o clímax pré-anunciado da narrativa dá à história de Krieger certa aura de predestinação: tudo o que ele fazia aproximava-o daquele bilhão. A impressão final do livro, contudo, é a

oposta: a de que o sucesso depende de uma dose desconfortável de sorte.

De origem privilegiada, Michel Krieger ("Mike" nos Estados Unidos) passou a maior parte da vida no exterior e sente-se mais à vontade falando inglês do que português.

Educou-se em uma cara escola americana de São Paulo e de lá foi para a Universidade Stanford. Dinamo de trabalho e dedicação, Krieger, entre idas e vindas em diferentes startups do Vale do Silício, associou-se a Systrom para trabalhar na rede social Burbn. A função de carregar fotografias na rede, que era um detalhe do projeto, acabou se tornando, em uma virada decisiva, a função central do agora rebatizado Instagram. O sucesso foi imediato, e em menos de dez meses do lançamento o Facebook fazia sua proposta irrecusável.

Krieger tem, sem dúvida, enorme capacidade de foco, muita inteligência e criatividade, e trabalha duro. Não difere, contudo, de tantos outros empreendedores sem sucesso e, por isso, sem biografia. Como tantos outros, teve sua cota de oportunidades perdidas. Esteve próximo de fazer fortuna em um negócio brasileiro, quando colaborou na criação do site Peixe Urbano, mas deixou o projeto antes que ele estourasse, o que é comum no setor.

MENTE TECNOLÓGICA Vilicic: saga do Vale do Silício narrada com segurança — e com incursões críticas pelos aspectos controversos das redes sociais

O Instagram, ele próprio uma mudança fortuita de rumo, não era revolucionário. Existiam outros aplicativos e redes sociais de fotos, e mesmo os filtros para tratar imagens, um de seus atrativos, não eram novidade. Poderia ter sido só mais uma na lista das redes sociais esquecidas. O mesmo vale para a negociação que culminou na venda para o Facebook: num mundo de valorações tão etéreas e pouco as-

sentadas em critérios objetivos, números radicalmente diferentes seriam igualmente plausíveis. Três anos depois, ainda se discute se o preço pago foi alto ou baixo.

Paira sobre toda a narrativa o espectro da crise das empresas pontocom no ano 2000. O primeiro florescimento da economia on-line se desmanchou da noite para o dia. Nada garante que o mesmo não possa acontecer nesta nova fase, na qual uma pequena startup como o Instagram pôde ser vendida por 1 bilhão de dólares não apenas sem nunca ter dado lucro, mas sem ter sequer gerado um centavo de receita. O próprio império do Facebook vive cotidianamente o medo de se tornar irrelevante.

Vilicic fez um bom trabalho de averiguação de fatos e de entrevista com as pessoas mencionadas na história. Sua evidente



PAULO VITALE



eos

DEDICAÇÃO, INTELIGÊNCIA E SORTE Mike Krieger: a startup que ele criou com um sócio americano foi vendida para o Facebook, dezoito meses depois do lançamento, por 1 bilhão de dólares. E sem nunca ter gerado um centavo de receita

admiração por Krieger pode às vezes soar excessiva. Mas isso é um detalhe numa narrativa que, mais do que qualquer coisa, nos ajuda a conhecer, por meio de uma ponte brasileira, a história e a cultura do Vale do Silício, onde idealismo, ego e ambição caminham lado a lado, produzindo casos de sucesso e enormes frustrações.

Ocasionalmente, o autor arrisca incursões por temas controversos ligados ao mundo das redes sociais. Tratados de maneira curta mas eficaz, os possíveis efeitos das tecnologias em nossa mente deixam uma inquietação no ar. Os empreendedores sonham em melhorar o mundo, mas e se estiverem contribuindo para o empobrecimento mental da humanidade, para relações mais superficiais e para a diminuição da capacidade de concentração?

A parte final do livro trata do Instagram pós-aquisição. Apesar das promessas de que ele continuaria independente, a "facebookização" (é o termo empregado por Vilicic) foi inevitável. A publicidade entrou, os termos de uso se tornaram menos protetores da privacidade e a abertura para novos empreendedores desenvolverem projetos ligados ao serviço foi cortada abruptamente. Na visão popular, uma rede social alternativa e "do bem" passou a integrar o império do mal.

O *Clique de 1 Bilhão de Dólares* é uma boa janela para os nomes e as grandes sagas que se desenrolam no Vale do Silício. Um campo de competição feroz, de gênios megalomaniacos, de transformações sociais e de cifras inacreditáveis, no qual o triunfo retumbante e o fracasso mais aterrador estão a um clique de distância. ■

GILBERTO TADDAY

Um colosso do rock

Sticky Fingers, dos Rolling Stones, é relançado com um CD extra com gravações ao vivo feitas em Londres na melhor fase da banda. Vale a pena voltar ao passado

OKKY DE SOUZA

A Roundhouse é uma casa de espetáculos em Chalk Farm, no norte de Londres, especializada em atrações de rock. Hoje está reformada e bonita, mas no início dos anos 70 era pouco mais que um galpão empoeirado. Lá, em 1971, vivi um dos momentos inesquecíveis de minha juventude — assisti, pela primeira vez, a um show dos Rolling Stones. Céus, pensei, como é explosiva a combinação entre a dança e os vocais de Mick Jagger e a guitarra atrevida de Keith Richards! A banda estava lançando o álbum *Sticky Fingers*, o segundo da trilogia que contém o melhor de sua obra e que se completa com o anterior, *Let It Bleed* (1969), e o seguinte, *Exile on Main St* (1972). Os três consagraram os Stones, definitivamente, como a melhor banda de rock desde que o gênero foi criado, nos anos 50.

Agora, *Sticky Fingers* está voltando às lojas, inclusive no Brasil. Além de as gravações terem sido aprimoradas com a tecnologia digital, o relançamento traz um adicional de tirar o fôlego: um CD extra com cinco músicas gravadas... no show da Roundhouse. São algumas das melhores composições da fase de ouro dos Stones, como *Midnight Rambler* e *Honky Tonk Women*. Para mim, claro, é uma deliciosa viagem no tempo. Para o público mais jovem, é uma ótima chance de ver o grupo com a vibração das apresentações ao vivo. Mas não é só: o CD extra traz cinco gravações de estúdio diferentes das originais, de músicas de *Sticky Fingers*. No mais surpreendente desses *takes*, realizado

durante as gravações do disco, Eric Clapton se junta aos Stones para interpretar o rock *Brown Sugar*. Outro rock ultrassacudido, *Bitch*, vem em versão ampliada, com mais dois minutos de gravação. Sempre que um artista ou uma banda de sucesso entra no estúdio, faz diversos *takes* de cada música e depois escolhe o que mais lhe satisfaz. É daí que surgiram essas versões alternativas do disco.

Sticky Fingers é o primeiro álbum dos Stones que conta com o guitarrista Mick Taylor como titular da banda. Antes, o cargo pertencia a Brian Jones, que morreu drogado e afogado na piscina de sua casa, em 1969, aos 27 anos. Taylor atuou em faixas de *Let It Bleed*, mas apenas como músico convidado. Brian Jones, na verdade, foi o fundador dos Stones, mas acabou obscurecido pelas formidáveis atuações de Jagger e Richards — e também pela quantidade mastodôntica de drogas que consumia. Já no fim da vida, ele se tornou uma pedra no sapato da dupla. Sua intenção era que o grupo se dedicasse apenas ao blues e ao rock baseado no blues, como fazia no começo da carreira e como fazia a maioria das bandas londrinas da época. Jagger e Richards, no entanto, abriram o leque musical do quinteto, lançando mão do country e até dos ritmos latinos.

Sticky Fingers é um marco na carreira dos Stones não apenas pela qualidade das canções, mas pela incrível capa, assinada pelo artista americano (então) de vanguarda Andy Warhol. A capa traz a imagem da cintura de um homem que está usando jeans com um zíper de verdade. Os fãs brasileiros só descobriam que o zíper era real quando passavam





O FURACÃO NÃO ARREFECE

Os Stones no palco, em 1971: a combinação explosiva da voz e dos trejeitos de Mick Jagger com a guitarra irreverente de Keith Richards deu ao grupo o título, que vale até hoje, de melhor atração do rock desde que o gênero foi criado

nas lojas de LPs importados, que na época custavam os olhos da cara. Nesse período, as gravadoras no Brasil eram impiedosas em desfigurar as capas originais e criavam versões baratas delas, às vezes até eliminando os encartes.

O encarte de *Sticky Fingers*, por sinal, é típico da irreverência dos Stones. Traz uma foto do grupo com Mick Jagger... bocejando! O baixista Bill Wyman, por sua vez, posou para a foto... com o dedo no nariz! O disco marca ainda a estreia do logotipo dos Stones, aquele da boca com a língua para fora, que se tornaria um dos mais duradouros ícones da cultura pop.

Fazia muito tempo que eu não ouvia *Sticky Fingers*. Foi assim também com os melhores álbuns dos Beatles. Ouvi-os à exaustão, até que a roda do tempo fez deles coisa do passado em minha vida. Hoje não coloco mais seus discos para tocar, mas é sempre com muito prazer que ouço uma música deles em algum lugar ou em alguma rádio. Ouvir de novo *Sticky Fingers*, cujo LP original está em algum armário de casa em meio à minha bagunçada discoteca, teve esse mesmo efeito. Como era bom! Como continua bom e atual! Até dá saudade dos shows da Roundhouse. ■



**PERSONALISMO
DEMOCRÁTICO**

Fischer: "O maestro ideal é uma mistura de liderança firme com senso humanitário"

A orquestra sou eu

Diretor artístico da Budapest Festival Orchestra, que se apresenta nesta semana no Brasil, Iván Fischer é um maestro à moda antiga — mas de olho no futuro

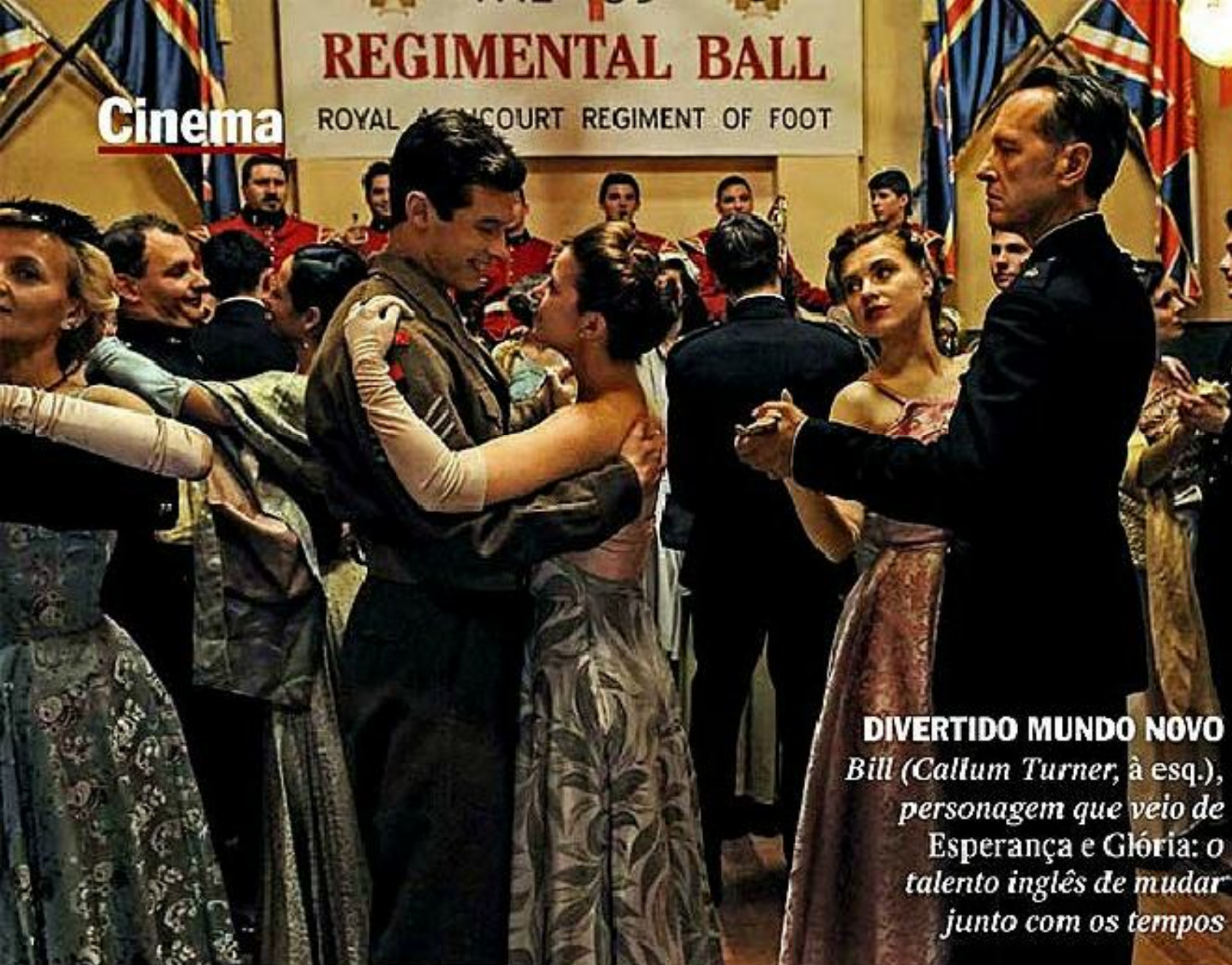
No atual universo da música erudita, é cada vez mais rara a figura do regente personalista e ditatorial, a distribuir carraspanas enquanto rege a *Nona Sinfonia* de Beethoven. Muitos grupos sinfônicos estão atrelados a sindicatos poderosos, e qualquer reprimenda em tom mais áspero é suficiente para que os instrumentistas se rebelem (tal é o caso da Filarmônica de Berlim, que na semana passada escolheu o maestro russo Kirill Petrenko como seu novo titular). Mas o húngaro Iván Fischer, de 64 anos, traz em sua personalidade o melhor de dois mundos: ele é enérgico e exigente, porém os músicos não se imaginam conduzidos por outro líder. Diretor artístico da Budapest Festival Orchestra, que nesta semana faz recitais em São Paulo e no Rio, ele é conhecido pelo perfeccionismo, a ponto de seus comandados saírem dos en-

saíros exaustos. Por outro lado, tem desenvolvido um trabalho importante na popularização do gênero erudito. Organiza concertos para crianças e récitas à meia-noite para os adolescentes — nas quais os músicos decidem que peças a orquestra vai tocar. Outra criação de Fischer são os concertos nos quais a plateia se senta ao lado dos músicos e até discute o repertório da noite. "O maestro ideal é uma mistura de liderança firme com senso humanitário", diz ele, em entrevista a VEJA.

Iván Fischer cresceu numa família musical. Seu pai, Sándor, tocava para Iván e seu irmão, Ádám (que também é regente), gravações de Wilhelm Furtwangler, Otto Klemperer e Arturo Toscanini, para que os meninos identificassem as diferentes leituras que os maestros faziam de uma mesma obra. Fischer foi discípulo dos regentes austríacos Hans Swarowsky e Nikolaus

Harnoncourt. "Swarowsky me ensinou a respeitar o compositor e sua obra. Harnoncourt, por sua vez, me mostrou que a música é a língua pela qual nos comunicamos." Em 1983, ele criou a Budapest Festival Orchestra, hoje um dos grupos sinfônicos mais celebrados do país. De ascendência judia, Fischer já compôs uma ópera em iídiche. Seus avós maternos morreram em um campo de concentração — e ele observa com preocupação o crescimento da direita radical e xenófoba na Hungria. "Eu me oponho a qualquer tipo de nacionalismo. Mas nunca sofri reprimendas do governo, que continua a manter essa maravilhosa orquestra", diz. Na turnê brasileira, Fischer não vai recorrer a suas inovações — é a orquestra no palco e os espectadores na plateia, como manda a convenção. O repertório inclui Gustav Mahler, Johannes Brahms, Richard Strauss e Béla Bartók. "São compositores que dominaram a primeira metade do século XX e ofereceram um novo significado para a música", diz. ■

SÉRGIO MARTINS


DIVERTIDO MUNDO NOVO

Bill (Callum Turner, à esq.), personagem que veio de *Esperança e Glória*: o talento inglês de mudar junto com os tempos

Deus salve o passado

Rainha & País retrata as crises do pós-guerra

Aos 9 anos, ainda de posse daquela ingenuidade que frequentemente é uma das mais cortantes ferramentas críticas acerca do mundo adulto, o pequeno Bill Rohan foi um protagonista memorável para *Esperança e Glória*, o filme de 1987 no qual o diretor John Boorman recuperava, com alguma ficcionalização, sua experiência aventuresca de crescer na Londres sob os bombardeios nazistas da II Guerra. Um observador por excelência, como convém a um futuro cineasta, Bill reaparece agora, aos 18 anos, em *Rainha & País* (*Queen and Country*, Irlanda, França e Romênia, 2014), já em cartaz. E a guerra, tão definidora de todos os aspectos da vida inglesa mesmo décadas após o seu término — do infundável racionamento de alimentos à reação representada pela revolução pop dos anos 60 —, dita também os rumos mais comezinhos da vida de Bill (Callum Turner): convocado pelo Exército, ele não é mandado para lutar na Coreia, como imaginava. Junto com seu inseparável amigo de caserna, o baderneiro Percy (Caleb Landry Jones), recebe a incumbência de permanecer no quartel e tocar as aulas de datilografia dos novos recrutas. Entediados e exasperados com as regras

da caserna, os dois exercitam seu inconformismo de várias maneiras possíveis. Uma de suas brincadeiras, porém, revela-se funesta. Ao voltarem o código militar contra o superior (David Thewlis) que os atormenta com seu conhecimento em prosa e verso de todos os artigos nele contidos, os rapazes provocam no sujeito um tristíssimo colapso: veterano das duas grandes guerras e gravemente traumatizado desde a primeira delas, o superior tinha no seu apego aos verbetes e alíneas a única forma de manter alguma sanidade.

Mas que sanidade poderia haver em um sistema nascido de um mundo já desaparecido?, indaga John Boorman, hoje com 82 anos. Tudo em volta dos personagens é um sinal de uma Inglaterra que logo estaria radicalmente mudada, e na qual a coroação da rainha Elizabeth II, em 1953, é vista pelos protagonistas como um desfile curioso, ou como um símbolo vazio de um poder irremediavelmente perdido na década anterior. Essa é, claro, a sensação que Bill experimenta, não o saldo dos fatos: com sua graça, sua nostalgia e sua empatia, *Rainha & País* acaba por ressaltar muitas coisas nas quais a Inglaterra de ontem poderia reconhecer a de hoje. Entre elas, a extraordinária capacidade de mudar junto com os tempos — e de se divertir enquanto o faz. ■

ISABELA BOSCOV

Ponham-se no seu lugar!

Eis o erro de *Minions*: é um filme só de coadjuvantes

Em *Meu Malvado Favorito*, de 2010, Gru, o supervilão que se revela um pai amoroso, era auxiliado por um exército de criaturas baixinhas e amarelas. Os minions — em português, algo como “capanças” — encantaram crianças e adultos, tornaram-se memes nas redes sociais e voltaram com igual sucesso em *Meu Malvado Favorito 2*. O estúdio de animação Illumination Entertainment agora dedica um filme inteiro aos amarelinhos. *Minions* (Estados Unidos, 2015), já em cartaz, traz para o centro da ação os esquetes cômicos que animavam os filmes estrelados por Gru. E é só isso: uma exasperante sucessão de gags descontroladas. O filme acompanha a tribo minion da origem pré-histórica ao primeiro encontro com Gru (não, não entregamos o final: era óbvio que acabaria assim). Como os heróis não falam linguagem articulada, os primórdios ganham uma monótona narração em off. Depois, há um tênue fio de enredo envolvendo a vilã Scarlett Overkill e uma disputa pela coroa da Inglaterra. Tudo isso se passa nos anos 60, o que é pretexto para cliques com o rock da época, de The Who a The Monkees. Os minions nasceram para ser coadjuvantes, e nessa condição deveriam ter permanecido. ■

JERÔNIMO TEIXEIRA

OS MEMES Aliás, os minions: cliques de rock dos anos 60 e quase nenhuma história





DISCO O compositor pernambucano Zé Manoel: erudito-pop

GE PRADO/DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

DISCO A inglesa Florence: no novo trabalho, os duendes new age cederam lugar ao rock clássico



DISCOS

CANÇÃO E SILÊNCIO,
ZÉ MANOEL (INDEPENDENTE)

■ O pernambucano Zé Manoel estudou piano clássico e tinha a preten-

são de virar compositor erudito — seus modelos eram os cariocas Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga, que traficavam entre o erudito e o popular. Ele chegou até a fazer faculdade de música, mas não concluiu o curso. Zé, no entanto, não desistiu da profissão. *Canção e Silêncio* é o segundo disco desse cantor e compositor (mais compositor do que cantor, diga-se: a voz não é seu forte) nascido em Petrolina.

Além de beber na fonte erudita, ele se mira em marcas registradas do cancionário brasileiro, como as composições de Dorival Caymmi e da bossa nova. Entre as boas faixas estão duas orquestradas pelo maestro baiano Letieres Leite: a que dá título ao disco e *Sereno Mar*. O CD está disponível para download gratuito no site www.zemanoel.com.br.

HOW BIG, HOW BLUE, HOW BEAUTIFUL,
FLORENCE + THE MACHINE (UNIVERSAL)

■ Ao surgir no pop inglês, em 2009, Florence Mary Leontine Welch trazia como marca as letras confessionais e um verniz new age chique, inspirado na pioneira Kate Bush. No seu terceiro disco, contudo, ela empreende uma mudança radical de

estilo. Saem aquelas batucadas tribais (que a inspiravam a correr pelo palco de camisolão, como se viu no último Rock in Rio) e entra uma batida inspirada no pop negro americano dos anos 60. A parceria com o produtor Markus Dravs, que já trabalhou com os grupos Arcade Fire e Coldplay, contribuiu para outra boa guinada. As composições estão mais para o classic rock de bandas como Fleetwood Mac do que para a sonoridade “eu acredito em duendes” de outrora — o que se evidencia nas faixas *Ship to Wreck* e *Mother*.



LIVRO

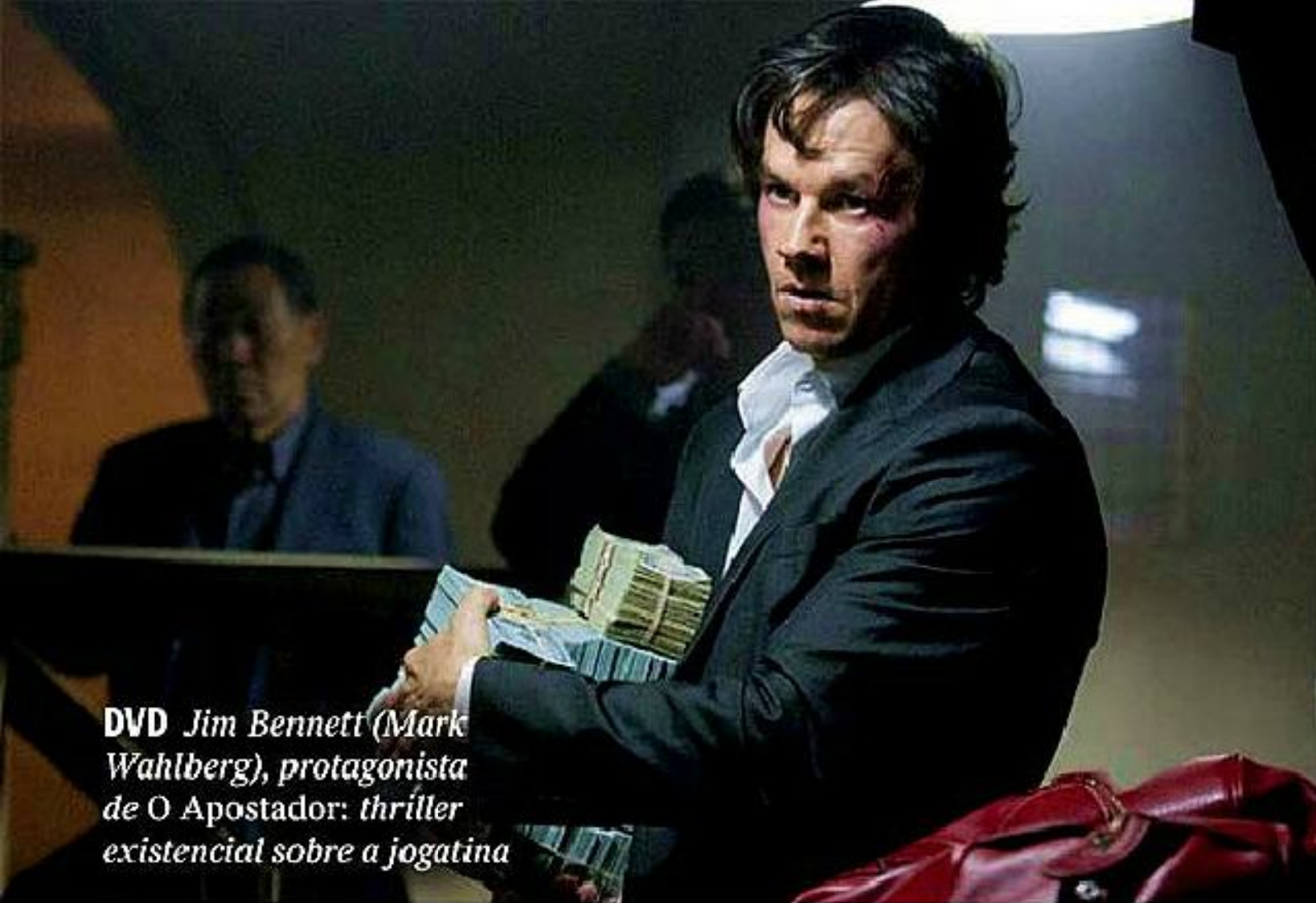
NORA WEBSTER, DE COLM TÓIBÍN (TRADUÇÃO DE RUBENS FIGUEIREDO; COMPANHIA DAS LETRAS; 400 PÁGINAS; 54,90 REAIS)

■ Nascido em uma família católica da Irlanda rural, o escritor Colm Tóibín tem a obra pontuada por dois tipos de personagem: os gays e as mães. O que une os dois polos é a elegância inquebrantável: com sutileza, o homossexual assumido Tóibín explorou as pistas da suposta vida enrustida do romancista americano Henry James (1843-1916) em *O Mestre*, de 2004. Em *Nora Webster*, ele se vale de igual contenção ao deter-se sobre seu outro foco de

* os mais vendidos **veja**

■ A obsessão com a organização doméstica fez a japonesa Marie Kondo ter um colapso na juventude. “Após um desmaio, enxerguei com clareza: devemos manter em casa só os objetos que nos dão alegria. O resto é dispensável”, diz. Hoje, aos 30 anos, a autora de *A Mágica da Arrumação* (tradução de Marcia Oliveira; Sextante; 160 páginas; 24,90 reais ou 16,99 reais na versão digital) extrai um belo lucro daquela fixação. Sucesso no Japão e nos Estados Unidos, seu manual ocupa o segundo

lugar na lista de autoajuda de VEJA. O trunfo de Marie é revestir uma questão prática de caráter iluminador: arrumar a casa, vende ela, é uma forma de limpar a alma. Em contraste com a autoajuda em geral, que traveste lugares-comuns em conselhos salvadores, seu livro traz lições que vão melhorar de fato o jeito como o leitor dispõe meias e cuecas nas gavetas. Diante de uma raridade assim, deve-se tirar o chapéu — só não o largue fora do lugar, senão a moça surta. **MARCELO MARTHE**



DVD Jim Bennett (Mark Wahlberg), protagonista de O Apostador: thriller existencial sobre a jogatina

DIVULGAÇÃO



interesse, as mãos. A personagem-título é uma viúva que tenta juntar os cacos e criar os quatro filhos após a morte do marido influente num lugarejo. Mas o assédio da fofoqueira da comunidade só faz puxá-la de volta para o luto. O autor expõe não só seu universo autobiográfico, mas um paralelo político: a luta de Nora espelha o esforço da Irlanda em superar seu enlutado passado.



RAINHA DO LAR

Marie Kondo:
casa arrumada,
alma lavada

DIVULGAÇÃO

DVD

O APOSTADOR (*THE GAMBLER*, ESTADOS UNIDOS, 2014. PARAMOUNT)

■ Mark Wahlberg pode não ser totalmente convincente como um professor de literatura. É, porém, um ator sob medida para interpretar a outra faceta de Jim Bennett, protagonista deste thriller dirigido pelo inglês Rupert Wyatt (de *Planeta dos Macacos — A Origem*): Jim é um iconoclasta e, como já diz o título, um apostador compulsivo, capaz de deixar na mesa de jogo centenas de milhares de dólares. No entanto, garante não ser viciado na roleta e nas cartas; para ele, o risco — e principalmente a persistência no risco — é uma questão existencial, ditada por uma necessidade de viver seus impulsos autodestrutivos até o limite, algo que só sua aluna Amy (a ótima Brie Larson) parece compreender. Claro que os tipos barbas-pesadas junto aos quais Jim financia sua jogatina (entre os quais um espetacular e assustador John Goodman) não estão nem aí para essa filosofia toda: querem ser pagos com juros, ou querem dar cabo de quem lhes dê o calote.



Os mais vendidos

FICÇÃO

- 1** **O Pequeno Príncipe**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 121#] VÁRIAS EDITORAS
- 2** **A Herdeira**
Kiera Cass [1 | 7] SEGUINTE
- 3** **Para Onde Ela Foi**
Gayle Forman [6 | 35] NOVO CONCEITO
- 4** **Cidades de Papel**
John Green [3 | 80#] INTRÍNSECA
- 5** **Toda Luz que Não Podemos Ver**
Anthony Doerr [4 | 8] INTRÍNSECA
- 6** **A Seleção**
Kiera Cass [8 | 15#] SEGUINTE
- 7** **Invasão do Mundo da Superfície**
Mark Cheverton [9 | 7#] GALERA RECORD
- 8** **Divergente**
Veronica Roth [0 | 40#] ROCCO
- 9** **As Espiãs do Dia D**
Ken Follet [7 | 4] ARQUEIRO
- 10** **Se Eu Ficar**
Gayle Forman [5 | 45] NOVO CONCEITO

NÃO FICÇÃO

- 1** **Bela Cozinha: as Receitas**
Bela Gil [4 | 32] GLOBO
- 2** **Eu Fico Loko**
Christian Figueiredo de Caldas [1 | 20] NOVAS PÁGINAS
- 3** **Correr**
Drauzio Varella [2 | 4] COMPANHIA DAS LETRAS
- 4** **Brasil: uma Biografia** *Lília M. Schwarcz e Heloisa M. Starling* [5 | 7] COMPANHIA DAS LETRAS
- 5** **O Diário de Anne Frank**
Anne Frank [0 | 53#] RECORD
- 6** **A Teoria de Tudo**
Jane Hawking [6 | 21] ÚNICA
- 7** **O Capital no Século XXI**
Thomas Piketty [9 | 28#] INTRÍNSECA
- 8** **Sniper Americano**
Chris Kyle [7 | 17#] INTRÍNSECA
- 9** **Uma Breve História do Tempo**
Stephen Hawking [8 | 3#] INTRÍNSECA
- 10** **Sonho Grande**
Cristiane Correa [0 | 109#] PRIMEIRA PESSOA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

- 1** **Philia**
Padre Marcelo Rossi [1 | 16] PRINCIPIUM
- *2** **A Mágica da Arrumação**
Marie Kondo [2 | 6] SEXTANTE
- 3** **Ansiedade**
Augusto Cury [3 | 76] SARAIVA
- 4** **Não Se Apega, Não**
Isabela Freitas [5 | 53] INTRINSECA
- 5** **A Hora É Agora!**
Zibia Gasparetto [6 | 7] VIDA & CONSCIÊNCIA
- 6** **O Poder da Ação**
Paulo Vieira [9 | 2] GENTE
- 7** **Geração de Valor**
Flávio Augusto da Silva [4 | 30] SEXTANTE
- 8** **O Monge e o Executivo**
James Hunter [8 | 519#] SEXTANTE
- 9** **Negocie Qualquer Coisa com Qualquer Pessoa**
Eduardo Ferraz [7 | 3] GENTE
- 10** **Como Chegar ao Sim com Você Mesmo**
William Ury [0 | 1] SEXTANTE

A. B₁ – A posição do livro na semana anterior. B₁ há quantas semanas o livro aparece na lista. #1 semanas não consecutivas

[illegible]

**J.R.****GUZZO**

O fogo de Curitiba

O líder político mais poderoso do Brasil do século XXI, capaz de ganhar quatro eleições presidenciais em seguida e de se dar muitíssimo bem em praticamente tudo o que quis nos últimos anos, entrou de uma vez por todas num mato fechado. Vai sair, como sempre conseguiu até hoje? Há muito tempo o ex-presidente Lula acostumou-se a saborear o que já foi definido como uma das melhores sensações que um ser humano pode ter: a de atirarem nele e errarem o alvo. Com base no retrospecto, ele espera que sua vida continue assim — mas vivemos um momento em que estão acontecendo coisas que nunca aconteceram antes, e em que se confirma a velha máxima segundo a qual algo só é impossível até tornar-se possível. O último exemplo a respeito é o terremoto causado pela prisão do empresário Marcelo Odebrecht, presidente da maior empreiteira de obras públicas do Brasil e empresa-símbolo das relações íntimas de Lula com os colossos do capitalismo nacional que recebem bilhões de reais em encomendas do governo. Era rigorosamente inacreditável que um ho-

Quem seria capaz de imaginar que Marcelo Odebrecht pudesse ser preso? Parecia impossível, mas aconteceu. Lula, de repente, percebe que não pode contar mais com o impossível

mem desses pudesse ser encarcerado; nunca tinha acontecido antes, e talvez nunca mais volte a acontecer. Quem seria capaz de imaginar uma coisa dessas em nosso Brasil brasileiro? É como se tivessem prendido o papa Francisco. Mas aí está: aconteceu. Lula, de repente, percebe que não pode contar mais com o impossível.

O ex-presidente está lidando com a carga de TNT espalhada à sua volta com o mesmo sistema que utilizou em todas as suas desventuras anteriores: como ficou claro no jato de declarações que decidiu fazer nos últimos dias, ele se defende negando, simplesmente, a realidade que está na cara de todo mundo. O que vai contra os seus interesses não existe, por maiores que sejam as provas em contrário; continua convencido de que o brasileiro gosta muito mais das coisas que ele diz do que das coisas como elas realmente são. Lula, que imagina ser o líder popular ótimo e máximo, como o deus

Júpiter, não pode pôr o pé na rua, com medo de ser vaiado pelo povo de seu país. Não pode dar uma entrevista livre à imprensa, com medo das perguntas que vão lhe fazer. Está mais do que provado que em seu governo, e no governo da sua sucessora, a população foi roubada pela maior onda de corrupção dos 500 anos de história do Brasil. O tesoureiro do seu partido está num xadrez em Curitiba. Tem a companhia, ali, de empreiteiros de obras que há anos presenteiam o ex-presidente com viagens em jatinhos particulares, utilizaram seus serviços como promotor de vendas, pagaram-lhe milhões de reais em troca de palestras e mantêm com ele uma intimidade tão completa a ponto de lhe darem o amável apelido de “Brahma”. Lula é responsável direto pela invenção de Dilma Rousseff, que está a caminho de tornar-se a pior presidente que este país já teve. Advoga, em público, a favor de diversos dos mais sinistros ditadores do planeta — e por aí segue a procissão. Mas ele parte para sua defesa, mais uma vez, agindo como se tudo isso estivesse acontecendo em alguma galáxia perdida no fundo do universo. Ou, se está acontecendo aqui, o único que não tem nada a ver com a história é ele mesmo.

De quem seria a culpa, nesse caso? Eis uma questão em que o ex-presidente não se aperta; ele é um grande especialista em fuzilar feridos para salvar a si mesmo. Na sua atual ofensiva, e logo de cara, não teve o menor problema em sair acusando o governo Dilma, na esperança de misturar-se aos 65% de brasileiros que acham ruim ou péssimo o desempenho de sua criatura. A presidente, descobriu Lula, está no “volume morto” — como se ele não tivesse res-

pensabilidade nenhuma por nada do que está dando errado. O PT, que vai tão mal quanto Dilma, foi denunciado por “pensar só em cargos” e os petistas por não fazerem “nada de graça” — como se ele não cobrasse pelos serviços que presta aos empreiteiros. Culpou o ódio cada vez maior que existe contra o partido — como se ele não fosse o produtor número 1 do rancor na política brasileira. Acusou o governo Dilma de não fazer nada, com seu “legalismo”, para combater a ação da Justiça nas investigações de corrupção — e o que queria que fosse feito? Não existe a menor ligação disso tudo com a verdade dos fatos, é óbvio. Fica apenas uma soberba sem limites, hoje transformada num vício do qual Lula parece incapaz de se livrar.

Lula precisa fazer mais do que repetir a mesma missa. O fogo de Curitiba, com o correr do tempo e a coleta de provas, deveria estar cada vez mais longe dele. Está cada vez mais próximo.

JOHN  JOHN

JEANS MADE IN HEAVEN

ADAM LEVINE

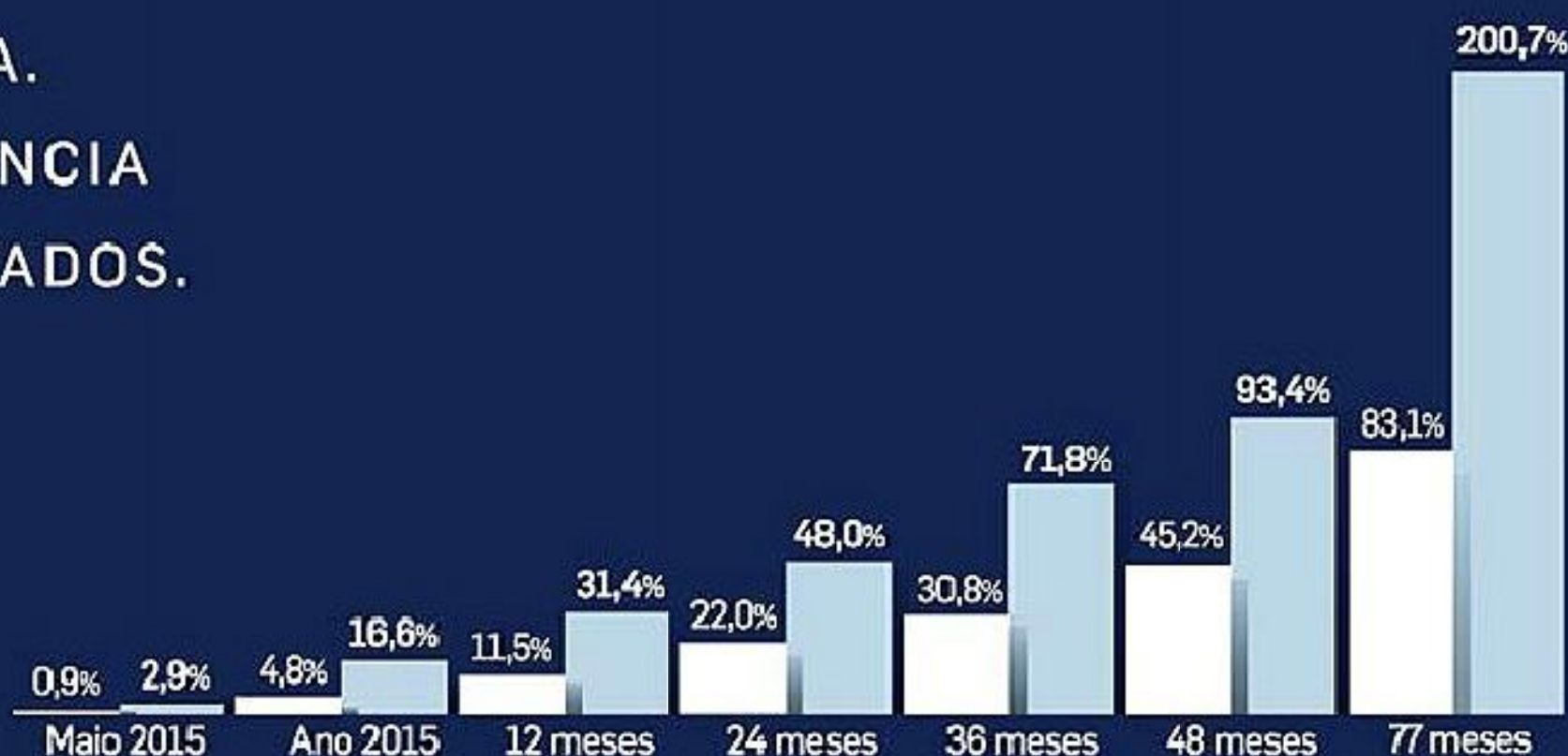
OS OBSTÁCULOS SÃO OS MESMOS PARA TODOS.
OS RESULTADOS SÃO MELHORES PARA ALGUNS.



INVESTIMENTOS SAFRA. ESTRATÉGIA E EXCELÊNCIA CONSTRUINDO RESULTADOS.

Consulte um de nossos gerentes
ou ligue para 0300 105 1234.

■ CDI
■ FUNDO SAFRA GALILEO



SAFRA, ELEITO O MELHOR GESTOR DE ALOCAÇÃO MISTA FLEXÍVEL.
FUNDO SAFRA GALILEO - RANKING 5 ESTRELAS*.



Safra

Tradição Secular de Segurança



A presente instituição aderiu ao
Código ANBIMA de Regulação e
Melhores Práticas para os Fundos
de Investimento.

*Rentabilidade nominal do Fundo no mês de maio de 2015 (compreendido entre 30/04/2015 e 29/05/2015), acumulada no ano de 2015 (compreendido entre 31/12/2014 e 29/05/2015), 12 meses (compreendido entre 30/05/2014 e 29/05/2015), 24 meses (compreendido entre 31/05/2013 e 29/05/2015), 36 meses (compreendido entre 31/05/2012 e 29/05/2015), 48 meses (compreendido entre 31/05/2011 e 29/05/2015) e 77 meses (compreendido entre 30/12/2008 e 29/05/2015). Data-base: 29/05/2015. Fontes: www.cvm.gov.br e www.cetip.com.br. Conforme previsto em seu regulamento, o Fundo utiliza o CDI como parâmetro de performance. O Safr Galileo tem apresentado, nos últimos 77 meses, rentabilidade consistentemente superior a o CDI, como mostram os números no gráfico acima. O Safr Galileo Fundo de Investimento Multimercado ("Safr Galileo" ou "Fundo") é destinado a investidores em geral. O Fundo tem como objetivo buscar rentabilidade diferenciada para seus cotistas mediante aplicação de recursos em ativos financeiros e demais modalidades operacionais disponíveis no âmbito do mercado financeiro e de capitais, tais como ouro, câmbio, títulos e valores mobiliários, juros, cotas de fundos de investimento de qualquer classe, títulos públicos, derivativos, entre outros. LEIA O PROSPECTO, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU DO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO - FGC. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS E TAXA DE SAÍDA, A QUAL INCIDIRÁ SE O COTISTA NÃO RESPEITAR A PROGRAMAÇÃO DE RESGATE DE 30 DIAS. Não há garantia de que este Fundo terá o tratamento tributário para os fundos de longo prazo. O Fundo pode estar exposto à significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Este Fundo utiliza estratégias que podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do Fundo. O Fundo está autorizado a aplicar em ativos financeiros negociados no exterior. Categoria ANBIMA: Multi Mercados Multi estratégia. Taxa de administração de 2,00% ao ano e taxa de performance de 20% sobre o que exceder a variação do CDI. Data de início do Fundo: 30/12/2008. Aplicação inicial: R\$ 500.000,00. A conversão de cotas ocorrerá no 1º dia útil após a solicitação do resgate e o pagamento ocorrerá no 1º dia útil após a data da conversão, situação na qual incidirá a taxa de saída de 10% sobre o valor bruto resgatado. Não será cobrada do cotista a taxa de saída caso sejam apresentadas programações de resgate com antecedência mínima de 30 dias corridos da conversão de cotas. PL médio 12 meses: R\$ 5.535,82 milhões. Administrador do Fundo: JS Administração de Recursos S.A. / Gestor do Fundo: J. Safr Asset Management Ltda. Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditivas e de Fala/SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755 - Atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria, caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236 - De segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, exceto feriados. * Fonte: Revista Valor Investe - Edição Junho/2015.